

50
ANOS

Gustavo Angeli
Viviana Carola Velasco Martinez

**AS POSSÍVEIS
TRADUÇÕES DE
DO ENIGMA
GÊNERO:**

Uma discussão
psicanalítica da
transsexualidade
a partir da
autobiografia de
Joana Nollais

**Reitora**

Rosemari Glatz

Vice-Reitor e**Pró-Reitor de Administração**

Sergio Rubens Fantini

Pró-Reitor de Graduação

Sidnei Gripa

Pró-Reitora de**Pós-graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura**

Edinéia Pereira da Silva

Coordenação Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop

Rosemari Glatz

Editora da UNIFEBE**Mantenedora**

Fundação Educacional
de Brusque (FEBE)

Mantida

Centro Universitário
de Brusque (UNIFEBE)

Endereço

Rua Vendelino Maffezzolli,
333 | Bairro Santa Terezinha
Brusque - SC | CEP: 88352-360

+55 (47) 3211 7000

unifebe.edu.br

editora@unifebe.edu.br

Titulares Conselho Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop

Carla Zenita do Nascimento

Luana Franciele Fernandes Alves

Sidnei Gripa

Rosana Paza

Wallace Nóbrega Lopo

Jeisa Benevenuti

Ricardo José Engel

Eliane Kormann Tomazoni

Pastor Claudio Siegfried Schefer

Suplentes Conselho Editorial

Edinéia Pereira da Silva

Arthur Timm

Angela Sikorski Santos

Luzia de Miranda Meurer

Fernando Luis Merízio

Sergio Rubens Fantini

Rodrigo Blödorn

Julia Wakiuchi

Rafael Niebuhr Maia de Oliveira

Joel Haroldo Baade

Jorge Paulo Krieger Filho

Produção Editorial

Jamaica de Sousa

Peterson Paulo Vanzuita

Projeto Gráfico e Diagramação

Peterson Paulo Vanzuita

Capa

Peterson Paulo Vanzuita

Revisão

Rosana Paza

Gustavo Angeli
Viviana Carola Velasco Martinez

**AS POSSÍVEIS
TRADUÇÕES DE
DO ENIGMA DE**

GÊNERO: Uma discussão
psicanalítica da
a transexualidade
partir da
autobiografia de
Joana Nollis

Editora UNIFEBE
Centro Universitário de Brusque - Fundação Educacional de
Brusque - FEBE
Endereço: Rua Vendelino Maffezzoli, 333, Bairro Santa Terezinha
Brusque - SC, CEP: 88352-360
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7000
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br

Angeli, Gustavo.

As possíveis traduções do enigma de gênero : uma discussão psicanalista da transsexualidade a partir da autobiografia de Joana Nolais / Gustavo Angeli, Viviana Carola Velasco Martinez. – Brusque: Ed. UNIFEBE, 2023.

128 p. ; 6,75 MB

ISBN 978-65-86346-61-9

1. Psicanálise. 2. Gênero. 3. Transsexualidade. 4. Teoria da sedução generalizada. I. Martinez, Viviana Carola Velasco. II. Título.

CDD 150.1952

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2023 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

INTRODUÇÃO

A proposta deste livro é discutir a transexualidade como uma possível tradução das mensagens enigmáticas de gênero veiculadas pelo adulto ao cuidar de uma criança. O fazemos analisando a autobiografia da transexual Joana Nolais, História de Joana transexual (RIHOIT; NOLAIS, 1980)¹.

Nos ocupamos apenas do transexual feminino, ou seja, o sujeito com um corpo anatomicamente masculino, portador de um pênis e em conflito com uma identidade sexual feminina. Isto é, uma pessoa do sexo masculino que se considera psiquicamente uma mulher. De acordo com a American Psychiatric Association (2003, p. 550), não existem estudos epidemiológicos recentes, entretanto, os dados de países menores da Europa, “[...] com acesso a estatística da população total e encaminhamentos, sugerem que aproximadamente 1 em 30.000 homens adultos e 1 em 100.000 mulheres adultas buscam cirurgia de troca de sexo”. Assim, a escolha do transexual feminino se relaciona a sua maior incidência, mesmo que nem todos os transexuais desejem ou possam participar do processo transexualizador, como veremos adiante.

O estudo da transexualidade implica em revisitar conceitos fundamentais da psicanálise, possibilitando outros olhares, para além da patologização, sobre o exercício da sexualidade e sua constituição.

¹ O presente trabalho foi parcialmente publicado em formato de artigo na Revista Estudos Feministas e se encontra sob Licença de Creative Commons CC-BY. Referência: MARTINEZ, Viviana Carola; ANGELI, Gustavo. Joana Nolais e o enigma de gênero: uma discussão psicanalítica da transexualidade. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 27, n. 1, e48154, 2019. Acesso: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n148154/38946>.



Desde o início demarcamos nossa posição teórica em relação às discussões em torno da transexualidade ser uma patologia ou não. O termo utilizado ao longo deste trabalho será transexualidade ao invés de transexualismo. O sufixo “-ismo” pode ter a conotação de patologização, o que, justamente, procuramos deslocar para o campo da possibilidade e não mais o da doença ou transtorno (ARAN, 2009). Entretanto, cabe lembrar que, diante de tal posicionamento, não nos esquivamos de uma discussão sobre a transexualidade e o patológico, quando for o caso.

A transexualidade, na atualidade, pode ser discutida a partir de quatro eixos temáticos, tais como o diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero ou Disforia de Gênero (1), os direitos dos transexuais (2), a cirurgia de redesignação sexual (3) e a etiologia da transexualidade (4). Cada temática destaca um universo de interrogações e desafios, pois há muitas divergências nos posicionamentos dos próprios autores e dos transexuais.

O primeiro eixo se relaciona às considerações em relação à classificação do transexual como portador de uma patologia. Seria a transexualidade uma doença? O segundo eixo, as políticas públicas, tem como desafio o debate em relação aos direitos em torno do acesso à cirurgia de redesignação sexual, alteração nos documentos de identidade ou nome e o reconhecimento social do transexual. O terceiro eixo se destina a discutir as implicações da cirurgia de redesignação sexual, neste sentido destacamos o diagnóstico e avaliação dos candidatos, o processo cirúrgico e sua irreversibilidade, o acompanhamento da equipe multiprofissional do transexual por no mínimo dois anos, o pós-operatório e seus efeitos na vida do sujeito. O quarto eixo se relaciona às concepções em torno da origem da transexualidade, às inúmeras discussões no campo da medicina, psicologia e psicanálise que visam a compreensão e explicação da transexualidade. Mais adiante, colocamos cada uma destas temáticas em discussão.



Entretanto, e para além da patologia, da política ou do processo cirúrgico, este trabalho objetiva estudar o processo de constituição do sujeito transexual. Assim, e a partir do corpo teórico da psicanálise freudiana e da Teoria da Sedução Generalizada, de Jean Laplanche, visamos ampliar a discussão do fenômeno transexual para a origem psíquica da constituição de um sujeito que está em profundo conflito com seu sexo e seu gênero. Trata-se de acompanhar, através da análise e da interpretação, os conflitos de um sujeito e a sua temporalização que exige a transformação radical do seu corpo, do seu sexo, como uma tradução para as mensagens enigmáticas que se inscrevem nele na alteridade.

A proposta se inspira no próprio ato que funda a psicanálise, a escuta do sofrimento. Freud, ao se deparar com as históricas, não aceita as concepções que restringem o fenômeno ao biológico, ao inato ou à degeneração, e inicia um árduo trabalho de investigação que culmina na teoria psicanalítica. A teoria freudiana, em relação à constituição do psiquismo e ao desenvolvimento da sexualidade, já havia apontado – e Laplanche avança muito a esse respeito – que tal processo não é natural, que a simples passagem do tempo não promove o desenvolvimento do aparelho psíquico, e ressalta a importância do adulto na constituição do humano e os mais variados caminhos que se fazem necessários para a satisfação que a pulsão exige. Deste ponto de vista, não é concebível aderir a um padrão único de sexualidade, onde todos se satisfariam da mesma forma e com os mesmos objetos, ou presumir que, diante da complexidade da constituição, não possam emergir traços psíquicos diferenciados. As marcas deixadas por um adulto no corpo e no psiquismo de uma criança promoverão caminhos para sua constituição dos mais variados possíveis e imagináveis.

O transexual reafirma os fundamentos da teoria psicanalítica quando revela seu conflito, entre o sexo e o gênero, destaca a impossibilidade de conceber caminhos naturais ou inatos



para o desenvolvimento da sexualidade, dito de outro modo, a naturalização da correspondência entre sexo e gênero é desconstruída e questionada a partir da pluralidade e diversidade da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais). Não há um único caminho no que se refere à constituição do ser humano. O padrão heteronormativo e a heterossexualidade compulsória são questionados, e desta forma, não se ignora as singularidades e nem as pluralidades. Isto nos interessa, porque nos permite ultrapassar uma concepção conservadora e marcante que ainda afirma que tudo o que não está dentro dos padrões bíblicos é pecado ou é anormal.

Felizmente, no contexto social em que vivemos, observam-se manifestações da sexualidade das mais variadas formas, que não se restringem exclusivamente a um padrão heterossexual, monogâmico, em que o sujeito tem apenas um parceiro ao longo ou em períodos de sua vida, comprometido apenas com a procriação. Podemos mencionar como exemplos de mudanças a criação de políticas públicas de saúde para os gays, lésbicas, travestis, bissexuais e transexuais; programas de televisão que suscitam e revelam histórias homoafetivas; as passeatas e as paradas gays que todos os anos crescem e angariam mais adeptos no país; a possibilidade do casamento entre indivíduos do mesmo sexo; reconhecimento das famílias homoparentais e, de certa forma, uma demanda por uma maior naturalidade no cotidiano em relação à diversidade sexual. O próprio Freud (1920/1996a) afirma, ao se referir a um caso de homossexualidade feminina, não se tratar de uma doença - pois no caso de Sidonie não encontra um conflito - e sim de uma variante da organização genital sexual. Trata-se de possibilidades, das vicissitudes do desenvolvimento da sexualidade que nem sempre segue o rumo esperado, ele pode se deter no percurso ou mudar seus rumos (FREUD, 1917/2014a). Mas tudo isso não acontece sem resistência, aí está a homofobia, algo a ser combatido ainda.



É nesse sentido que propomos fazer uma escuta de História de Joana Transexual, escrito por Rihoit e Nolais (1980) e torná-la mais pública ainda, através deste livro. O livro de Joana foi escolhido dentro de uma diversidade de narrativas e histórias de transexuais, tanto em produções autobiográficas como em romances, entre eles: Myra Breckinridge (VIDAL, 1970), A moça de Copenhague (EBERSHOFF, 2002), Nicola, Um romance transgênero (ANGRIMANI, 1999), Meu corpo minha prisão: Autobiografia de um transexual (ÀDREON, 1985), Muito prazer Roberta Close (RITO, 1998), De niño a mujer: Biografia de Dolly Van Doll (MATOS, 2007), e tantas outras. Contudo, a autobiografia de Joana se apresentou como um material acessível, pois apesar da variedade de produções, como mencionamos, as edições em pequenas editoras ou de outros países não estavam disponíveis.

Joana², diferente de outras heroínas, é uma mulher simples, o que a levou a procurar uma amiga jornalista para escrever e organizar sua história, produzir sua obra, por isso a coautoria. Ao longo do seu relato, Joana procura sua verdade ao se interrogar sobre sua vida, o que nos permite acompanhar seus conflitos do começo ao fim, na sua história. E nos permite, também, analisar os diferentes elementos que compõem as origens de sua transexualidade, nesse percurso desde sua infância à velhice. Joana, ao contar sua história, não apenas se dispõe a relatar os acontecimentos, mas se questiona, associa outros elementos e convida o leitor a elaborar com ela um novo sentido para cada etapa de sua vida. Por isso, a autobiografia de Joana possibilita uma saída da exclusão e da invisibilidade da transexualidade para a visibilidade de gostos, preferências, o modo de lidar com um corpo masculino e o exercício da sexualidade. Joana dá cor e forma aos

² Em relação ao nome original Jeanne, optamos por manter a tradução, Joana (RIHOIT; NOLAIS, 1980).



conceitos da transexualidade. Desta forma, a partir da história de Joana, demarcamos as especificidades e as singularidades de sua transexualidade. Tal singularidade, por sua vez, permite também pensar na generalidade do fenômeno psíquico da transexualidade. Mello Neto (1994) discute precisamente essa possibilidade de traçar um continuum entre a singularidade e a generalidade de um fenômeno psíquico, quando analisa entrevistas de adultos sobre o “que é criança”. Cada entrevistado, diz o autor, vai construindo uma trama particular, mas que diz respeito às posições do sujeito diante da sua história, mas também diante da cultura. Trata-se, para o autor, da possibilidade de pensar num lugar limite de encontro entre a experiência singular e a generalidade, entre a teoria e o senso comum, entre o que é consciente e o inconsciente do discurso (MELLO NETO, 1994). É dessa forma que a análise de Joana poderá nos dizer também como a cultura se posiciona com seus próprios paradoxos diante da transexualidade e, de modo geral, diante da pluralidade do gênero quando esta não pode ser mais recalcada exigindo novas traduções para a diversidade das manifestações da sexualidade humana.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 - HOMOSSEXUALIDADE, ESTADOS INTERSEXUAIS, TRAVESTILIDADE E TRANSEXUALIDADE: Farinha do mesmo saco?	12
Homossexualidade.....	12
Estados intersexuais.....	16
Travestilidade.....	18
Transexualidade.....	21
O processo transexualizador e a saúde pública.....	24
2 - TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: O corpo, o gênero e o sexual	31
Em cima do salto: A construção do corpo e do gênero na transexualidade.....	38
Do corpo fisiológico ao corpo erótico: A teoria do apoio.....	40
A construção de um corpo erótico na transexualidade.....	42
Uma discussão do gênero a partir da psicanálise.....	47
A construção da diferença anatômica e suas vicissitudes.....	49
Stoller e a transexualidade.....	54
A teoria da sedução generalizada: O gênero.....	66
3 - PARA SER JOANA, É PRECISO FALAR DE JOÃO OU AO CONTRÁRIO?	71
João e os homens: O lado negativo do mundo.....	82
A mãe, a mulher e a pureza.....	90



O sexo não corresponde ao gênero.....	95
Ser um homem para cuidar das mulheres.....	101
Nasce Joana: A transformação.....	107
Escrever para existir como mulher.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	118
SOBRE OS AUTORES.....	128



HOMOSSEXUALIDADE, ESTADOS INTERSEXUAIS, TRAVESTILIDADE E TRANSEXUALIDADE: Farinha do mesmo saco?

Há uma grande confusão diante da tentativa de diferenciar o sujeito homossexual, intersexual, travesti e transexual. No senso comum, e também devido ao forte preconceito, tais divisões ou especificidades desaparecem, como se todo sujeito que não adotasse uma conduta heterossexual seria, além de imoral ou doente, o estereótipo de um homem afeminado, que desejasse outros homens e que gostaria de se tornar uma mulher – o mesmo vale para a mulher. Entretanto, as características de cada gênero revelam outro universo, das mais variadas escolhas e desejos: o gênero, afirma Laplanche (2006b), é plural. Neste sentido, antes de discutir a transexualidade, e a fim de tornar possível reconhecer o sujeito transexual, apresentamos uma breve distinção de conceitos e gêneros.

1.1 HOMOSSEXUALIDADE

O termo homossexualidade, de acordo com Vichyn (2005, p. 892) foi criado em 1869, pelo escritor e defensor dos direitos sexuais, Karoly Maria Benkert, o termo “[...] designa uma tendência sexual que toma por objeto uma pessoa do mesmo sexo”. Freud, na visão de Ceccarelli (2008a), entra em desacordo com o discurso moral e psiquiátrico da época, na medida que questiona a



homossexualidade como uma degeneração ou doença hereditária. Através da psicanálise, Freud humanizou a homossexualidade, rejeitou as teorias que se referiam a um caráter inato ou cultural, como, também, as ideias rígidas e cruéis que descriminavam os homossexuais justificando a sua perseguição. Entretanto, a visão freudiana da homossexualidade não encontrou consenso dentro da Sociedade Psicanalítica de Viena e Berlim, como, também, não encontra consenso hoje entre os psicanalistas e as sociedades psicanalíticas. Neste sentido, citamos, como exemplo, a oposição de Ernest Jones à admissão de um analista homossexual na Sociedade Psicanalítica e a própria Anna Freud, que não só se posicionou contra os homossexuais no exercício da profissão de analista, mas em sua prática clínica tentou transformar pais homossexuais em heterossexuais (CECCARELLI, 2008a).

A palavra homossexualidade, na visão de André (2009), negligência toda a variedade de construções e fantasias dos homossexuais e a complexidade psíquica, na medida que enfatiza o Homos, ou seja, o mesmo, amar o mesmo. “Penso que há uma grande diversidade nos seres humanos. Nunca vi dois homossexuais iguais. Existem muitas nuances. Acho que é um privilégio para nós, psicanalistas, vivermos no singular aquilo que a teoria refere-se a homossexuais ou heterossexuais” (ANDRÉ, 2009, p. 19).

Freud (1905/1996i), nos Três ensaios sobre teoria da sexualidade, apresenta categorias em relação à diversidade no exercício da então chamada inversão ou homossexualidade, tais como os invertidos absolutos (cujo objeto sexual seria exclusivamente do mesmo sexo), anfigenos (o objeto sexual pode pertencer aos dois sexos) ou ocasionais (fatores externos como a inacessibilidade ao objeto sexual do sexo oposto poderia promover um encontro homossexual), neste sentido, torna-se inviável explicar a inversão ou homossexualidade apenas pelos fatores



biológicos. “A substituição do problema psicológico pelo anatômico é tão inútil quanto injustificável” (FREUD, 1905/1996i, p. 135). As concepções de degeneração ou o caráter absolutamente inato são refutadas e novas perspectivas propõem uma bissexualidade universal nos seres humanos, assim como uma independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, ou seja, “[...] é provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste” (FREUD, 1905/1996i, p. 140).

Nesse mesmo texto, Freud (1905/1996i) descreve a origem e os elementos fundamentais para uma homossexualidade. Uma vivência de curto, entretanto, intenso período de fixação na mãe, diz o autor, ocasionaria uma identificação com a mulher e a escolha de um objeto amoroso igual a si mesmo, ou seja, pautado num narcisismo que busca “[...] homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou” (p.137). Desta forma, o homossexual preserva sua mãe em um estado fálico e ama duplamente, através de homens semelhantes à sua imagem e ao mesmo tempo representantes de uma mãe detentora de um pênis. Freud (1925/1996c) ainda sugere que o horror à castração faria com que o sujeito regredisse a um estágio onde não se reconhece a diferença dos sexos, assim, numa escolha de objeto amoroso homossexual, a mãe e os homens são reencontros com sua própria imagem. Cabe ressaltar, ainda, que Freud (1905/1996i) destaca a ausência de um “pai forte” durante a infância como um elemento para o surgimento da homossexualidade. Tal vivência e seus efeitos na escolha de objeto amoroso serão retomados por Stoller (1982) para compreender a etiologia da transexualidade, o que abordaremos posteriormente.

Porém, Freud (1905/1996i) deixará de mencionar essa ideia de pai fraco e mãe forte para a etiologia da homossexualidade e introduzirá a discussão da transmissão do narcisismo. No homossexual, a



passagem do autoerotismo para o narcisismo encontraria uma divisão. O sujeito deve se desvencilhar e permanecer o menos possível junto aos dois objetos sexuais originais, a mulher (mãe) e o próprio sujeito, porém, “[...] o homossexual não consegue desembaraçar-se tão cedo de si mesmo” (VICHYN, 2005, p. 892). Já as formulações sobre a presença excessiva do pai, que aparecem na análise da paranoia masculina, considerada uma defesa patológica frente a homossexualidade, não acompanham a etiologia da homossexualidade (VICHYN, 2005). Lembremos que o pai de Schreber era um pai excessivamente forte como discute Mannoni (1973/2005), ao propor, entre outras ideias, a anulação do desejo infantil.

Freud (1920/1996a, p. 162), em A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher, descreve a homossexualidade como uma “[...] variedade da organização genital da sexualidade [...]”, rejeita a concepção da homossexualidade em sua paciente como doença, pois não sofria um conflito, e também adverte sobre o insucesso em relação às tentativas do tratamento da homossexualidade. A distinção realizada por Freud (1920/1996a), entre escolha de objeto amoroso e atitude sexual do sujeito, sustenta a concepção de uma variedade de combinações no desenvolvimento da sexualidade, onde masculino e feminino não estão diretamente relacionados à escolha de objeto amoroso ou se apoiam na anatomia.

Cabe ressaltar a diferença entre a identificação e a escolha de objeto amoroso proposta por Freud (1923/1996f), em que a primeira estaria ligada ao ser o objeto e a segunda ao ter o objeto. Logo, é possível considerar que a homossexualidade estaria no plano do “ter”, uma escolha de obter o objeto amado, e a travestilidade e a transexualidade uma ligação com a identificação, uma tentativa de “ser” o objeto amado. Dito de outro modo, o que está em jogo



na homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade são as dinâmicas pulsionais que sustentam as escolhas objetais, porém, na transexualidade e travestilidade são as identificações responsáveis pela construção de uma identidade sexual, ou seja, sou um homem ou uma mulher (BARRETO; CECCARELLI, 2015). Neste sentido, se diferenciam estas categorias em sua origem e permitem vislumbrar as inúmeras e possíveis combinações entre si.

1.2 ESTADOS INTERSEXUAIS

Quanto aos estados intersexuais ou o hermafroditismo, estes são concebidos como a ocorrência de uma má formação anatômica nos órgãos genitais, sendo caracterizados pela “[...] coexistência de tecido ovariano (com folículos) e testicular (com túbulos seminíferos, com ou sem espermatozoide) no mesmo indivíduo [...]” (COSSI, 2011, p. 53). A anatomia do recém-nascido, nestas condições, não permite uma classificação ou categorização dos aspectos universais do masculino ou feminino e surgem dúvidas em relação à representação sexual.

Os estados intersexuais e sua ambiguidade corporal confundem o “natural”, a classificação binária estabelecida entre os sexos e os critérios sociais do que é um homem e uma mulher. Isto coloca em evidência a complexidade para se definir o sexo da criança intersexual. “Há uma busca incessante em saber onde, afinal, inscreve-se a diferença entre os sexos” (MACHADO, 2005a, p. 263) Desta forma, cabe questionar quais seriam os elementos necessários para se definir o futuro sexo da criança, como também, elencar os campos teóricos fundamentais para a construção de uma resposta (MACHADO, 2005a).

De acordo com Machado (2005a), as denominações genitália ambígua, genitália incompletamente formada ou estados intersexuais se referem à falta de clareza corporal do masculino



ou feminino na genitália da criança. Tal fenômeno movimentou um corpo de profissionais capacitados para as correções supostamente necessárias. Haveria uma necessidade de uma perfeita correspondência entre o sexo e o gênero, de tal maneira que toda e qualquer manifestação de algo fora do padrão deverá ser recortada e corrigida. Uma verdadeira intolerância à ambiguidade ou à diferença é marcada nos estados intersexuais. O sexo, segundo Machado (2005a), deixa de ser natural e passa a ser construído pelas intervenções cirúrgicas e medicamentosas.

Na procura do “sexo verdadeiro” da criança intersexual, os critérios como o aspecto anatômico, a estética e a funcionalidade se apresentam como elementos fundamentais. A função do órgão é avaliada em relação à reprodução, ou seja, à capacidade de fertilidade e procriação do indivíduo. Na tentativa de “fazer” uma mulher, a capacidade reprodutora, a possibilidade de ser penetrada e o prazer nas relações sexuais são fatores essenciais, porém, quando se trata da “fabricação” de um homem, os elementos se tornam mais complexos como o tamanho do pênis, a ereção, a capacidade de urinar e a possibilidade de penetrar outro corpo em uma relação sexual (MACHADO, 2005a). Trata-se de ressaltar os diferentes elementos do masculino e do feminino que podem constituir critérios para a intervenção cirúrgica. Desta forma, Machado (2005b) aponta os diferentes níveis, em relação ao sexo, nas classificações médicas, ou seja, o molecular, cromossômico, gonadal, hormonal e psicológico.

O órgão genital modificado deverá se assemelhar ao padrão, como também um pênis não funcional se apresenta como uma grande preocupação à equipe, algo grave para a construção da masculinidade. A decisão médica da cirurgia é norteada pela harmonia do conjunto de estereótipos do masculino e do feminino. A dificuldade não se encontra em criar um pênis, entretanto, em



criar um homem por completo, de tal maneira que o sucesso terapêutico está em alcançar a harmonia do corpo com a conduta do indivíduo.

A decisão de uma cirurgia reparadora caberia aos pais e à equipe médica ou deveria se esperar uma maturidade do sujeito em questão para a tomada de decisão? Seria possível viver e se relacionar de outra forma em relação ao corpo e a sexualidade? Ou deve-se imediatamente adotar o caminho de uma possível “correção”? São algumas das questões que os estados intersexuais provocam, dito de outro modo, o sujeito não pode ser concebido apenas como um corpo, um aparato físico, que facilmente se modifica ou conserta.

Cabe lembrar que a modificação corporal não garante por si só uma transformação social, segundo Machado (2005b), a ambiguidade não se desfaz com a cirurgia, a marca da indeterminação ou da incompletude continuará produzindo ressonância na vida da criança e de sua família, pois existe um órgão reconstruído e a impossibilidade de ter-se a certeza da decisão tomada sobre o sexo da criança.

1.3 TRAVESTILIDADE

A travesti, por sua vez, se caracteriza pelo desejo de se enfeitar ou utilizar adereços do sexo oposto, e ainda é possível observar na travestilidade, a incorporação de algumas modificações corporais com o uso de silicone, por exemplo. Porém, as travestis não apresentam um desconforto ou repúdio ao seu órgão genital. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010a), o conceito de travestis ainda se encontra em construção dentro do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais), porém, o termo é utilizado para caracterizar pessoas que assumem em sua identidade de gênero tanto a masculinidade quanto a feminilidade.



As travestis se relacionam com o mundo como mulheres, no que diz respeito aos hormônios feminilizantes e a aplicação de silicone, entretanto, reivindicam o reconhecimento social e a legitimidade de suas identidades para além de um parâmetro binário do masculino ou feminino.

De acordo com Cossi (2011), algumas travestis motivadas por grupos ou pelas leis do mercado podem apresentar o interesse pela cirurgia de redesignação sexual ou desejos transexuais, entretanto, a mudança de sexo é contida pela masculinidade preservada e pela satisfação que obtém no jogo erótico que realizam com seus órgãos genitais.

Segundo Ceccarelli (2003b), o pênis, na dinâmica psíquica da travesti, é de fundamental importância, permite a vivência de fantasias de uma mulher fálica. O uso de roupas e acessórios femininos caracteriza o fetichismo que possibilita um erotismo no jogo do esconder e revelar. Neste sentido, destacamos algumas considerações freudianas sobre o fetichismo e associamos à obtenção de prazer na dinâmica psíquica da travestilidade.

Em seu texto Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, Freud (1910/1996e) relata que, em uma época da infância, a criança torna compatível o órgão genital masculino com o corpo da mãe. Uma parte importante e valiosa de seu corpo deve se encontrar em todos os seres humanos. Supõe a criança, desta forma, que a mãe tem um falo. Trata-se do tempo de uma mãe fálica.

Segundo Freud (1927/1996g), o fetiche seria um substituto do pênis da mulher, especificamente o falo da mãe. A necessidade de restituir o falo materno é devido à descoberta de sua falta. Em um primeiro momento, quando criança, acredita na existência do falo materno, diante da constatação da diferença anatômica dos sexos



e a instauração do complexo de castração, o menino se recusa a admitir a ausência do pênis na mulher, tendo como saída ao horror e às ameaças de castração, a escolha de um objeto que substitua e restitua o pênis à mãe.

Neste sentido, se realiza uma renúncia da percepção e uma eleição de um objeto substituto do pênis da mulher, o qual deve atrair novamente a atenção do homem para a mulher, ou seja, um fetiche é construído para renunciar à castração e ainda tornar a mulher desejável, porém, ao mesmo tempo em que nega a castração, reafirma sua existência pela necessidade de um objeto que recubra a falta.

O fetiche e seus objetos proporcionam, de acordo com Freud (1905/1996i), um substituto para a genitália feminina, em que seria possível restituir o falo perdido da mãe, negando a castração. Neste sentido, a travesti estaria identificada com a mãe fálica da primeira infância e teria como característica marcante a utilização de objetos feticistas.

De acordo com Freud (1927/1996g, p.159), “[...] em casos bastante sutis, tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche”, este seria fundamentalmente o jogo que realiza a travesti, pois apesar de haver uma correspondência psíquica entre o gênero e o corpo, a travestilidade se revela no movimento de esconder e revelar, na ambiguidade do corpo, na satisfação de tornar possível ser castrado e também não ser, ser penetrado e penetrador.

Na travestilidade, o desvelamento do engodo é o que proporcionaria prazer à travesti, uma excitação decorrente do uso de roupas e acessórios do feminino e a obtenção de prazer ao revelar, ao parceiro sexual, o pênis escondido nas vestimentas (COSSI, 2011). A transexual por sua vez, não revela uma



gratificação sexual ou fetiches em relação à suas vestimentas como apresenta a travesti, para uma transexual vestir-se de mulher é vestir-se conforme sua identidade.

1.4 TRANSEXUALIDADE

O termo transexualismo foi adotado em 1953, pelo psiquiatra Harry Benjamin, para designar um distúrbio psíquico no que tange à identidade sexual, o sujeito teria a convicção inabalável de pertencer ao sexo oposto. Um termo que não poderia caracterizar nem uma anomalia genética, ou seja, os estados intersexuais, ou a vontade de se vestir com adereços do outro sexo, neste caso a travesti. Apesar da origem do termo estar associada a Benjamin, há registros que, em 1949, David Oliver Cauldwell já mencionava o termo *Psychopathia transsexualis*, e em 1923, Magnus Hirschfeld utilizava o termo *seelischer Transsexualismus*. (VICHYN, 2005).

O transexual não deve ser confundido com o homossexual, pois o homossexual se caracteriza pela escolha de objeto amoroso do mesmo sexo e não pela identidade sexual (masculino – feminino). Na visão de Ceccarelli (2003b), os transexuais se recusam a ser reconhecidos como homossexuais, pois a escolha de objeto amoroso seria especificamente a do sexo oposto, logo, se consideram heterossexuais. Elias (2007) propõe precisamente que o transexual realiza a mudança de sexo para não se configurar como um homossexual. Porém, de acordo com Cossi (2011), há uma enorme variabilidade no que se refere ao manejo dos transexuais em relação ao corpo, posturas, práticas sexuais e fantasias, desta forma, encontraremos transexuais lésbicas ou gays, as que desejam casar e assumir uma postura de submissão ao marido, as transexuais feministas e as transexuais despolitizadas, por exemplo. “Não há uma única forma de vivenciar a transexualidade, assim como não há uma única forma de viver a masculinidade ou feminilidade” (COSSI, 2011, p. 100).



Segundo Ceccarelli (2003b), diante da complexidade que envolve o fenômeno transexual, as tentativas de compreender sua etiologia não produzem uma teoria unânime sobre o fenômeno. Tais teorias, entre a psicologia, psicanálise e a medicina, são muitas vezes divergentes e contraditórias. Em relação à psicanálise, Ceccarelli (2003a), sugere uma divisão entre a escola americana com Robert Stoller e a escola francesa norteada pelas formulações de Jacques Lacan. Abordaremos em um capítulo específico a teoria stolleriana sobre a transexualidade e suas origens.

Segundo Aran (2006), as primeiras cirurgias de redesignação sexual ocorreram por volta de 1920 na Dinamarca e na Alemanha. O primeiro transexual operado foi Rudolf, alguns anos depois, o pintor Einar Wegener, aos quarenta anos de idade, se transforma através do procedimento cirúrgico em Lili Elbe. Porém, este procedimento cirúrgico, de redesignação sexual, é amplamente divulgado apenas em 1952, com o caso de Christine Jorgensen, ex-soldado do exército americano.

De acordo com Ceccarelli (1998), a transexualidade não é um fenômeno da nossa cultura ou da nossa época, desde a mitologia greco-romana encontramos relatos de sujeitos que revelam o sentimento de pertencer ao outro sexo, a sensação de estarem em um corpo errado de acordo com sua organização psíquica, assim, as tentativas de se assemelhar ou transformações que permitissem uma aparência mais adequada em relação ao psiquismo, não é algo novo diante da história. A pesquisa de Chiland (2003 citado por Costa, 2011, p. 13), se destaca em relação aos relatos de algumas culturas em que o fenômeno transexual aparece:

Os 'hijras' da Índia que praticam a 'emasculação artesanal', como uma forma religiosa de culto a uma temível deusa mãe. Lembra ainda dos 'berdaches', ameríndios que utilizavam vestes femininas e não se consideram nem homens nem mulheres e faziam parte



de um terceiro gênero, também com uma função religiosa. Ainda acrescenta o caso de 'inuítes', tribos que habitam a região ártica do Canadá, nas quais se considera que as crianças podem mudar de sexo no nascimento, por imposição da mãe, no intuito de que a família possua a mesma quantidade de meninos e meninas. Na adolescência estas crianças veriam restabelecido seu sexo biológico, caso quisessem.

A novidade no que se refere à transexualidade é a possibilidade de “mudar de sexo” através da evolução da medicina e das técnicas cirúrgicas. Entretanto, é justamente nesta condição que o sujeito transexual se vê barrado pela medicina, pois, em uma visão restrita ao biológico, não há uma mudança efetiva de sexo, e sim, uma troca de atributos de um sexo pela aparência do outro. Uma mudança apenas de “fachada”. Apesar do prefixo “trans” indicar a possibilidade de atravessar, o transexual, não consegue transitar de um lado ao outro através da sexualidade, ou seja, trocar de sexo simplesmente (CECCARELLI, 1998).

Porém, seria apenas o fator anatômico que define o que é um homem ou uma mulher? Uma transexual deixa de ser mulher pela impossibilidade de ter uma fisiologia feminina? A ciência positivista, conforme aponta Costa (2011), não admite que seja possível tecnicamente mudar de sexo, pois o fenótipo é apenas um dos elementos que compõem a atribuição do sexo, somando-se com a configuração genética e a produção de determinados hormônios. A partir desta concepção, a transexualidade seria apenas uma fantasia, já que não é possível se tornar uma mulher ou uma mulher por completo, apenas ter a aparência de uma.

O fenômeno transexual se encontra essencialmente ligado ao desejo da “correção” do corpo. Tal perspectiva em relação à transexualidade é discutida e revista por Bento (2006). A autora sustenta que a correção do corpo não está presente em todos os transexuais e se refere à cirurgia de redesignação sexual como um



pedido de reconhecimento social, reconhecimento de humanidade na transexualidade. A cirurgia não se efetivará em todo transexual, muitos deles procurarão efetivar uma redesignação sexual apenas no âmbito social, através do reconhecimento coletivo do gênero assumido e diferente ao sexo anatômico.

Mas, uma mulher ou um homem não podem ser restringidos a um pedaço de carne que sobra ou falta. Machado (2005a), nos casos de intersexuais, ressalta que o fator anatômico é permeado por um olhar e saber médico. O médico como um representante da cultura é solicitado para corrigir, recortar e adaptar os corpos conforme um padrão estabelecido socialmente. Na realidade, todas as manifestações da sexualidade, a intersexualidade, a travestilidade e a transexualidade revelam que o gênero se encontra para além dos órgãos genitais, e revelam que a diferença dos gêneros é uma construção social. O sexo está relacionado diretamente ao gênero, assim, a escolha ou decisões de intervenções cirúrgicas ou medicamentosas, conforme aponta Machado (2005a), estão permeadas pela cultura.

1.5 O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR E A SAÚDE PÚBLICA

Diante da constante pressão em torno do sofrimento causado pelo preconceito, estigma social ou a falta de um reconhecimento social e dos princípios que norteiam as ações na saúde pública, o Ministério da Saúde implementou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, objetivando, desta forma, a eliminação do preconceito institucional e a redução das desigualdades, visando a promoção da saúde.

Esta política reafirma o compromisso do Sistema Único de Saúde (SUS) com seus princípios, e, além disso, destaca a necessidade e a elaboração de ações e estudos destinados ao



gênero e às mais variadas manifestações da sexualidade. Cabe destacar que dentro das propostas e estratégias desta política, considera-se como necessidade a ampliação do processo transexualizador, já instituído no SUS (BRASIL, 2013).

A assistência dirigida aos transexuais no Brasil é regulada e deve se estruturar conforme a Resolução nº 1.955/2010 do Conselho Federal de Medicina. A equipe deve ser composta por um médico psiquiatra, um endocrinologista, um cirurgião, um psicólogo e um assistente social. A aprovação legal para a cirurgia depende de alguns requisitos como o paciente ser maior de idade (18 anos), ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia, acompanhamento obrigatório de dois anos pela equipe multidisciplinar e o diagnóstico médico (BRASIL, 2010b).

De acordo com a décima versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), a transexualidade foi definida como “transexualismo” dentro dos “transtornos de identidade sexual” (F64.0). O transexual teria como característica o desejo de viver e ser reconhecido como uma pessoa do sexo oposto, como também, o desejo de correção e adequação de seu corpo (OMS, 1993). Entretanto, na última edição e atualização do manual diagnóstico (CID-11), a transexualidade não é mais reconhecida como uma patologia e vigora como compreensão que o sujeito transexual pode necessitar de cuidados, especialmente ao longo de sua transição de gênero, porém não apresenta transtornos psiquiátricos, sendo classificada como uma “incongruência de gênero” (WHO, 2021).

O termo utilizado para o fenômeno transexual no Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais IV era Transtorno de Identidade de Gênero. Atualmente, a transexualidade se configura, através do DSM-V, como Disforia de Gênero, que se refere “a incongruência entre o gênero experimentado ou



expresso e o gênero designado por uma pessoa” (APA, 2014, p. 451). O transexual é definido como “um indivíduo que busca ou que passa por uma transição social de masculino para feminino ou de feminino para masculino, o que, em muitos casos (mas não em todos), envolve também uma transição somática por tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual)” (APA, 2014, p. 451). A discrepância entre o gênero experimentado e o gênero designado é o ponto central para o diagnóstico, com uma duração de no mínimo seis meses e acompanhado de outros elementos como: “[,,,] forte desejo de ser tratado como o outro gênero [...]; forte convicção de ter os sentimentos e reações típicas do outro gênero [...]; forte desejo pelas características primárias e/ou secundárias do outro gênero [...]” (APA, 2014, p. 452-453), entre outros. O diagnóstico também deve considerar o prejuízo social e ocupacional ou em outras atividades da vida cotidiana do indivíduo.

Apesar da substituição e a eliminação da palavra “Transtorno” indicar uma perspectiva menos negativa ou a ideia de uma doença mental e, portanto, um avanço e uma conquista na luta da despatologização da transexualidade, Lima (2012) considera apenas se tratar de um deslocamento de termos dentro do manual diagnóstico e não um movimento de despatologização, tendo em vista que a transexualidade ainda é considerada um sofrimento diante da identidade de gênero.

A cirurgia de redesignação sexual é um processo caracterizado como um serviço de alta complexidade, geralmente tais procedimentos são ofertados por hospitais universitários públicos, e em sua maioria se encontram na região sudeste e sul. Apesar do acompanhamento e avaliação dos pacientes datar de no mínimo dois anos, as cirurgias não acontecem ao final deste tempo, podendo variar de acordo com a possibilidade de agendamento. A pesquisa realizada por Aran et al. (2008), revela



que de 1997, quando se torna possível a criação dos serviços com a Resolução 1.482/97 do Conselho Federal de Medicina, até 2008, foram atendidos pelos serviços e programas 700 mulheres transexuais e 120 homens transexuais.

O processo cirúrgico de redesignação sexual em mulheres transexuais é descrito como

[...] a retirada ou desmembramento do pênis, a retirada parcial do escroto, orquiectomia bilateral, uretroplastia, construção da neovagina, neoclitoroplastia e neovulvoplastia. No que se refere à tática para a modificação dos caracteres sexuais secundários utiliza-se a mamoplastia; cricotireoplastia; cirurgia de cordas vocais, cirurgia feminilizante de face e contorno corporal e realização de depilação definitiva. Para cada etapa da tática cirúrgica, tanto da transgenitalização quanto da modificação de caracteres secundários, há diversas técnicas descritas. Além disso, é importante realçar que as cirurgias de modificação de caracteres sexuais secundários não são aplicáveis a todas as usuárias, dependendo do resultado individual da hormônioterapia feminilizante (ARAN et al., 2008, p. 9).

O tratamento hormonal objetiva o aparecimento de caracteres secundários e deverá ser mantido após a cirurgia.

[...] A terapia hormonal para mulheres transexuais (MTF) consiste na administração de anti-androgênios (hormônios com a finalidade de diminuir as características masculinas) e estrogênio, através de doses adequadas individualmente para um melhor resultado terapêutico e com menos efeitos colaterais. Dos estrogênios os mais prescritos são 17 β -Estradiol e dos anti-androgênicos o Acetato de Ciproterona (Nome comercial - Androcur), porém existem várias outras formas de administração do medicamento. (ARAN et al., 2008, p. 11).

Cury e Souza (2012) propõem uma caracterização psicossocial de pacientes que se submetem à cirurgia de transgenitalização, desta forma permitem ilustrar e desmistificar o perfil e o estereótipo



do transexual. A pesquisa de Cury e Souza (2012) foi realizada na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, no período de 1998 a 2007, com um total de 55 transexuais masculinos. As informações foram obtidas no pré-operatório, através de entrevistas. Os resultados evidenciam que a idade média dos entrevistados é de 27,92 anos, em relação à etnia 90,6% foram considerados brancos, a profissão dos pacientes demonstra uma grande variedade, entre elas, destacamos o exercício da função de auxiliar de enfermagem, cabeleireira, artista plástica, costureira, bióloga, manobrista e biomédica. Referente ao estado civil, 96,4% eram solteiras e todas declararam atração por homens e não se consideravam homossexuais; 47,7% das famílias dos pacientes transexuais aceitou desde o início a condição de transexual de seu familiar. A religião predominante entre os transexuais entrevistados é a católica com 50,94% e em relação à escolaridade 39,64% tem ensino médio completo, 22,64% ensino superior incompleto e 15,09% superior completo. Tais dados permitem desconstruir o estereótipo do transexual promíscuo, rejeitado pela família, com baixa escolaridade e que trabalha em funções essencialmente femininas.

A cirurgia de redesignação sexual é somente uma das etapas do processo transexualizador. Os poucos programas e hospitais públicos que realizam os procedimentos cirúrgicos ou o elevado custo no setor privado de saúde se tornam os primeiros obstáculos ao ingresso no processo para a realização da cirurgia. Os dois anos de avaliação e acompanhamento por inúmeros profissionais e a espera por vagas para a cirurgia de redesignação sexual são elementos que compõem o período pré-operatório. A cirurgia de redesignação sexual é marcada pelo risco, pela irreversibilidade e por todos os cuidados especiais decorrentes deste procedimento. Como também, a transformação do corpo não se restringe ao órgão genital, alguns procedimentos



cirúrgicos menores e menos invasivos podem ser realizados pelos transexuais, como por exemplo, as modificações no rosto ou o uso de silicone, como apontamos.

Neste sentido, destacamos os desafios e os terríveis sacrifícios realizados pelo transexual na tentativa de se ajustar às normas médicas e sociais decorrentes da intolerância diante da diversidade das manifestações da sexualidade. Por que o gênero feminino não pode existir em um corpo masculino? Por que a cultura não reconhece ou legitima o que escapa à equação binária entre o masculino-pênis e o feminino-vagina?

A busca do processo transexualizador pode ser a busca de um reconhecimento social. A real necessidade da cirurgia pode ser questionada, se caso socialmente pudesse existir uma diversidade de possibilidades de manifestações do gênero. Apesar de a transexualidade estar intimamente relacionada ao saber médico e às inúmeras possibilidades de transformação do corpo, nem todo transexual se submete ao processo transexualizador, ou seja, o ingresso em programas de acompanhamento e avaliação por uma equipe multiprofissional ao longo de dois anos, a administração de hormônios, psicoterapia obrigatória e a realização da cirurgia de redesignação sexual.

Segundo Aran, Murta e Lionço (2009) há uma tensão entre aqueles que desejam e buscam autorização e apoio financeiro para a realização da cirurgia de transgenitalização e os que sustentam a ideia da eliminação do diagnóstico, pois concebem o sujeito transexual como capaz de decidir sobre seu corpo. Para aqueles que buscam o apoio financeiro e a autorização, o diagnóstico permite a concretização da cirurgia, tendo em vista que se torna uma necessidade médica e um direito ao serviço de conversão sexual. Por outro lado, a transexualidade classificada como um transtorno ou doença não deixa de carregar seus efeitos.



A passagem pelos procedimentos e a cirurgia não são critérios para definir a transexualidade, nem toda transexual deseja se submeter aos riscos da operação ou as inúmeras avaliações obrigatórias ao longo do processo. Entretanto, em alguns casos, o sujeito considera o processo e a cirurgia de transgenitalização de fundamental importância para sua vida e seus projetos (ARAN; MURTA; LIONÇO, 2009).

Se o sofrimento do transexual se encontra, por um lado, no descompasso entre o gênero e o sexo, por outro lado, como aponta Ceccarelli (1998), o transexual ao buscar um especialista, seja um médico, psicólogo ou psicanalista, não deseja trabalhar uma questão ou um conflito, o transexual solicita um reconhecimento social. O primeiro a diagnosticar o sujeito como transexual é ele próprio, sendo assim, ao se encontrar com um profissional da saúde, solicita que o reconheça como mulher ou homem. Não há dúvidas ou incertezas quanto a sua condição transexual, e sim em relação à exigência e a administração de hormônios e a cirurgia de redesignação sexual. Olhar para um transexual e apenas observar os critérios diagnósticos não os reduziria a um modelo biomédico? Qual a história e sofrimento que o sujeito transexual apresenta em relação ao seu corpo? Como se constitui o corpo do transexual? Por que ser um transexual?

Apresentamos, em seguida, algumas considerações da Teoria da Sedução Generalizada, para, posteriormente, articular as formulações laplancheanas com a construção do gênero e do corpo na transexualidade, o que nos permitirá analisar a autobiografia de Joana (RIHOIT; NOLAIS, 1980).



TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: O corpo, o gênero e o sexual

Em os Novos fundamentos para a psicanálise, Laplanche (1992), ao se questionar sobre o originário do humano, ou seja, aquilo que para além das contingências deve existir e produzir um sujeito, propõe a formulação da Situação Antropológica Fundamental (SAF). Em suas palavras, “A situação originária é o confronto do recém-nascido, da criança no sentido etimológico do termo, aquele que ainda não fala, com o mundo adulto” (LAPLANCHE, 1992, p. 96). Desta forma, independente da cultura, da organização da sociedade ou se é o pai ou a mãe que cuida e fornece os elementos essenciais para a auto-conservação e a sobrevivência do bebê, sempre deverá existir um adulto que cuide, que se torne responsável por assegurar a sobrevivência do recém-nascido, sujeito este que, de início, não tem recursos adaptativos suficientes para garantir sua vida – eis a noção de generalização introduzida pelo autor.

Laplanche (1992, p. 104) demarca o desamparo do recém-nascido como “[...] o estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria: precisa, portanto, de ajuda externa [...]”. A criança necessita de alguém que proporcione os elementos básicos para a manutenção de sua vida, como a comida e a higiene, e também, alguém que



a satisfação, que a provoque a partir dos cuidados, desejos. O desamparo não é entendido apenas pela incapacidade do recém-nascido sobreviver sem o auxílio do adulto, mas também, o desamparo frente à sexualidade consciente e inconsciente do adulto. A criança solicita a presença e o amparo do adulto pelo transbordamento da excitação, diante da qual a criança ainda não tem recursos e mecanismos suficientes para dar conta, é isso que impele o bebê a produzir um movimento, gritos, choro, agitação. A comunicação da criança para o adulto se dá com base na auto-conservação, já a da sexualidade é seu inverso, do adulto para a criança (LAPLANCHE, 1992).

O originário precisamente seria uma criança desadaptada ao mundo e um adulto “desviante” em relação à sua própria sexualidade. A presença da criança inevitavelmente mobiliza o infantil do adulto que a cuida. Nessa relação haveria uma “balança desigual”, pois se a criança solicita ternura e amparo, o adulto por sua vez, oferece a sexualidade, seu inconsciente. Chegamos neste ponto, ao momento crucial da Teoria de Laplanche (1992), que é sobre uma sedução originária, presente em toda relação de cuidado do pequeno ser humano. A sedução originária se daria pelo confronto entre o mundo da criança e o mundo do adulto. O texto de Ferenczi (1933/1992) Confusão de línguas entre a criança e o adulto, de acordo com Laplanche (1992), seria um possível prefácio para a Teoria da Sedução Generalizada. Destaca-se do texto o jogo da ternura da criança versus o jogo sexual do adulto.

As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura (FERENCZI, 1933/1992, p.116).

Já no caso dos adultos “[...] confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual,



e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências” (FERENCZI, 1933/1992, p. 116). O aspecto traumatizante seria justamente o transbordamento do inconsciente da sexualidade do adulto para a criança. Nos cuidados básicos, o adulto marca o recém-nascido com significantes enigmáticos, ou seja, mensagens provenientes de seu inconsciente e enigmáticas pelo fato do próprio adulto desconhecer seu significado.

Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para trás restos inconscientes, fueros, dizia Freud, a que chamamos de ‘objetos-fontes’ da pulsão (LAPLANCHE, 1992, p.138, grifo no original).

O adulto, ao transmitir mensagens enigmáticas para a criança a impele a iniciar um trabalho de tradução constante. Neste sentido, a sexualidade não surge do biológico. É no encontro com o outro, portador de um inconsciente, que a cria será marcada através do transbordamento da sexualidade nos cuidados básicos, originando um processo que a levará a um constante trabalho de tradução (BLEICHMAR, 1994).

Bleichmar (1994), através do conceito de “transvasamento narcisista” salienta a importância de um transbordamento da sexualidade do adulto para a criança que cuida, e, ao mesmo tempo, o recurso da linguagem impondo barreiras e a possibilidade de uma organização disto que transpassa o adulto e atinge o bebê. É de fundamental importância que a mãe atribua sentidos onde ainda não há, e uma consciência que não seja a sua, pois é “[...] necessária uma mãe que, como um demiurgo, insuflasse amor em seu alento para que a cria humana se tornasse realmente humanizada” (BLEICHMAR, 1994, p. 18).

O adulto sempre estará dentro de um duplo movimento, por um lado de transmissor da sexualidade, a qual transborda e invade



a criança e, por outro, de auxiliar de tradução para o excesso que produz no bebê. Bleichmar (1994) considera de extrema generosidade este processo, pois se trata de um movimento duplo de poder investir, se apossar, cuidar, tocar, marcar este corpo infantil para produzir um sujeito, e, ao mesmo tempo, de impor barreiras para seu próprio sexual, um movimento “[...] capaz de investir a cria religando aquilo que a própria mãe desliga quando exerce os cuidados primordiais que implantam a pulsão e dão origem aos objetos-fonte internos” (BLEICHMAR, 1994, p. 4). Ou seja, o responsável pelos cuidados do bebê tanto lhe aliviará as tensões biológicas, através dos cuidados básicos para a sobrevivência da espécie, como seduzirá a criança, pois seus cuidados não se restringirão ao auto-conservativo. As ações do adulto inevitavelmente transmitirão algo da ordem do sexual para a criança, desta forma promoverá a necessidade de a mesma produzir um trabalho de elaboração, originando um verdadeiro “motor de progresso psíquico” (BLEICHMAR, 1994, p. 4).

As transmissões das mensagens enigmáticas são realizadas através da intromissão ou da implantação. De acordo com Laplanche (1996b), a implantação é um processo que se dá no cotidiano neurótico e comum dos humanos, a mensagem enigmática é recebida de forma passiva pela criança e se iniciam as primeiras tentativas de elaboração. A segunda forma de transmissão, a intromissão, é a variante violenta da implantação, caracterizada pelo total fracasso na elaboração da mensagem enigmática. Desta forma, a mensagem enigmática intrometida permanece no que Laplanche (1996b) denomina de inconsciente encravado, como um corpo estranho, não metabolizável no psiquismo da criança, à espera de uma tradução.

Diante do excesso pulsional veiculado pelo adulto, vimos, a criança começa um trabalho de tradução, uma tentativa de



elaborar esse excesso. A tradução, da mesma forma que o trauma, acontece em dois tempos. Em um primeiro tempo a mensagem é apenas inscrita, através da implantação da mensagem sexual do adulto, não há compreensão de absolutamente nada. O segundo tempo, *après-coup*, corresponde à revivência do enigma e à sua tradução (LAPLANCHE, 2001). Contudo, a tradução iniciada pela criança, graças aos assistentes de tradução produzidos pela cultura e ofertados pelo adulto, será sempre parcial. E são precisamente esses restos não traduzidos que cindirão o psiquismo da criança, em torno do recalçamento originário, formando as instâncias. O inconsciente, assim, conterà os restos que passarão a constituir os objetos fontes da pulsão, exigindo a partir daí, uma satisfação. Assim, a tradução se torna um trabalho constante e incessante no psiquismo, próprio do humano, e ao longo da vida. (LAPLANCHE, 1996a).

O termo *après-coup*, introduzido por Freud – *nachträglich* e *Nachträglichkeit*-, desde 1898, foi retomado por Laplanche (2001), ampliando seu alcance. Na realidade, segundo Laplanche e Pontalis (2001), foi Lacan quem destacou a importância desse conceito e propôs o termo *après-coup*, em francês, como tradução do alemão, mas também como uma temporalidade que permite que ocorra o constante movimento de tradução que o sujeito realiza. Já para Laplanche (2001), que propõe uma releitura do conceito freudiano, considera dois momentos ou significados para este processo psíquico, o retroativo e o progressivo. No primeiro, o homem adulto recorda de seu passado a partir das referências de seu presente, e no segundo, o passado determinaria o seu futuro.

Para Laplanche (2001), o *après-coup*, além da dimensão temporal, é a tentativa da tradução, em um segundo tempo, da mensagem enigmática. O exemplo descrito por Freud em 1990,



na Interpretação dos sonhos, é retomado por Laplanche (2001) para aprofundar a discussão do conceito. O exemplo consiste na associação de Knödel, um jovem rapaz, que, ao observar a amamentação de um bebê pela ama de leite, se lastima por não ter, quando criança, aproveitado melhor a oportunidade. Laplanche (2001) ressalta que as considerações freudianas contemplam apenas um movimento retroativo, Knödel interpreta seu passado pela cena do presente, porém esquece da participação da ama, seduzindo com a sua sexualidade recalcada.

A mulher que alimenta a criança através de seu seio, uma zona erógena, e sua sexualidade inconsciente são os elementos que Laplanche (2001) introduz na discussão do *après-coup*. A alimentação da criança pela ama de leite, além de atender às necessidades de auto-conservação da criança, também implanta o sexual do adulto. Tal mensagem enigmática da mulher ao bebê, e no *après-coup*, exigirá uma tradução posterior à cena de sedução, por isso a ideia de se tratar de um processo psíquico com posterioridade ou a *posteriori* ao fato acontecido.

De acordo com Laplanche (1999), são três os destinos para as mensagens enigmáticas. O primeiro destino corresponde ao da intromissão ou da forclusão, se refere ao corpo estranho e não metabolizável introduzido no interior do psiquismo infantil. Teria a mensagem enigmática intrometida outro destino para além do inconsciente encravado? Haveria a possibilidade de algum nível de tradução? Segundo Laplanche (1999), as mensagens são enigmáticas justamente por conter e transmitir o sexual recalcado e inconsciente, isto é, também desconhecido pelo do outro, logo, se há enigma, seria possível considerar um certo nível de tradução. Mas, os destinos dessas mensagens são complexos e a tradução do enigmático dependerá de dois elementos: a mensagem e o receptor. A mensagem, nesse caso, por seu



caráter violento teria em sua estrutura algo não metabolizável e, em relação ao receptor, o acontecimento traumático dificultaria o reconhecimento da mensagem pelo caráter excessivo para o psiquismo, como também, as condições subjetivas e a capacidade de metabolização do próprio sujeito.

O segundo destino seria a repressão, os restos recalçados que dão lugar aos objetos-fonte de pulsão, como vimos acima.

A inspiração, como terceiro destino, segundo Laplanche (1999), não teria escapado à sagacidade de Freud, pois em seu texto Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci de 1910, se refere a uma sublimação totalmente especial, uma pulsão de investigação. Uma investigação que não diz respeito apenas aos aspectos científicos ou intelectuais, mas sim, a uma curiosidade existencial, a verdade dos seres. Assim, a terceira forma de tratar a sexualidade, a inspiração, está relacionada à criação artística, a sublimação de Leonardo apresentada por Freud (1910/1996e), um destino possível para o enigma do outro. Para Laplanche (1999), a inspiração é uma possibilidade de tradução, na medida em que o enigma do outro evoca o artista, e o faz criar.

Neste sentido, podemos supor que Joana, em 1980, interrogada por seu enigma e inspirada por este, decide escrever sobre si mesma, historicizar-se, realizar traduções, après-coup, de si mesma na sua relação com os outros. Temporalizar sua existência com maior riqueza, numa dialética entre a sua sexualidade e a cultura.

Laplanche (1996a) diferencia o tempo, a temporalidade e a temporalização. O primeiro se relaciona ao nível cosmológico, o mundo físico a que pertencemos. O segundo termo, temporalidade, se destina ao nível animal e à percepção. O terceiro, a temporalização, é o nível próprio do humano, o modo



de organização dos seres humanos com o tempo, a maneira como criamos o nosso próprio tempo, a tentativa de que, a cada novo giro, surja uma nova perspectiva. O presente desperta o passado, que buscará se realizar no futuro. A temporalização permite a construção, *après-coup*, de um novo olhar, menos opressor e angustiante para a própria história, com traduções mais integradoras. Neste processo de tradução, o sujeito tenta tornar seu o enigma proveniente do outro, e é isso que nos diferencia dos animais; um ser histórico, o homem, em oposição aos seres viventes, os animais. E isso é também o que define a existência humana, marcada pelo trabalho constante de retraduições e reconstruções.

Ainda sobre a tradução, de acordo com Laplanche (1996a), ela seria algo generalizado e próprio da natureza humana. “O ser humano é e não para de ser um ser auto-tradutivo e auto-teorizante” (LAPLANCHE, 1992, p.139).

A tradução é constante e dura a vida toda, pois é possível que ocorra uma destradição e retradição de alguma mensagem enigmática já traduzida, a fim de possibilitar uma melhor versão de si, pois a tradução nunca será completa. Também mensagens que estão em estado de espera no inconsciente encravado poderão entrar no circuito da tradução (LAPLANCHE, 2003).

Assim, é possível considerar que cada etapa da vida, como veremos na autobiografia de Joana, seja um processo de tradução, destradição e retradição precisamente desse percurso de ser reconhecida e se reconhecer como mulher.

2.1 EM CIMA DO SALTO: A CONSTRUÇÃO DO CORPO E DO GÊNERO NA TRANSEXUALIDADE

O fenômeno transexual permite e ao mesmo tempo exige uma compreensão menos naturalizante sobre o corpo. De outro



modo, como explicar a relação e o desconforto do transexual com o próprio corpo ou de compreender os mais variados prazeres e modificações corporais sem levar em conta a constituição de zonas erógenas que derivam do contato com a sexualidade e os cuidados do adulto?

Freud (1905/1996i), em os Três ensaios sobre a sexualidade, demarca a possibilidade de teorizar sobre um corpo que deixa seu estatuto puramente orgânico e ganha a compreensão de um corpo erotizado, marcado pela sexualidade e pela cultura, fonte de prazer e satisfação e não mais destinado apenas à sobrevivência.

De acordo com Lattanzio (2011), é preciso considerar a participação essencial do adulto e os ruídos de seu inconsciente nos caminhos do exercício da sexualidade e da construção de uma identidade sexual. Desta forma, como aponta Ceccarelli (2008a, p. 57), “[...] à psicanálise interessa mais o corpo-cena dos conflitos pulsionais, do que o corpo que a anatomia disseca e cujas funções a fisiologia descreve”, isto é, partimos deste pressuposto, a concepção de um corpo erótico e que busca prazer, para trilharmos alguns passos nas discussões em relação ao corpo e suas modificações na transexualidade. A isto devemos acrescentar – e voltaremos a este tema mais adiante - o tema do reconhecimento do sujeito transexual, seja por ele mesmo de pertencer ao outro gênero e, portanto, com o direito de pertencer ao outro sexo também, seja o reconhecimento dos pares. Isso talvez seja mais importante que a própria mudança radical do sexo para se ter outro gênero. E tal reconhecimento passa necessariamente pelo embelezamento do corpo, o embelezamento que caracteriza o feminino, incluído aí o transexual.

É isso precisamente o que a expressão “em cima do salto” indica. A transexualidade implica também na produção de cuidados com a aparência, a construção e reconstrução de uma



imagem mais bela através de acessórios do feminino. Isto porque a beleza e uma boa aparência de uma mulher são construções, assim como, o corpo e o gênero, Construções coletivas e singulares. O caráter coletivo diz respeito à participação e aos investimentos conscientes e inconscientes do adulto, e da cultura, que deixam marcas no corpo e no psiquismo da criança. É deste último aspecto, o da alteridade, que deverá surgir o caráter singular de cada um. O caráter singular se refere à falta de um caminho natural ou pré-determinado para o desenvolvimento da sexualidade, o que cada indivíduo deverá forjar para si mesmo.

2.2 DO CORPO FISIOLÓGICO AO CORPO ERÓTICO: A TEORIA DO APOIO

O processo de cuidado da criança, em especial as atividades que atendem às necessidades básicas do ser humano, produzem, para além da sobrevivência do recém-nascido, as fontes de prazer e satisfação.

A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento” (FREUD, 1905/1996i, p. 170).

O exemplo clássico seria o processo nutritivo, quando a criança, ao ser alimentada por sua mãe, sente o prazer que não é apenas a ingestão do alimento, o leite, mas sim tudo o que está inserido nesse contexto como o cheiro, a voz e as carícias maternas, além da estimulação do aparelho digestivo. Desta forma, ao solicitar o alimento novamente, a criança solicita algo a mais que o simples leite.



A boca que serve para alimentação, então, se torna uma região de prazer, uma zona erógena. A função do órgão é desviada, pois não se destina mais apenas à sobrevivência da espécie, se torna uma fonte de prazer. Como aponta Freud (1905/1996i), tais cuidados, através dos quais ocorre a transformação do órgão em uma zona erógena, diferenciam os comportamentos e a busca de satisfação dos adultos. Uma criança que teve sua zona erógena labial mais estimulada, quando adulta pode, por exemplo, beber e fumar. Pode também ser mais apreciadora de beijos ou, ao contrário, ter repugnância, se essa atividade, mesmo sendo muito estimulada, caiu sob o recalçamento, o que ficou protegido por uma intensa formação reativa. Lembremos-nos de Dora (FREUD, 1905/2016), cuja oralidade estava fortemente implicada nos seus sintomas, como a tosse e a afonia, por exemplo, além da repugnância sentida decorrente do beijo do Sr. K.

Neste processo, o corpo, como um todo, para ser erotizado, é fortemente investido, marcado pelos cuidados e a sexualidade do adulto. É precisamente o enigmático que, para Laplanche (1992), vimos, todo adulto comunica inconscientemente para a criança ao cuidá-la. E decorrente dessa sedução, teremos uma demarcação da singularidade de cada sujeito em relação ao seu corpo e às suas zonas de prazer, isto é, a partir de um maior ou menor investimento libidinal por parte do adulto no corpo da criança.

Dejours (1988) distingue o corpo biológico do corpo erótico, este último seria o resultado final de uma variedade de apoios, ou seja, investimentos da sexualidade psíquica em órgãos do corpo, como a boca, o ânus, a pele. O apoio, a que o autor se refere, não se destina à constituição da sexualidade, à trama edípica, à cena primitiva ou às teorias infantis. O apoio estaria relacionado, sobretudo, à sobreposição do corpo erótico sobre as funções orgânicas.



Esse apoio visa antes ao corpo, à transformação do corpo, ao uso do corpo, digamos o 'segundo uso' do corpo: o corpo do desejo, o corpo do prazer, o corpo erógeno, que vem duplicar o corpo funcional da assimilação e da eliminação, o corpo da homeostase (DEJOURS, 1988, p. 96).

Um corpo que deixa de vivenciar apenas as necessidades orgânicas e que passa a solicitar satisfação, através do adulto, busca, a partir deste momento, o prazer.

Dejours (1988) enfatiza a participação do corpo erótico no desenvolvimento da sexualidade, o qual é testemunha de tal desenvolvimento e, ao mesmo tempo, seu fundamento. A constituição da sexualidade, para o autor - que segue a trilha da teoria da sedução generalizada -, está relacionada ao diálogo entre pais e filhos, isto é, na transmissão da sexualidade dos pais para com seus filhos. Não apenas uma transmissão consciente, mas, sobretudo, uma transmissão inconsciente, fantasmática. Assim, a sexualidade transforma e é transformada pelo corpo, neste processo de apoio e subversão das funções corporais.

2.3 A CONSTITUIÇÃO DE UM CORPO ERÓTICO NA TRANSEXUALIDADE

No fundamento da sexualidade humana se encontram as representações do corpo, os investimentos libidinais, as zonas erógenas, a criação de um corpo sexuado. Ceccarelli (2008b) sublinha que, para Freud (1905/1996i), não haveria uma relação direta ou determinante entre a fisiologia, o anatômico e a posição subjetiva do sujeito. Desta forma, a falta de uma resposta dada de início, obriga a construção singular de uma solução e um posicionamento em relação à diferença sexual. Para tanto, as marcas do processo de constituição do sujeito fazem eco na construção de uma identidade sexual.



A construção de uma identidade sexuada, como afirma Ceccarelli (2008b), perpassa às representações psíquicas do corpo que, por sua vez, são originárias das marcas transmitidas pelo casal parental.

A apreensão do corpo e a construção da psicosexualidade acompanham o sexo de atribuição e não o sexo anatómico. Essa atribuição, contudo, é estritamente dependente das representações fantasmáticas que os pais fazem do sexo anatómico da criança, do lugar que ela ocupa na economia libidinal familiar e do peso das referências simbólicas do masculino e do feminino da sociedade onde o sujeito encontra-se inserido. Dito de outra forma: em caso de conflito entre forças biológicas e psicológicas, as últimas ganham no que diz respeito à representação psíquica do corpo, e à construção do sentimento de identidade sexual. Um sujeito sem pênis se sentirá homem se for criado como menino; e um sujeito sem vagina se sentirá mulher se for criada como menina (CECCARELLI, 2008a, p. 59).

As representações conscientes e inconscientes dos pais em relação ao que é um homem ou mulher, e suas respectivas dúvidas e conflitos em relação ao sexo e ao gênero, formaram um verdadeiro “berço psíquico” para o recém-nascido. O lugar que o recém-nascido ocupa no desejo dos pais e, por sua vez, os investimentos libidinais dirigidos a ele, fornecerão subsídios para o desenvolvimento de uma imagem corporal. Desta forma, não basta que os pais reconheçam o sexo anatómico da criança, porém, que haja um investimento libidinal para que o Eu constitua uma imagem em acordo com seu aparato orgânico. (CECCARELLI, 2008a)

No caso da transexualidade, segundo Ceccarelli (2008a, p. 56), o transexual não consegue tomar posse, investir, se reconhecer em seu próprio corpo, justamente por apresentar um “arranjo pulsional singular”, existem partes inexistentes de um investimento libidinal em seu corpo, ou seja, “pedaços de carne” que não receberam investimento para se tornarem zonas erógenas, as quais são



sentidas e tidas como aversivas. Não lhes são desconhecidas, entretanto, não tem valor erótico. Se na grande maioria das pessoas, tal constituição se dá em uma correspondência harmônica, no transexual é diferente (CECCARELLI, 2008a). “‘Aquela coisa’, ‘aquilo’, ‘um pedaço de carne’, são algumas das expressões comuns entre os transexuais femininas para nomear ‘esse pedaço de carne que tenho entre as pernas’. Proferir a palavra ‘pênis’ é tornar-se homem. Mais do que dar vida por intermédio de um ato linguístico, a palavra ‘pênis’ contamina suas identidades” (BENTO, 2006, p. 184). O corpo lhes é estranho.

Bento (2006), ao entrevistar transexuais, ressalta o sofrimento narrado por tais sujeitos diante da impossibilidade de existir como indivíduos que não se reconhecem em seus corpos. “Bicho-de-sete-cabeças, macho-fêmea, aberração da natureza são algumas ,dos pais, as surras e discussões da infância. As ações recriminatórias da sociedade e dos pais apontavam para as condutas, ações, trejeitos “inapropriados” para o sexo do sujeito, para o descompasso entre seu sexo e seu gênero, descompasso antes apercebido pelo sujeito (BENTO, 2006).

O conflito em relação ao corpo e a descoberta de um corpo sexuado ocorrem em um momento posterior. O sujeito, em um primeiro momento, se deparara com a impossibilidade de usar determinado acessório ou peça do guarda-roupa do gênero oposto. “Assumir um gênero é um processo de longa e ininterrupta duração [...]” (BENTO, 2006, p. 164), neste sentido, o aprender a usar, se vestir, se maquiar é uma das primeiras lições do pertencimento a determinado gênero. Se o gênero antecede o sexo, como vimos, então, a pergunta que o sujeito se faz, de acordo com a autora, não é “Eu tenho vagina, por isso não posso usar cueca”, e sim, “Eu quero usar uma calcinha. Por que não posso?” (BENTO, 2006, p. 164). Assim, ser reconhecido como homem ou mulher se encontra diretamente relacionado à estética dos gêneros.



O gênero se constitui na prática, nas interpretações do masculino e feminino, nos jogos e nas brincadeiras com as normas de gênero. Bento (2006) ressalta a variedade e a singularidade de cada sujeito e os caminhos possíveis que cada um constrói para o exercício da sexualidade, neste sentido, critica as concepções rígidas e as normas médicas que sustentam o estereótipo inclusive de uma identidade transexual, como se também fosse possível determinar um padrão transexual. Ser homem ou mulher estaria na repetição de atos, ditos naturais, conforme a determinação cultural. A isso devemos somar as possibilidades de produzir grandes modificações corporais, onde a existência de um corpo tão plástico e passível de transformações, a escolha de uma roupa, cor, corte de cabelo, e os acessórios, tenderia a uma estabilização do que poderia caracterizar um gênero, e isso como ponto de apoio, uma referência ao menos não tão provisória ou movediça.

A construção do corpo do transexual pode ser tomada como um processo que pertence ao humano, como visto anteriormente em relação ao corpo erótico. Sabe-se que é do campo de uma construção coletiva e singular se tornar um homem ou uma mulher, um trabalho constante. Neste sentido, não é exclusividade da transexual (re)construir um corpo e uma imagem. Há, sim, um constante trabalho do sujeito transexual em se assemelhar ao gênero que diz pertencer, porém, não caberia questionar sobre a estabilidade do fechamento em torno do que é ser um homem ou uma mulher?

“A moda constitui-se como prótese desse corpo [...]” (BENTO, 2006, p. 162). O que vestir? Como vestir? Que cor ou acessório deve-se usar? O corpo-sexuado se expressa através das roupas, de uma montagem de imagem. Bento (2006), a partir das entrevistas comentadas anteriormente, ressalta a importância que os acessórios e as roupas têm para os transexuais. Em sua



concepção, já que o corpo é plástico, seria na estética ou nas aparências dos gêneros que encontraríamos certa estabilidade, a possibilidade de um recurso ou referência para responder o que é um homem ou uma mulher.

A falta de uma essência no gênero é confirmada pelas constantes transformações na cultura da estética dos gêneros, logo é necessário se fazer e não ser “gênero”, para tanto ações continuadas de estética são compreendidas como fundamentais na experiência transexual e sua identificação com o gênero (BENTO, 2006).

O fenômeno transexual revela o quanto as normas do gênero e a padronização do que é ser homem ou mulher é flexível, passível de mudança e transformações. Entretanto, se o corpo anatômico ou a biologia não explica a existência do comportamento fora do padrão, por outro lado, é o próprio aparato orgânico que sustentará as expectativas de condutas adequadas para cada gênero. As normativas de gênero ainda se sustentam pelo anatômico, ou seja, estaríamos destinados a cumprir um papel social e adotar uma identidade sexual conforme a nossa genitália. Instituições e a sociedade têm o papel de fiscalizar, vigiar e corrigir os deslizes e deslocamentos possíveis neste entrelaçamento: sexo, gênero e identidade sexual (BENTO, 2006).

Se a sociedade se divide em corpo-homem e corpo-mulher, a falta de uma relação harmônica com o corpo, que não permite uma correspondência tão direta com os padrões estabelecidos, torna o diferente um anormal ou um doente. Não há espaço para o diferente, para aquele que não se encaixa ou enquadra nas normas (BENTO, 2006).

Assim, apesar de realizarem a cirurgia, as transexuais ainda estarão fadadas ao campo da anormalidade, a impossibilidade da reprodução as coloca às margens do discurso social. A



transexual provoca uma confusão entre as fronteiras do artificial e do natural, em que o binarismo, feminino-masculino, homem-mulher, não consegue dar conta de explicar ou incluir tais sujeitos. Corpos modificados cirurgicamente que apelam para deixar de ser “aberrações”. “Corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão [...]” (BENTO, 2006, p. 19). Desta forma, a cirurgia, na visão de Bento (2006), teria como sustentação uma imposição ao social, da transexual, solicitando o reconhecimento do gênero com que se identifica, mesmo que não esteja de acordo com seu corpo anatômico. Na tentativa de desnaturalizar o corpo e as modificações da transexual e aproximar tais sujeitos à humanidade, ficamos com a provocação de Bento (2006, p. 232), “o que difere um homem que deseja um pênis maior de uma pessoa que não o quer?”.

2.4 UMA DISCUSSÃO DO GÊNERO A PARTIR DA PSICANÁLISE

O conceito de gênero permitiu uma separação entre o sexo anatômico e a construção da identidade sexual no discurso científico na década de 50, tal conceito foi introduzido, de acordo com Lattanzio (2011), por John Money e desenvolvido dentro da teoria psicanalítica por Robert Stoller e Ralph Greenson. Entretanto, o conceito de gênero não foi bem recebido pelos psicanalistas da época, ao considerar este termo intimamente relacionado a um conceito social, desta forma não contribuiu para a teoria psicanalítica (LATTANZIO, 2011).

O conceito, então, foi acolhido dentro da teoria feminista, tendo em vista a possibilidade de desnaturalizar as relações de poder e submissão, e denunciar uma organização social pautada na masculinidade e, ainda, tida como natural. Neste sentido, há por um lado, o desenvolvimento do conceito no âmbito social,



da normatividade, em relação à desnaturalização dos sexos, e por outro, o esquecimento da importância deste conceito na constituição e desenvolvimento da sexualidade e subjetividade (LATTANZIO, 2011).

De acordo com Ceccarelli (2010), a utilização do termo 'gênero' provoca muitas polêmicas no universo psicanalítico. O próprio termo utilizado por Freud em alemão, *Geschlecht*, designa tanto gênero como sexo. Pode-se pressupor, portanto, que em alguns momentos Freud se referia ao gênero e não ao sexo no desenvolvimento de sua teoria. O texto de Freud de 1908, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, permite uma teorização sobre o gênero. Neste texto, Freud convida o leitor a imaginar a visita de um ser de outro planeta, cujo interesse teria sido despertado pela existência de dois sexos (ou gêneros), “[...] que embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios [...]” (FREUD, 1908/1996h, p.193). Neste sentido, o que mais chamaria a atenção do visitante não seriam os órgãos genitais, aos quais ele nem tem acesso, porém, a distinção dos hábitos e condutas dos homens e das mulheres, ou seja, a divisão de gêneros (LAPLANCHE, 2006b).

Segundo Ceccarelli (2010), haveria em Freud uma classificação em relação ao gênero, pois em uma etapa anterior à castração, sem levar em conta a anatomia, a criança já é capaz de diferenciar os comportamentos de cada sexo, a partir das observações de seu pai e sua mãe. O autor ressalta, ainda, o quanto Freud estava à frente de seu tempo, desconstruindo os conceitos de feminilidade e masculinidade, quando é capaz de questionar o entrelaçamento entre sexo e gênero, masculino e feminino, ativo e passivo. Para Ceccarelli (2010), uma leitura cuidadosa de Freud, revelaria que a feminilidade ou a



masculinidade são na verdade pontos de chegada, e não o fim do desenvolvimento, apontando para o caráter de construção de uma identidade sexual.

Porém, lembra Lattanzio (2011) que, em Freud, a distinção de gêneros ou dos sexos e suas vicissitudes no desenvolvimento da sexualidade se pautam no fator orgânico e biológico. A constatação da diferença anatômica demarcaria o início de um caminho determinado para o desenvolvimento da sexualidade. A construção de uma identidade sexual, como aponta Lattanzio (2011), na obra freudiana, seria muito linear, os meninos com uma identificação desde o início com o pai e as meninas na condição de aceitar a castração para ascender a feminilidade. Vejamos, em Freud, este percurso mais de perto.

2.5 A CONSTATAÇÃO DA DIFERENÇA ANATÔMICA E SUAS VICISSITUDES

Embora tardiamente, Freud (1925/1996c) diferencia o complexo de Édipo do menino e da menina. De acordo com o autor, desde muito cedo o menino desenvolve uma catexia objetual pela mãe, relacionada em sua origem ao seio materno de acordo com o modelo anaclítico, e uma identificação com o pai. Tais relações gradativamente se desenvolvem em conjunto, até que os desejos pela mãe se tornem mais intensos e o pai seja percebido como uma barreira ou obstáculo aos desejos infantis, originando assim, o complexo de Édipo. A identificação com o pai tomaria um caráter hostil e o desejo de livrar-se dele e ocupar seu lugar tomaria corpo (FREUD, 1923/1996f).

A bissexualidade seria responsável pelos destinos do complexo de Édipo, quando se propõe que “[...] em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é



o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe” (FREUD, 1923/1996f, p. 45). A dissolução do complexo de Édipo dar-se-ia para o menino frente a ameaça de castração (FREUD, 1925/1996c). O investimento destinado à mãe deverá ser abandonado e, em seu lugar, pode ocorrer uma identificação com a mãe OU, o mais comum, a intensificação da identificação com o pai, dando origem à masculinidade.

Entretanto, como aponta Freud (1923/1996f), este processo não é tão simples ou tais caminhos não ocorrem da mesma forma em todos os seres humanos, a explicação apresentada em relação ao complexo de Édipo seria justificada por seus fins práticos. O estudo aprofundado revela que o menino não teria apenas uma relação afetuosa com a mãe e uma hostilidade com o pai, e sim, “[...] se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe” (FREUD, 1923/1996f, p. 46). Desta forma, haverá uma identificação materna e paterna, onde a identificação paterna manterá a relação de objeto com a mãe e substituirá a relação de objeto com o pai, e o mesmo pode ocorrer em seu contrário. “A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais” (FREUD, 1923/1996f, p. 46).

No caso das meninas, o complexo de Édipo tem um problema, a mãe como objeto de amor original deve ser substituída pelo pai. Freud (1931/1996b) se questiona sobre os motivos que levariam a menina a abandonar seu primeiro objeto de amor, no caso a mãe, para amar o pai, tendo em vista, também, que este deslocamento pode não ocorrer por uma intensa ligação com a figura materna que não permite ser substituída ou deslocada. Nas meninas, ao contrário dos meninos que saem do complexo



de Édipo pela ameaça de castração, é justamente este complexo que permite sua entrada no complexo de Édipo. “O complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade” (FREUD, 1925/1996c, p. 285).

Segundo Freud (1932/1996d), as primeiras fases libidinais são iguais para os meninos e para as meninas. Não haveria uma distinção entre um e outro no início do desenvolvimento, desta forma, a menina seria considerada um “homenzinho.” A descoberta do prazer do menino com seu pênis seria equivalente à descoberta do clitóris pela menina. Entretanto, esta zona erógena deverá ser abandonada por conta dos caminhos da feminilidade, o clitóris deverá ser substituído em importância e sensibilidade pela vagina, como, também, o objeto amoroso mãe deve ser substituído pelo pai.

A constatação da diferença anatômica, de acordo com Freud (1925/1996c), teria consequências diferentes das meninas para os meninos. No menino, em um primeiro momento, tal diferença não provocaria grandes interesses, porém, em um segundo momento, com a ameaça de castração, a lembrança de tal imagem se torna um terrível tormento e dá credibilidade à própria ameaça. As relações dos homens com as mulheres diante desta constatação permitiriam a abertura de duas possibilidades, o “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela” (FREUD, 1925/1996c, p. 281).

No caso da menina, há outros destinos possíveis, ela observou que lhe falta algo, e passa a desejar. “Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade” (FREUD, 1925/1996c, p. 284). Ao observar o órgão genital masculino, em uma brincadeira com o irmão ou um colega, a menina



imediatamente caracterizaria uma inferioridade em relação ao seu pequeno órgão, um momento inicial para a inveja do pênis.

A inveja do pênis tem consequências como o complexo de masculinidade na mulher, que se caracteriza pela constante tentativa da mulher em um dia obter o pênis, se assemelhando aos homens e se comportando como um, como, também, uma recusa da castração, convicta de que obteve um pênis, a mulher se comportaria como um homem. Uma segunda consequência seria o de uma percepção de inferioridade da mulher em relação ao homem, uma ferida narcísica, e, diante da descoberta da falta do órgão genital masculino em todas as mulheres, a mulher partilharia do desprezo de sua inferioridade com os próprios homens. Um outro efeito da inveja do pênis, seria “[...] um afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno” (FREUD, 1925/1996c, p. 283). A mãe, que lhe deu a vida, passa a ser a responsável por não ter lhe dado o pênis. A indignação com a mãe, por não ter lhe proporcionado o órgão genital masculino, depois da constatação da diferença anatômica, seria um dos motivos para o afastamento da figura materna.

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (FREUD, 1932/1996d, p.128).

Desta forma, a libido da menina deve se deslocar do desejo de obter um pênis para o desejo de ter um filho, ou seja, toma o pai como objeto amoroso, a mãe é colocada como rival e a maternidade lhe garantiria a produção de um falo (FREUD, 1932/1996d).

Apesar de Freud (1925/1996c) desaconselhar igualar os sexos, concorda com o fato de que os homens estão aquém do esperado



em relação à masculinidade pela própria disposição bissexual do ser humano. O sujeito tem tanto traços masculinos como femininos, a feminilidade e a masculinidade pura estão apenas no campo das discussões e da teoria.

De acordo com Freud (1932/1996d, p. 115) “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia”. A masculinidade e a feminilidade são construções ao longo do desenvolvimento da sexualidade. Assim se realiza uma abertura para pensarmos em um homem feminino ou em uma mulher masculina, uma discussão que se afasta do anatômico. Através da premissa da bissexualidade no humano, Freud (1932/1996d, p. 115) solicita a seus ouvintes “[...] familiarizarem-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas”. A teoria da bissexualidade se sustenta em um primeiro momento em relação à anatomia, vestígios do sexo oposto se encontram em todos os indivíduos. O hermafroditismo anatômico seria normal para o ser humano, pois o organismo em origem é bissexual e ao longo da evolução se direciona a uma monossexualidade, porém, ainda conserva alguns elementos do sexo oposto. “Todo ser humano teria constitucionalmente disposições sexuais simultaneamente masculinas e femininas que surgem nos conflitos que o sujeito enfrenta para assumir o seu próprio sexo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 55).

De acordo com Lattanzio (2011), Freud em momento algum escondeu a necessidade de revisitar a feminilidade e a masculinidade propondo novos olhares ou caminhos. O próprio pai da psicanálise oscila entre depoimentos de humildade - pois afirma que sua teoria não responde a todas as questões que a sexualidade feminina impõe- e a formulação de hipóteses e conceitos precisos para o desenvolvimento da sexualidade e a construção do feminino e do masculino.



Vejamos a concepção stolleriana sobre a transexualidade e por fim a Teoria da Sedução Generalizada e a constituição do gênero em Laplanche, tendo como fio condutor a transmissão e os efeitos da sexualidade inconsciente do adulto para a criança como determinantes para pensar a transexualidade.

2.6 STOLLER E A TRANSEXUALIDADE

Robert Stoller é um dos pioneiros dentro da psicanálise, depois de Freud, nas discussões sobre gênero e identidade sexual, e suas formulações possibilitam uma aproximação com a Teoria da Sedução Generalizada. Desta forma, tomaremos como base a sua obra *A experiência transexual* (STOLLER, 1982) para explicar a etiologia e a psicodinâmica da transexualidade feminina. Os acréscimos de comentadores e críticos de Stoller, que incluímos, permitem discutir o gênero dentro da perspectiva laplancheana.

Stoller (1982, p. 2) diz ser a transexualidade

[...] expressão do 'verdadeiro eu' (self) do paciente, definindo-a como uma desordem pouco comum, na qual uma pessoa anatomicamente normal sente-se como membro do sexo oposto e, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente consciente de seu verdadeiro sexo biológico.

O sujeito transexual é diferenciado de um sujeito que em um determinado período da vida teve fantasias ou um desejo temporário de mudança de sexo. "O transexual masculino adulto, ininterruptamente, sente em seu interior, como se fosse um membro do sexo oposto". (STOLLER, 1982, p. 75). A origem da transexualidade não estaria ligada ao conflito edipiano, a transexualidade se manifestaria antes mesmo da formação da neurose. Uma criança de 2 a 4 anos de idade já poderia apresentar, por completo, traços definidos da transexualidade. O primeiro ano de vida teria como base a formação do gênero na



criança, pela própria imposição, transmissão e comportamento dos pais. No caso específico da transexualidade, a mãe teria uma relação simbiótica com a criança, ela não se separa de seu filho, condenando-o à feminilidade. “A mais importante diferença entre episódios felizes de uma educação normal e, a simbiose que produz o transexualismo masculino é que, essa última, é infundável. Ele não é voluntariamente interrompido nem pela mãe nem pelo pai” (STOLLER, 1982, p. 49).

A simbiose se caracteriza, na teoria stolleriana, pela adoração da mãe em relação a seu filho, o contato excessivo dos corpos, até mesmo quando a criança já se encontra em uma idade avançada e pelo fato das mães levarem seus filhos para suas camas, como também, a falta de interrupção e o encorajamento do pai em relação a este laço simbiótico (STOLLER, 1982).

O menino para a construção da masculinidade deve repudiar a feminilidade que o marca em seus primeiros anos de vida. O processo de separação da mãe e seu filho seria o início do conflito ou do traumático e resultaria na masculinidade.

O trauma (psíquico), conflito e resolução do conflito através da formação de identidade, ao invés de serem invariavelmente considerados como processos patológicos, são essenciais na produção da masculinidade. Uma prova desta afirmação talvez esteja no menino transexual, em quem o conflito negado significa masculinidade negada, primeiro na proximidade demasiadamente amorosa com a sua mãe. Assim, pela natureza singular de sua família, lhe é negado o necessário trauma (psíquico) do conflito de Édipo (STOLLER, 1982, p. 37).

Para Lattanzio (2011), a teoria stolleriana retira a primazia da masculinidade e a deposita na feminilidade, o menino teria que romper sua relação e identificações com a mãe e construir uma identidade masculina com auxílio da identificação com o pai, uma masculinidade como defesa das marcas precoces da feminilidade provocadas pela mãe.



Stoller (1982) considera que intervenções precoces, diante do processo de constituição de um transexual, permitiria a instalação do complexo de Édipo, e a criança poderia ter uma identificação com o masculino do terapeuta e uma escolha de objeto amoroso heterossexual. Elias (2007) critica as formulações stollerianas em relação a uma possível cura, pois a sexualidade ainda estaria atrelada a estereótipos culturais de normalidade ou patologia. A heterossexualidade seria o efeito esperado de uma análise com uma criança transexual, e desta forma, a homossexualidade, bissexualidade e travestilidade seriam concebidas como caminhos “anormais” da sexualidade.

Stoller (1982, p. 33) nomeia de Núcleo da Identidade Genérica, “[...] a primeira e fundamental sensação de que uma pessoa pertence a seu sexo [...]”, tal núcleo se desenvolveria na primeira infância, sem conflito ou trauma, e teria como função a construção da identidade de gênero de cada um. O Núcleo da Identidade Genérica seria responsável pela sensação de pertencimento ao masculino ou feminino. Desde o nascimento, todo o conjunto de comportamentos relacionados à criação de um menino ou de uma menina seriam executados pelos pais e promoveriam a constituição de uma identidade de gênero na criança.

A aceitação da classificação designada pelos pais e reforçada pela sociedade permite a criança o reconhecimento e a noção de pertencimento de seu sexo. A passagem pelo Édipo, de acordo com Stoller (1982), tornaria tal reconhecimento mais complexo pelo triângulo amoroso instalado, porém, já estariam fixados de forma inalterável a feminilidade ou a masculinidade no psiquismo rudimentar da criança.

Desta maneira, o destino de uma pessoa pode, sob alguns aspectos, estar muito mais fora do alcance de suas mãos do que o poderia indicar o conceito usual de uma dinâmica inconsciente.



Parece-me que estas experiências mais primitivas ‘impressas’ (imprinted) permanentemente na psique (e no cérebro?) agem tão inexoravelmente e inalteradamente como fazem os ‘instintos’ e, embora não sejam primariamente originárias de esforços biológicos, criam demandas psíquicas permanentes que serão sentidas pelo indivíduo como se fossem instintivas (STOLLER, 1982, p.37).

Lattanzio (2011) destaca o conceito de imprinting, que enfatiza a participação do adulto e de sua sexualidade na constituição e no desenvolvimento da sexualidade da criança. A necessidade da criança de sobreviver clama pelos cuidados da mãe, e por consequência, seus desejos. “A necessidade do bebê de alimentação introduz em seu universo simbólico o seio; a necessidade de ser cuidado introduz a figura da mãe e seus atributos femininos” (LATTANZIO, 2011, p. 33). Estas ideias freudianas nos levarão, mais adiante, às mensagens enigmáticas transmitidas pelos adultos ao cuidar de uma criança, entre as quais teremos as mensagens de gênero.

O imprinting stolleriano, ou seja, as marcas deixadas pelos pais em um aparelho psíquico rudimentar, sem a total formação de um eu, seria, de acordo com Ribeiro (2005), uma possível aproximação de Stoller com Laplanche. Ribeiro (2005) demarca três pontos de aproximação: a passividade da criança diante do adulto, as fantasias inconscientes do adulto e a penetração de uma sexualidade inconsciente do adulto em um eu em formação.

A criança não tem recursos biológicos inatos para saber ou se reconhecer como um homem ou uma mulher, a noção de pertencimento a um gênero, dissemos, é ensinada e transmitida pelos pais. O início deste processo antecede o nascimento do bebê, com a escolha do nome, as cores das roupas, brinquedos e as próprias brincadeiras com a criança. Segundo Stoller (1982,



p. 19), “somos levados a concluir que somos adequados para nossos corpos por forças tão externas a nós, e tão além de nossa capacidade de mudança”.

A masculinidade e a feminilidade são transmitidas pelos pais no primeiro ano de vida, de acordo com a relação de cada mãe e pai com seus filhos, para Stoller (1982), este seria um processo sem conflito ou trauma. Muito pelo contrário, para Laplanche (1992), estes mesmos aspectos são excessivos e traumáticos para um recém-nascido, pois há poucos recursos por parte da criança para lidar ou se defender da invasão da sexualidade inconsciente do adulto.

A simbiose que existe entre mãe e filho na transexualidade é entendida, por Stoller, como uma relação que nunca foi interrompida ou frustrada, o pai, dificilmente presente, reforça a intensidade deste laço. “Ele não existe nem como modelo para identificação masculina, nem para proteger seu filho dos efeitos feminilizantes da mãe”. (STOLLER, 1982, p.47) O menino já começaria a manifestar uma intensa feminilidade em torno dos dois ou três anos de idade, sendo que em tal período simbiótico já haveria um prejuízo ou a impossibilidade do desenvolvimento da masculinidade na criança. A feminilidade seria uma imposição da mãe para a criança que, sem recursos psíquicos para se defender da invasão do outro, receberia as impressões e as transmissões maternas passivamente através do excesso e da intensidade da relação e do contato dos corpos. (STOLLER, 1982)

Stoller (1982) desconsidera a ideia de que a feminilidade seria um processo de identificação, o qual exige um determinado nível de desenvolvimento psíquico.

Com o desenvolvimento da experiência e da memória, a criança aprende a criar defesas que neutralizem influências familiares



dolorosas, transformando-as em alguma coisa menos dolorosa ou em alguma coisa prazerosa mas, no princípio, a mãe invade diretamente sua criança que, sem a adequada proteção das estruturas psíquicas, é tão vulnerável a essas invasões diretas (STOLLER, 1982, p. 53).

As incertezas dos pais em relação ao sexo da criança podem ser transmitidas e agregar-se ao Núcleo de Identidade Genérica, provocando uma confusão em relação à sensação de pertencimento ao sexo e ao gênero. “A sensação de ser profundamente feminino coexiste com a consciência do fato de serem homens” (STOLLER, 1982, p. 89). Entretanto, os pais do transexual não duvidam do sexo da criança, como também o próprio transexual é capaz de se reconhecer anatomicamente como um homem, porém, sentir-se feminino.

O transexual, em uma concepção stolleriana, não é entendido como um psicótico. Não há delírio ou o sujeito não nega a realidade biológica de seu corpo, sabe que anatomicamente é um homem, tanto não alucinam em relação aos seus genitais que solicitam a cirurgia reparadora. A mãe do transexual não criou um psicótico, permitiu o desenvolvimento de seu ego, porém, diminuiu o afastamento de seus corpos, como se tudo fosse aprendido em seu colo.

Stoller (1982) destaca características da família do transexual. Em um primeiro momento, a história de vida da mãe do transexual é descrita como sendo de uma filha pouco desejada pelos seus pais, uma infância triste e um desejo de se tornar um menino durante a puberdade. Já o pai do transexual tem como característica a ausência, pouco interfere na relação mãe e filho, há um certo abandono da criança aos cuidados e aos desejos maternos. Neste sentido, encontramos uma mãe e um filho sempre unidos (STOLLER, 1982).



Em relação ao comportamento destas mães com seus filhos, Stoller (1982) descreve que, para além de levarem seus filhos para cama, durante meses e até anos, carregam seus filhos nus ou vestidos por horas, num contato intenso e excessivo com o corpo da criança. Desta forma, um paciente de Stoller (1982, p.26) relata que “[...] nunca distinguiu seguramente onde sua mãe acabava e ele começava”. O corpo da mãe é de livre acesso, não há barreiras ou frustrações que permitam as tensões necessárias para o surgimento de uma heterossexualidade, porém, o corpo do pai é desconhecido como sua masculinidade (STOLLER, 1982).

Stoller (1982) alerta para a intensidade da relação mãe e filho, como se a mãe do futuro transexual pudesse e tivesse a necessidade de absorver o próprio filho, uma verdadeira simbiose. A mãe do transexual stolleriano se sentiria curada de suas tristezas da infância com a maternidade, criou um falo, e por que agora deveria se afastar dele? E por qual motivo a criança deveria se opor a tamanho amor?

Neste momento é importante destacar que é esperado que uma mãe tenha, em especial nos primeiros anos de vida, um relação próxima, de cuidado, carinho e que se reconheça narcisicamente em seu filho, entretanto, o que Stoller (1982, p. 45) descreve da relação da mãe do transexual e o seu filho é da ordem do excesso e da intensidade. Uma relação descrita quase sempre como infundável ou interrupta, “[...] para todas as mães, o bebê equivale a um pênis, especialmente se ele for do sexo masculino, mas para essas mães, com sua solidão vazia, esse fálus assume uma intensidade que não vemos em situações normais”. Um dado que chama atenção nas pesquisas de Stoller (1982) diz respeito ao olhar da mãe sobre sua cria, todas relatam uma beleza e um fascínio sobre a aparência de seu filho.



Os traços masculinos são pouco elogiados ou tolerados pela mãe do transexual, tendo em vista sua inveja e ódio por não ter sido um homem. “A convicção do transexual de sua feminilidade é originariamente proveniente de atos de seus pais, e não de uma defesa contra seus próprios desejos proibidos e, conseqüentemente reprimidos” (STOLLER, 1982, p. 38). Ao contrário do que se possa pensar, esta mãe não deseja uma menina, seu filho ocupa o lugar de um falo, esperado como um tesouro, que tem a função de curar toda solidão e tristeza que um dia estas mulheres tiveram em suas vidas. Contudo, destaca Stoller (1982, p. 91) - ao se referir a uma possível culpabilização dos pais na criação de um transexual-, “[...] é um comportamento inconsciente motivado por parte dos pais. Eles não são monstros planejando deliberadamente a criação de um transexual”.

De acordo com Laplanche (2006a), Stoller realiza um verdadeiro malabarismo entre a fisiologia e o psicológico para tentar explicar a origem da transexualidade, como, também, questiona a leitura da obra freudiana feita por Stoller, pois considera que os apontamentos do autor, em relação à psicanálise freudiana, são superficiais e rápidos. A explicação da origem do transexual pela relação simbiótica da criança com sua mãe e um pai ausente, para Laplanche (2006a), poderia ser associada à constituição do perverso, psicótico e do neurótico, e não necessariamente de um sujeito transexual.

A simbiose, na visão de Stoller (1982), produz um sujeito condenado à feminilidade, porém, o sujeito é capaz de uma individualização ou separação de sua mãe em outros aspectos da vida. O que permanece comprometido pelo laço simbiótico da criação e sua mãe é o gênero. O menino stolleriano não consegue se livrar da feminilidade materna. De acordo com Ribeiro (2010), o conceito de simbiose seria o principal alvo da crítica de Laplanche



em relação às formulações stollerianas, da transmissão da feminilidade da mãe para seu filho.

A teoria da separação-inviduação de Margaret Mahler e, em primeiro lugar, o conceito de simbiose mãe-criança são os alvos principais da crítica laplancheana. Por ter se apoiado nesses fundamentos teóricos inteiramente superados, 'a explicação stolleriana da identidade de gênero desaba de todos os lados', conclui Laplanche. Porém, como ele mesmo se incumbe de ressaltar, 'a forma como Stoller adere ao mahlerismo é, no entanto, bem particular', na medida em que postula uma 'simbiose particular', relacionada ao gênero e diferente da simbiose geral. Tal fato assegura a existência de pessoas que avançam com grande desenvoltura no processo de separação-indivuação, apesar de nunca conseguirem livrar-se da feminilidade de suas mães. Mesmo admitindo ignorar o mecanismo exato que produz essa transmissão com tamanho poder de fixação, Stoller destaca a força do olhar na relação mãe/criança, 'os olhos nos olhos, como apaixonados'. Laplanche considera essa hipótese como sinal de uma 'verdadeira ausência de seriedade', um 'subterfúgio' e um 'truque de mágica teórico' (RIBEIRO, 2010, p.83).

Laplanche (2006a) questiona as concepções stollerianas sobre a transexualidade, em relação à identificação primária com a mãe, por que necessariamente seria com sua feminilidade? Como seria possível conceber uma desidentificação ou uma separação da criança com a mãe em todos os planos, exceto no que se refere ao gênero? Como seria possível um sujeito ser capaz de avançar e se desenvolver em vários aspectos, porém, permanecer ligado à feminilidade materna?

Apesar das críticas, Laplanche (2006a) destaca algumas formulações de Stoller que se aproximam da Teoria da Sedução Generalizada, como a formulação do desenvolvimento de gênero desde os primeiros anos de vida da criança, a identidade de gênero como uma unidade complexa, a ênfase de Stoller sobre as hipóteses que consideram os fatores psíquicos e relacionais sobre



as ideias de um determinismo hormonal e, por fim, a atribuição de gênero, as mensagens, comportamentos dos pais direcionados à criança e seus efeitos no desenvolvimento de sua sexualidade.

As formulações de Stoller (1982), em torno do gênero e sua constituição, enfatizam a passividade da criança, fantasias inconscientes do adulto e a penetração de uma sexualidade inconsciente do adulto em um eu em formação. Estes três pontos são demarcados por Ribeiro (2005) como uma aproximação entre as formulações de Stoller e a Teoria da Sedução Generalizada, e permitem alguns apontamentos em torno da feminilidade e da masculinidade a partir dos efeitos da sedução originária e a discussão do gênero como plural e enigmático. A feminilidade é discutida e desenvolvida a partir da Teoria da Sedução Generalizada por André (1996) e Ribeiro (2012), suas concepções se entrelaçam e se complementam ao colocar a feminilidade nas origens do psiquismo humano.

André (1996) propõe uma ligação entre a sedução originária, a feminilidade e a passividade da criança. O autor destaca a invasão da sexualidade do adulto. Os cuidados do adulto são quase sempre destinados aos orifícios do corpo infantil, desta forma, a criança, seduzida pelo adulto, seria uma criança cavidade, penetrada pelos toques e pelas fantasias inconscientes do adulto. André (1996) destaca a participação do pai libidinal ou o pai sedutor e suas fantasias de penetração no contato com a criança. A penetração, para André (1996, p. 99), não se refere a uma simples metáfora, e sim a um ato, ao contato dos corpos, “[...] a situação geral da sedução reúne um adulto efractante e uma criança efractada: as palavras nos ouvidos, o mamilo na boca, o supositório no ânus... a penetração (sedutora) do adulto não é simples metáfora, mas passa pelo ato”.

De acordo com o autor supracitado, a feminilidade primária seria a primeira representação da passividade do recém-nascido diante



das fantasias de penetração e invasão da sexualidade do adulto, ou seja, uma primeira representação da sedução originária. As fantasias inconscientes do adulto, sobretudo de penetração, que produzem um corpo cavidade, encontram na vagina por seu caráter penetrável e orifical, a primeira simbolização e circunscrição da invasão pulsional da sedução (RIBEIRO, 2012).

Como lugar de penetração, a vagina presta-se a retomar, a simbolizar a intromissão da sexualidade adulta no psicossoma da criança – com risco de se aproximar dela em demasia. A vagina é a própria coisa, o lugar repetitivo da intrusão sedutora originária e, nessa condição, particularmente propícia a manutenção do enigma. A confusão cloacal, a natureza interna dos processos somáticos e a invisibilidade dos lugares excitados, tudo isso concorre para acentuar o caráter incontrolável da feminilidade precoce. O ser-penetrado feminino tem como recalçamento, como colocação do outro no interior, um parentesco que não joga simplesmente com as palavras (ANDRÉ, 1996, p. 115).

Ao contrário de uma concepção stolleriana, que através do imprinting se daria a transmissão do feminino, de um modo de ser mulher para a criança, Ribeiro (2012) e André (1996) propõem, como fruto da sedução e da penetração do adulto na origem do psiquismo infantil, uma feminilidade originária.

De acordo com Ribeiro (2012), a sedução ressalta a participação do outro no processo de identificação e na escolha de objeto amoroso. A crítica de Ribeiro (2012) em relação à teoria freudiana se encontra na separação radical entre o investimento libidinal e os mecanismos identificatórios, o menino freudiano deve ter uma identificação primária com o pai e um processo diferenciado de investimento libidinal na mãe. “Separar identificação de investimento libidinal atende à necessidade de proteger a suposta masculinidade primária do menino contra a possibilidade de uma feminilidade primária resultante da identificação primária com a mãe” (RIBEIRO, 2012, p. 448).



Ribeiro (2012) propõe que a ação invasiva da sexualidade inconsciente do adulto é organizada em um primeiro momento pela criança, através de uma identificação feminina. Diferente de André (1996), o autor enfatiza a mãe na sedução. A identificação é originária da feminilidade, identificação primária à mãe e a sedução originária.

Mais do que uma referência apenas ao penetrado e/ou ao invadido, vemos a feminilidade como fundada na própria relação de penetração, ou seja, no estado ou fenômeno no qual a alteridade encontra-se presentificada em ato e por meio do qual a consolidação do eu se faz pela via do outro. De forma breve, podemos dizer que o elemento definidor da feminilidade é a coalescência do eu e da alteridade numa relação de penetração na qual a dissolução dos limites corporais apresenta-se como condição necessária à consolidação do eu como instância do aparelho psíquico (RIBEIRO, 2012, p. 253).

A identificação feminina primária seria uma passagem fundamental na constituição do psiquismo, fadada ao recalçamento, tanto para aqueles que se posicionam do lado da masculinidade quanto da feminilidade (RIBEIRO, 2005).

De acordo com Bleichmar (2007), a masculinidade seria uma introjeção passiva do pênis paterno, uma incorporação fantástica dos atributos do masculino do pai de forma passiva e feminina, neste sentido, a masculinidade só se daria através da passagem pela feminilidade. A masculinidade não é o ponto de partida do psiquismo, e sim, uma conquista dos homens.

A iniciação à sexualidade sob um modo passivo, feminino, de recepção do pênis de um homem por parte de outro homem, é um ritual de acesso à masculinidade cujas formas simbólicas podem ter modos diversos, mas que confirma nossa hipótese sobre a complexidade da masculinidade como um caminho que atravessa inevitavelmente a feminilidade (BLEICHMAR, 2007, p. 238-239).



Porém, para Ribeiro (2012), a masculinidade se sustentaria na negação da feminilidade primária, e não na incorporação do pênis paterno. A masculinidade passa a ser uma conquista do menino diante de uma interdição da identificação primária e investimento libidinal na mãe, e não mais uma garantia ou algo já instituído. Ou seja, para que um homem possa ser viril e penetrar, é necessário que negocie com sua própria identificação com a pessoa penetrada e passiva.

A hipótese de Lattanzio e Ribeiro (2012) é a de que a lógica fálica se impõe para contrapor o originário e passivo do humano nos primeiros anos de vida. A lógica fálica é uma defesa frente ao caráter orifical e penetrável da situação originária que passa a ser representada pelo feminino. O recalçamento da feminilidade primária transforma a oposição fálico-orifical em fálico-castrado.

É fundamental acrescentar, no entanto, que as crianças de ambos os sexos encontrarão na masculinidade a via régia do recalçamento dessa feminilidade originária, cuja primariedade tenderá inexoravelmente a ser recoberta pela primazia do falo; o que nos leva a pensar no ponto de vista de Freud como sendo uma espécie de verdade do recalçamento. Finalmente, é preciso admitir que meninos e meninas individualizam-se (consolidam o eu) pela via da feminilidade inerente à relação de penetração, mas separam-se (recalam determinados estados do eu e são submetidos a escolhas identificatórias restritivas) pela via da oposição masculino/feminino e pelo concomitante reconhecimento do valor atribuído pela mãe à masculinidade e ao falo (RIBEIRO, 2005, p. 254-255).

2.7 A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: O GÊNERO

O gênero é tomado como uma mensagem enigmática, contém os ruídos inconscientes e que são transmitidos pelo adulto para a criança. Quando um adulto atribui para uma criança seu gênero,



ao mesmo tempo, transmite suas dúvidas em relação ao que é um homem ou uma mulher. Desta forma, a criança é impelida a um trabalho ativo de resposta em relação às mensagens ou a uma série de mensagens enigmáticas de gênero (LAPLANCHE, 2006b).

As mensagens de atribuição de gênero são, assim, impregnadas não apenas dos desejos, sonhos, expectativas conscientes do socius, mas de ruídos inconscientes que carregam o polimórfico perverso, os fantasmas e os conteúdos conflitivos de gênero de cada um (MARTINEZ; SOUZA, 2014, p.177, grifo no original).

Quando um pai diz para seu filho que ele é um menino e que deve, portanto, usar roupas da cor azul e brincar de carrinho, por exemplo, é para distingui-lo das meninas em seus comportamentos, entretanto, ao mesmo tempo, e sem sabê-lo, comunica ainda algo sobre suas próprias incertezas em relação à identidade e o gênero, ao que é ser um homem ou uma mulher. Desta forma, o gênero é permeado pela pluralidade e pelo enigma desde o seu início. Desde o nascimento, a criança é envolvida em uma série de mensagens relacionadas ao gênero, desde os cuidados corporais até a linguagem social. A atribuição de gênero, neste sentido, não se caracterizaria por um evento pontual, e sim pelo conjunto de atos e cuidados direcionados à criança (MARTINEZ; SOUZA, 2014).

De acordo com Dejours (2006), a atribuição de gênero não é um processo simples, tendo em vista a relação assimétrica que há entre o adulto e a criança e a transmissão do inconsciente, do sexual e dos fantasmas deste adulto em relação ao gênero para a criança, mesmo contra sua vontade ou seu conhecimento. Laplanche (2006b), em relação à atribuição de gênero, propõe em seu lugar a definição de prescrição, pois há um verdadeiro bombardeamento de mensagens prescritivas por parte dos pais em relação ao gênero da criança. Ao nomear que seu filho é um homem, o pai prescreve



uma variedade de condutas e hábitos que devem ser adotados por seu filho. Você é uma menina, brincará com bonecas e usará rosa e laços, exemplifica as prescrições cotidianas de uma mãe para com sua filha (MARTINEZ; SOUZA, 2014).

O gênero se constituiria na criança até o primeiro ano de vida, e a constatação da diferença anatômica até o terceiro ano. A criança reconhece em um primeiro momento a distinção de gênero, para, depois, reconhecer a diferença dos sexos. “Em outras palavras, quando a criança percebe as diferenças anatômicas dos sexos, ela vai se colocar em trabalho de simbolização, visando dar contingência às mensagens enigmáticas de gênero que foram atribuídas pelo socius” (MARTINEZ; SOUZA, 2014, p.179, grifo no original).

O sexo seria como um recurso tradutivo de destaque para criança, um verdadeiro organizador do gênero, pois se o gênero precede o sexo e é tomado como uma mensagem enigmática que exige uma tradução da criança, o sexo viria como recurso organizador, permitindo uma elaboração do gênero e das mensagens enigmáticas implantadas pelo adulto (DEJOURS, 2006).

Em outras palavras, a criança, que teve um determinado gênero atribuído, tentará dar contornos para a sua pluralidade enigmática de acordo com seu sexo anatômico e com aquilo que sua pequena sociedade permite e, consciente e inconscientemente, coloca como parâmetro (MARTINEZ; SOUZA, 2014, p.180).

A atribuição de gênero, de acordo com Martinez e Souza (2014), seria em um primeiro momento um processo de sexualização, pela correspondência entre as mensagens enigmáticas e o polimórfico perverso do socius, e, em um segundo momento, o processo de sexuação, ou seja, a elaboração das mensagens de gênero e uma definição do gênero.



O conceito de gênero é diferenciado do sexo e do sexual por Laplanche (2006b, p. 01)

[...] o gênero é plural. Pode ser duplo, como masculino-feminino, mas não o é por natureza. Muitas vezes é plural, como na história das línguas e na evolução social. O sexo é dual. Tanto pela reprodução sexuada como por sua simbolização humana, que fixa esta dualidade de maneira estereotipada em: presença/ausência, fálico/castrado. O sexual é múltiplo, polímorfo. Descoberta fundamental de Freud que encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da psicanálise. Proposição: O sexual é o resíduo inconsciente do recalçamento-simbolização do gênero pelo sexo.

O gênero atua em um primeiro momento como um enigma que exige um trabalho de tradução da criança precisamente em relação às mensagens enigmáticas de gênero que lhe são implantadas. O gênero é plural e variado, para além do masculino e feminino, há outras formas de subjetivação. Já o sexo é dual, um par que corresponde à anatomia, o homem com o pênis e a mulher com a vagina. O sexo, desta forma, impõe a binaridade ao sujeito, um recurso de tradução para a pluralidade do gênero, de tal maneira que toda e qualquer variedade e diversidade de gênero que se contrapõem ao sexo será recalçada, e o resto da tradução, o resíduo interno, constituirá o sexual-pulsional inconsciente (MARTINEZ; SOUZA, 2014).

Apesar do sexo e da cultura possibilitarem elementos para a tradução das mensagens enigmáticas de gênero, uma ordenação do sexual e do enigma do gênero também limitam as expressões da pluralidade de gênero, dentro do binarismo, masculino e feminino. O homem deve corresponder ao masculino e a mulher ao feminino. Não há espaço espaço para as mais variadas manifestações ou expressões da sexualidade (MARTINEZ; SOUZA, 2014).



Neste sentido, apesar da cirurgia de redesignação sexual visar a passagem para a dualidade homem/mulher, a transexualidade ainda pode ser compreendida como uma tradução do enigma de gênero que se contrapõe ao sexo anatômico, e busca um reconhecimento e espaço de existência social, uma possibilidade de ampliar as manifestações da pluralidade de gênero.

Vejamos a autobiografia de Joana (RIHOIT; NOLAIS, 1980), as singularidades e especificidades de sua transexualidade e as constantes traduções, destradações e retradações que realiza em torno do enigma de gênero.



PARA SER JOANA, É PRECISO FALAR DE JOÃO OU AO CONTRÁRIO?

A autobiografia de Joana Nolais, *História de Joana Transexual* (1980), foi escrita em conjunto com a jornalista Catherine Rihoit, pois Joana não era escritora e tinha dificuldades em organizar suas ideias. Joana se propõe a escrever a sua história aos sessenta e quatro anos de idade, quatro anos após a cirurgia de redesignação sexual. Para ela, a sua autobiografia tem como propósito a abertura de um espaço de existência e reconhecimento social. Para nós, trata-se de um registro que convida a um diálogo e um olhar sobre a transexualidade.

Logo de início, Joana se refere a dois caminhos possíveis para os transexuais, se esconder ou se exibir como animais de circo. Não há uma variedade de opções a escolher, quando se é transexual a sociedade não reconhece e nada quer saber da transexualidade.

A sociedade é uma manta de diferenças, mas a nossa diferença ela não aceita, ela rejeita. Eu nada tenho contra a sociedade, ao contrário. O que eu peço, precisamente, é que ela me conceda o direito fundamental à existência social. [...] É por isso mesmo, também, que eu desejei escrever este livro. Para que não se ignore mais que os transexuais existem, para que acabe isso de considerá-los monstros apesar do problema que têm que enfrentar, e para que os deixem viver livres e em paz (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 17).



Apesar da história de Joana ser narrada de forma cronológica: a infância, juventude, o trabalho, casamento e a aposentadoria, aqui, e como resultado da nossa análise, destacamos da leitura diversos temas que consideramos significativos, inclusive porque se repetem e são eles: João e os homens: o lado negativo do mundo; a mãe, a mulher e a pureza; o sexo não corresponde ao gênero; ser um homem para cuidar das mulheres; nasce Joana: a transformação e; escrever para existir como mulher.

Tais temáticas as tomamos como momentos de tradução de Joana do enigmático das mensagens de gênero e, de modo geral, de ser humano. Esse processo de tradução ocorreria também com o auxílio de Catherine Rihoit, a escritora, dissemos, fundamentalmente através das interrogações que exigem de Joana uma reflexão, um esclarecimento, uma ressignificação. Uma temporalização que possibilita a constante recriação de uma versão melhor de si mesma, para si e para os outros, os leitores, a quem também se endereça o enigmático do gênero. Mas, antes mesmo de desenvolver tais temas, apresentamos uma breve biografia de Joana, a partir do próprio livro da autora, como uma primeira aproximação dos elementos essenciais e singulares da sua transexualidade.

Apesar de ser Joana quem narra sua própria história - é ela a quem deitamos no divã, manteremos seu nome de batismo, masculino³, até o momento da sua transformação física, apenas para que o leitor se oriente, pois desde seus nove anos Joana está aí. Na realidade ela foi batizada com três nomes masculinos, João

³ Cabe ressaltar, que a escolha de mantermos o nome de personagem como João, até o nascimento de Joana, com a cirurgia de redesignação sexual, não está pautada em uma concepção reducionista do gênero ao sexo anatômico, mas num processo de assunção da sua identidade.



Eugênio Maurício, e isso é bem interessante na medida em que, nos parece, tratar-se de uma redundância em torno da distinção e identificação de uma pessoa, neste caso um menino.

Começemos, então, com ele, principalmente porque supomos que diante das mensagens enigmáticas, especificamente em torno do gênero, entre outras comunicadas pelos adultos que o cuidaram, sobretudo os pais, o nascimento de Joana será o resultado de anos e anos de traduções, destraduações e retraduações a partir de João. Um trabalho incansável para fazer a própria história, para existir.

Todos os dados, a seguir, se baseiam no livro autobiográfico mencionado. Deixemos que Joana mesma se apresente.

Eu sou Joana. Tenho sessenta e quatro anos, um metro e 66 centímetros, sou loira, quase sempre estou de calças compridas e camisa, porque acho mais prático; com a vida que eu vivi, sou independente, gosto de estar livre, de ter liberdade para os meus movimentos. Porém, algumas vezes, uso costumes, costumes de tude, saias de pregas, tipo clássico. É o que está de acordo com meus gostos e com o meu temperamento. Uso pouca maquiagem: um pouco de pó de arroz, um pouco de base, quase nada de batom. É ainda assim que eu me vejo, é o que convém ao meu estilo, e não faço maiores concessões. Sou respeitada nas lojas, ninguém passa na minha frente: vê-se que sou uma mulher que sabe o que quer (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 15).

João nasceu em 1915, numa pequena cidade, perto do Monte Saint-Michel, na Normandia, França. Sua família tinha um hotel, o único da cidade, gerenciado pela avó com ajuda de sua mãe. Seu avô trabalhava com o transporte público e seu pai era operário-padeiro, fazia suas refeições no hotel da família, onde conheceu a mãe de João.

O casamento de seus pais é um mistério para João, nunca entendeu o motivo de uma mulher tão bela, como sua mãe, se



casar com um homem tão grosseiro. Na tentativa de explicar o romance entre sua mãe e seu pai, diz que foi o destino, pois a família não conta a história do casal, o motivo que levou a união, o tempo de namoro ou a gravidez. João desconhece ou até mesmo ignora o amor entre sua mãe e seu pai, o desejo de uma mulher por um homem, neste sentido, para João o casamento de seus pais simplesmente aconteceu, como se não houvesse desejos ou amor entre eles.

As primeiras recordações de infância de João são as constantes viagens que fez devido à Primeira Guerra Mundial. As notícias de algum risco ou perigo levavam a família a viajar para Normandia e, quando a situação se tranquilizava, voltavam para Paris. João ainda se recorda do som dos bombardeios, gritos e o medo desta época. A Guerra deixou como efeito na família um pai traumatizado, que nunca se recuperou, e tinha como recurso para aliviar seu sofrimento a bebida.

Os pais de João, aos seus cinco anos de idade, se mudaram para uma pequena cidade perto de Dol-de-Bretanha e compraram uma padaria. Sua mãe atendia os clientes e seu pai era responsável pela fabricação dos pães. Ao final do expediente, seu pai frequentava os bares da região, e era João o responsável por trazê-lo de volta para casa. O pai alcoolizado, em casa, brigava e batia em sua mãe. A descrição de João em relação a seu pai está sempre marcada pela violência e a falta de carinho ou atenção.

Já a mãe de João é descrita como amorosa, doce, delicada e bela. Sua mãe era seu refúgio, como João era o refúgio de sua mãe. A necessidade era recíproca, um precisava do outro, eram inseparáveis. Na ausência de seu pai, João deitava com sua mãe, era levado para cama por ela e adorava este momento. Era acariciado, envolvido pelo doce cheiro de sua mãe e também chamado de filhinha, tamanho afeto que ele correspondia com palavras de amor.



Algumas vezes, na infância, João se vestia com o sutiã, calça e sapatos da mãe, mas não relata o menor entendimento de tal ato ser uma transgressão das normas de gênero. Tudo o que pertencia à mãe era belo e João queria ser como a mãe. A mãe não o impedia, ria ao ver o filho se vestir com seus acessórios femininos. Neste período, João diz não reconhecer a diferença dos sexos. Havia dois lados, o positivo que correspondia à sua mãe, e o negativo, ao seu pai, o que de certa forma não deixa de ser a constatação de uma diferença anatômica. Contudo, a anatomia que demarca a diferença dos sexos não fazia sentido, ser menino ou menina era a mesma coisa para João. Ele era uma criança e não um menino.

Uma descoberta terrível marca os nove anos de idade de João. A padaria da família tinha um empregado, um ex-marinheiro. João um dia teve a impressão que sua mãe (também) se deitava com ele. Apesar de não ser nada extraordinário que uma mulher desesperada, com um marido alcoolista, procurasse prazer com outro homem, para João foi uma descoberta terrível, ele não era o único apoio de sua mãe.

No mesmo ano que João descobre a sexualidade de sua mãe foi encaminhado para um colégio interno. A indicação de uma instituição de ensino melhor veio através de um tio que era padre. João sente como uma decepção amorosa o fato de sua mãe ter lhe enviado ao internato. A separação de sua mãe é tomada como traição, por um corpo mais forte e poderoso, o corpo de outro homem. João estava despreparado para sair do corpo da mãe, não foi um acordo, onde as duas partes saem satisfeitas. João se sente abandonado, se encontra em total desamparo. João, enfim, se separa de sua mãe. Não são mais um conjunto, e sim, sujeitos distintos. João começa a existir.

A sua ida ao internato implica na promessa de torná-lo um verdadeiro homem. No colégio, relata que escutava falar de moral



e pureza, entretanto, era o que menos via entre os garotos e os próprios padres. O colégio é tido como uma prisão, mas uma prisão entre os meninos, onde também fará o primeiro reconhecimento de seu corpo.

O colégio interno, de acordo com João, revelou a existência da diferença anatômica dos sexos de fato, os garotos têm pênis e as garotas uma vagina, a divisão do mundo que se dava entre o positivo e o negativo passa a ser pautada na diferença dos corpos. Não foi o pai de João que permitiu a descoberta do corpo masculino ou uma iniciação da masculinidade. João descobre com os internos e seus corpos, todo um conjunto de atos e comportamentos próprios do masculino.

O corpo cresce e se desenvolve sem a autorização de João. Seu sexo é de tamanho pequeno. No banheiro, entre outros garotos, João observa os olhares dos garotos, seus corpos e o grande interesse em cada um deles em se afirmar como um homen. Os mais velhos ensinam os mais novos, se exibem, se masturbam diante do olhar curioso dos jovens.

João se torna um menino sujo, desleixado e despenteado, não estudava e se sentia só e abandonado. O desleixo na aparência de João era também uma forma de se proteger do ataque dos colegas. Na falta de mulheres, a homossexualidade era uma opção de prazer comum entre os rapazes, e seus traços finos e delicados o tornavam um alvo fácil. Por diversas vezes foi cortejado no internato, recebia presentes e convites para passeios, até que, numa ocasião, um rapaz mais velho o empurra para parede e o beija. Esse primeiro beijo de João, no internato, provoca nojo, mas isso não impede que, ao mesmo tempo, sentisse prazer com tal cena.

Nas férias do primeiro ano no colégio interno, João, então com dez anos de idade, volta para casa. Nesta ocasião percebe que



o seu lar não é mais o mesmo. Ao tentar se aproximar de suas amigas observa que não eram mais meninas, mas pequenas mulheres e não cabiam mais as brincadeiras que faziam, João era de fato um menino. Sensação descrita como o primeiro tapa social de sua existência.

Quando João tinha treze anos descobre que sua mãe estava grávida. A sensação de abandono se intensifica. Apesar de sua decepção, acolhe e realiza todos os desejos da mãe, como se fosse o marido que ela não teve ao longo da gravidez. O irmão de João não apresentou problemas com a identidade sexual, desde o começo sua identificação aparecia claramente masculina.

João descreve que entre seu irmão e sua mãe havia outro tipo de relação. Apesar de todo o carinho do irmão por sua mãe, nunca foi como João, um admirador incondicional dela.

Neste mesmo ano, 1928, João, com treze anos de idade, perde o pai. A morte do pai não causou, aparentemente, qualquer emoção em João, sua violência e a falta de carinho fez com que João o odiasse, tinha-o matado há muito tempo.

A mãe de João não desistiu do casamento, conheceu um confeitiro viúvo, pai de dois filhos e se casou novamente. A família se mudou para São Servan e montaram uma bela padaria. Este mesmo período é marcado pelo fim do internato de João.

Apesar dos grandes esforços, João não conseguiu a aprovação nas provas para ingressar na universidade. A relação com a família era delicada, o padrasto era uma segurança para sua mãe, entretanto, fonte de tensões para João com constantes brigas e desavenças. Por volta dos seus quinze anos de idade, João ainda imagina o sexo de forma pura e romântica, o que vai levar seu padrasto a chamá-lo de homossexual. Isso o aproxima mais de um novo sentido atribuído aos contatos mantidos com os garotos do



internato e isso provoca nojo, nojo de ser um homem. Voltaremos a esta cena mais adiante.

Aos dezoito anos, João se alista para a marinha para sair de casa, seu padrasto e seus dois filhos sempre lhe davam indiretas e brigavam constantemente com ele por estar sempre estudando, estudar era para preguiçosos, diziam, a atmosfera em casa era pesada, sua mãe já não se dava tão bem com o padrasto, vez ou outra apanhava.

João foi recrutado para ser parte da equipe dos fuzileiros navais, foi treinado com os homens e armas mais brutais, geralmente ex-prisioneiros. João entra na rotina e na disciplina dos marinheiros, corta os cabelos, fica mais forte, com o rosto mais quadrado e o pescoço mais grosso. Ao contrário do que João poderia ter imaginado, os fuzileiros o acolheram, e lhe ensinaram a sobreviver naquele local e com aquelas novas condições. João se especializa em mecânica e passa por vários lugares e funções dentro da marinha. Entretanto, a tentativa de manter uma aparência impecável falha no que se refere ao estereótipo masculino, pois mesmo com o uniforme e cabelos adequados a um homem, não consegue esconder seu jeito feminino.

João, com aproximadamente vinte e um anos, ainda trabalhava na marinha quando recebeu a notícia do falecimento de sua mãe. A notícia veio por telegrama, sabia, por uma prima, que sua mãe estava doente, mas, apesar da troca de cartas, sua mãe nada contou sobre sua doença. Ao chegar em sua antiga cidade para o velório da mãe, João percebeu o quanto ele era estranho para aquela comunidade, tinha se afastado por completo de sua família. Os carinhos e atenção da comunidade estavam voltados para seu irmão.

João não recebeu qualquer explicação sobre a doença e os acontecimentos que resultaram na morte de sua mãe.



Seu tempo de serviço na marinha acabou em um ano após o falecimento de sua mãe. João foi acolhido, então, na casa de uma tia, nos subúrbios de Paris, onde tentou exercer várias profissões para se manter ou minimamente sobreviver na cidade até encontrar um emprego como auxiliar em um hospício. Formou-se em enfermagem e fez carreira rápida dentro do hospital psiquiátrico.

João também foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, relata vários e breves episódios, desde descansar com a tropa em bons lugares até ser prisioneiro e fugir dos alemães. João ressalta neste período a mediocridade dos homens, gritam alto, mas pouca virilidade ou força parecem ter.

Em 1941, João com vinte e seis anos conheceu sua esposa. Uma colega de trabalho. Na época João trabalha em uma empresa que calculava os custos de exames de pessoas hospitalizadas. Françoise era admirada por todos, meiga, bem humorada, educada. João mal conseguia acreditar que seu olhar tinha sido correspondido.

Françoise toma a frente no flerte e inicia um diálogo. Em pouco tempo estavam os dois apaixonados. Françoise vivia num universo absolutamente feminino, não tinha amigos homens, e não conseguiria viver com um homem viril, precisava de alguém sensível e meigo, como João.

O casamento acontece em 1944, na fazenda dos sogros, João estava com vinte e nove anos de idade. Na lua-de-mel João passa mal, os pensamentos em relação ao sexo eram assustadores demais. No entanto, a relação amorosa entre João e Françoise é descrita como romântica.

João não sentia aversão pelo ato sexual com sua esposa, entretanto, não tinha desejo pelo sexo, mas se esforçava para agradar sua Françoise. A esposa percebia o desconforto do



marido e logo propôs que deixassem de ter relações sexuais, pois também não se divertia ou desejava as relações sexuais. Mesmo sem relações sexuais, o casal revela planos de ter filhos, tinham uma vida feliz, com uma variedade de empregos, que gradativamente proporcionavam uma vida melhor e as condições materiais para cuidar de um bebê. João não foi ao médico ou fez qualquer tipo de exame, sem questionar ou procurar uma confirmação de esterilidade, ele e sua esposa sabiam que não seria possível uma gravidez natural. A possibilidade de ter um filho veio pela adoção, Catherine, um bebê de três meses que, para Françoise, era sua completude e, para João, tudo o que gostaria de ter sido, uma menina.

A chegada de sua filha, o encanto de João com o bebê, reavivam seu passado, de tal maneira que as lembranças dos carinhos, a delicadeza e a beleza de sua mãe e o nojo dos homens torna insustentável, para João, manter o estereótipo de um homem masculino. João passa por períodos de depressão e, na tentativa de acentuar e continuar como um homem masculino ou até mesmo tentar ser um homem por completo, inicia um tratamento com hormônios masculinos. A depressão se acentua e o fracasso no tratamento com hormônios masculinos fez com que o médico apostasse em seu contrário, se inicia, assim, um tratamento com hormônios femininos. Se antes o objetivo dos hormônios era manter as aparências de um homem, agora parece apostar na felicidade de João. João iria se feminilizar, seus seios começam a crescer, os quadris ficam mais arredondados. João, então com quarenta e cinco anos de idade, se sente como nunca se sentiu, se sente bem.

Mas, é a vez de Françoise adoecer, ela descobre um tumor no seio, realiza o tratamento e uma cirurgia, porém, o câncer não se desfez, pelo contrário, tomou a coluna vertebral. Françoise faleceu e o universo privado e feliz desta família desmoronou. A doença



da mãe fez com que se intensificasse o desejo da filha, Catherine, de sair de casa e ter uma vida independente. Aos dezessete anos, após um ano da morte da mãe, ela foi morar com um rapaz e logo se casou.

A morte de Françoise deixa João completamente sem rumo. Durante todo esse período, apenas sua esposa seria capaz de compreender seu sofrimento. Após o falecimento da esposa e a chegada de sua aposentadoria, João, com cinquenta e seis anos de idade, descobre uma associação que acolhia e reunia pessoas com um sofrimento parecido com o seu, tratava de “doentes hormonais”. Através dela, João conhece alguns homossexuais, travestis e transexuais, e começa a entender seu sofrimento e a perceber que não era o único com o desejo de se tornar uma mulher e vislumbra a possibilidade da cirurgia de redesignação sexual.

Aos cinquenta e nove anos de idade, João começa a se experimentar no universo feminino, muda sua voz e assume seus traços afeminados. O que era antes um sonho privado e escondido se torna público e visível.

Mas, apesar de ser chamada de “senhora” pelos vizinhos e pela sociedade, ao olhar no espelho, João se detestava. A cirurgia viria a ajudar João ser quem ele era, uma mulher. O dia 20 de novembro de 1976 foi o último dia da existência de João, depois de dois dias no hospital, exames realizados e o paciente em perfeita saúde para a operação, nasce Joana. O primeiro banho depois da cirurgia fez Joana se lembrar de seu último banho como João. Um corpo transformado e tão sonhado. “Água quente e acolhedora como uma volta ao ventre, um novo nascer” e, ao mesmo tempo, seu batizado como Joana (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p.158). Não era mais necessário mentir ou se mascarar entre os homens, Joana, enfim, era uma mulher de verdade.



Quatro anos depois, Joana diz que seus problemas ficaram na sala de cirurgia. A operação é descrita como porta para liberdade, Joana não precisa mais de ninguém. É independente, livre, equilibrada e forte.

3.1 JOÃO E OS HOMENS: O LADO NEGATIVO DO MUNDO

A diferenciação dos sexos ocorre para João, segundo Joana, apenas na adolescência. Antes da descoberta do que é um homem ou uma mulher, o mundo era dividido em dois grupos, positivo e negativo. A divisão se dá pela relação de João com seu pai e com sua mãe. O lado positivo era representado pela mãe e pelas mulheres, e o negativo, pelos homens e o pai.

Mas crianças, como vimos com Laplanche (2006b), reconhecem o gênero, e posteriormente o sexo, já nos primeiros anos de vida, neste sentido, João não desconhece os sexos, porém, repudia a diferenciação, uma tentativa de manter a pureza da mãe e por consequência, sua própria pureza ao rejeitar ser um homem ou se assemelhar ao pai. Vejamos alguns acontecimentos na vida de João que o fizeram chegar a essa divisão e ao repúdio do sexo, tendo como consequência o ódio de ser um homem e, ainda, de ser incapaz de amar outro homem.

A descrição do pai de João é breve e simples, um homem “gordo e pesado”, não há mais elementos e características do pai, como ocorre na descrição detalhada da mãe. A relação com o pai é marcada pela violência e a falta de atenção.

Meu pai não me deu nunca a mais leve demonstração de carinho. Eu não existia para ele, não me dirigia a palavra, ou então me olhava como se eu fosse um animal que incomodava, um bicho daninho que se destrói quando se encontra no caminho. De tal forma que, quando ele entrava na cozinha para comer e eu estava ainda na mesa, minha mãe me fazia comer antes para deixar livre



o ambiente da minha presença, ele não dizia uma só palavra, não me olhava nunca nos olhos; chegava e me batia com o boné para me fazer dar o fora (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 21).

A família para João era composta apenas por ele e sua mãe. Seu pai estava sempre ausente, seja na presença física ou quanto a atenção, carinhos e educação. De acordo com João, seu pai estava sempre bêbado. O alcoolismo foi efeito da Primeira Guerra Mundial, o pai encontrou na bebida o remédio para seu sofrimento, uma forma de lidar com as frustrações e o fracasso de sua vida. Mas não foi depois da Guerra Mundial que o pai de João se tornou diferente, antes mesmo, já não lhe dava atenção ou carinho.

As recordações do filho com o pai são poucas e marcadas com extrema violência, como essa do olhar e do incômodo com a sua presença. Contudo, não fica claro se a atitude da mãe, de fazê-lo sair para que o pai ficasse à vontade, seria um meio adotado por ela de manter separados pai e filho dentro de casa. Talvez ela mantivesse uma espécie de relação de exclusividade com cada um deles.

João era o responsável por buscar seu pai nos bares da região. Quando adentrava no estabelecimento à procura do pai, os companheiros do bar, diziam: “Tua mulher está te chamando” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 21). Os homens claramente se referem à mãe de João, à esposa que se encontra em casa à espera do marido, porém, era João que se encontrava no bar e representava a mãe. É possível considerar a brincadeira dos amigos do pai como um disparador para o surgimento de fantasias em João de ser uma mulher, uma mulher como sua mãe, ou, representar o lado positivo, as mulheres. Se ser um homem era ser como o pai, violento, pesado, gordo e alcoolista, João deseja ser o contrário, logo, uma mulher, e, de alguma forma, se podia fantasiar ser uma mulher, ao buscar o pai, isso o tornava diferente dos homens. Fazia parte do lado positivo.



Assim, o mundo se divide, a partir da violência o pai, em homens, como tudo o que é negativo, e as mulheres como o positivo.

O mundo não se dividia em dois sexos. Havia o lado qual eu existia, o lado da vida, o lado da minha mãe, e o lado negativo, da ausência, do meu pai. Entre os dois era inevitável que eu fizesse a minha escolha depressa, e, no fundo, eu não tinha escolha a fazer, não tinha raciocínio possível, era uma questão de vida ou de morte. Não se pode escolher entre o masculino quando ele significava a morte, já que meu pai, não somente me rejeitava, como me ameaçava de morte – foi assim que eu compreendi o incidente da cozinha - e aquela que me fazia viver, minha vida, minha mãe (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 22).

O incidente na cozinha, a que se refere, aconteceu num dia, como outros tantos, quando o pai chegou alcoolizado e bateu em sua mãe. João, então com aproximadamente oito anos de idade, ao ver a mãe gravemente ferida, pegou a pistola do pai e a apontou para ele.

Ele não disse nada, me olhava fixamente. Lembro-me desse olhar porque foi a única vez que ele me olhou. Ele me olhava, eu apontando a pistola, e depois retirou-se da cozinha em grande silêncio. Deixei cair a pistola. Nunca nenhum de nós dois tocou nessa cena. Com respeito a meu pai, sua brutalidade, sua indiferença, eu não sentia outra coisa que um ódio que cresceu com os anos. Não o matei naquele dia, mas odiei por muito tempo o que dele sobrevivia em mim: o homem (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 21).

João solicita um olhar de ternura e carinho, entretanto, o olhar violento do pai o marca e produz um enigma que o impele a realizar forçosamente um trabalho de tradução, sem o auxílio do próprio pai para organizar ou dar sentido ao excesso que o mesmo transmite. Afinal de contas, o que este olhar significa? Por que seu pai não lhe dá atenção? Qual é o significado dessa cena de violência? É tudo isso que o tornará uma mulher?



A lembrança insuportável do pai se torna um corpo estranho, uma mensagem enigmática que exige tradução. O pai de João não deixou de lhe fazer falta ou foi indiferente, pelo contrário, é o excesso de seu olhar e sua violência que habita João e que sem recursos para elaborar deseja eliminar tudo o que de si remete ao pai, o excesso corporal, ser homem, o pênis.

Bleichmar (2007, p. 233), vimos, considera a iniciação do garoto no campo masculino pelo recebimento do pênis, uma “[...] introjeção fantasmática do pênis paterno [...]” que evidencia o caráter passivo da iniciação sexual.

Afirmo a hipótese de que a identificação masculina em termos de sexo (não de gênero) se constitui pela introjeção fantasmática do pênis paterno, quer dizer, pela incorporação anal de um objeto privilegiado que se articula ao sujeito submetendo sua sexualidade masculina a um atravessamento, paradoxalmente, feminino. Nesse sentido, assim como é impossível o posicionamento feminino sem passar pelo atravessamento fálico, a masculinidade seria impensável sem brincar-se fantasmaticamente com uma iniciação por meio da qual outro homem brinda o menino com as condições da masculinidade (BLEICHMAR, 2007, p. 235-236).

Entretanto, para Ribeiro (2012, p. 451) a masculinidade não estaria numa incorporação anal do pênis paterno, mas sim, a

[...] masculinidade fundamentalmente assentada na paradoxal negação de uma feminilidade que a sustenta. Em outras palavras, para que um homem se excite sexualmente e seja capaz de penetrar alguém de forma viril e ativa é preciso que ele possa negociar consigo mesmo sua identificação com a pessoa penetrada e apassivada.

A transmissão do masculino para João poderia ser ilustrada pela violência do olhar e pelos atos agressivos do pai contra sua mãe, pois João ainda se considera parte do corpo materno, um corpo maltratado e submetido pelo pai. Se refugiar no corpo da mãe é



uma defesa para João, o próprio ventre materno é recordado no primeiro banho de Joana, após sua cirurgia de transformação.

João poderia negociar e assentar o masculino, se tornar violento com a violência do pai, porém, custaria a renúncia de sua passividade e identificação com a feminilidade da mãe. João não estava preparado para abandonar sua mãe, pois a renúncia significaria ter que se tornar um homem como o pai.

O pai é tomado como um inimigo, alguém perigoso e ao mesmo tempo fraco, pois João, ainda pequeno e com a própria pistola do pai, o domina. Interessante essa cena, em que João, aos oito anos de idade, é obrigado, pelas circunstâncias, a agir como um homem em defesa da mãe, o que, também, lhe causará horror. Horror dos homens, pois agora eles são, para João, fracos e sujos. Ser homem é sinal de fraqueza e morte.

Entretanto, João não sente apenas horror e desprezo pelos homens ou pelo pai. A relação de João com seu pai é ambivalente. As possíveis fantasias de João em ser uma mulher ao buscar o pai no bar indica a tentativa de João manter um laço amoroso com o pai. A fantasia é de ser a mulher do pai, a esposa que cuida e leva o marido para casa. A transformação de João em Joana perpassa a procura e o pedido de um olhar paterno carinhoso e atencioso. O desprezo pelos homens é proporcional ao amor recalçado pelo pai. João procurará se relacionar ou elaborar a relação com o pai através de outros homens, porém, é apenas como Joana que conseguirá amar o pai, se relacionar ou se aproximar dos homens.

A entrada de um segundo homem na família de João se deu por volta de seus catorze anos, concretizada pelo segundo casamento de sua mãe, e demarca um novo tempo para João com o início de uma série de ressignificações que reforçam o repúdio de ser e se relacionar com os homens.



O novo marido da mãe de João, dissemos, é confeitiro e tem dois filhos. A família se estabeleceu em São Servan e abriu um negócio próprio, uma confeitaria. Se a relação entre o padrasto de João e sua mãe é marcada pela segurança de um lar, um trabalho e uma família, já para João é motivo de angústia, desentendimentos e diversos conflitos.

Em uma refeição com a família, João, com quinze anos de idade, sofre com as injúrias de seu padrasto.

Eu não compreendi logo essas palavras: Bicha! Viado sem vergonha! Mulherzinha de merda! ditas por um homem que a cólera deixava roxo, com os olhos esbugalhados. É claro que achei que se tratava de uma ofensa, pelo tom e pelo silêncio que se seguiu (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p.51).

Ao escutar tais insultos, a mãe de João permanece em silêncio, com sinais de puro nervosismo, o padrasto e a mãe já deveriam ter conversado esse tipo de assunto antes.

Interessante que João teve que buscar ajuda de um primo para entender o que seu padrasto havia lhe falado. As memórias invadem os pensamentos de João, as informações do primo permitiram a ressignificação de momentos de sedução dos homens. Nos referimos às cenas de sedução ocorridas no internato. Os carinhos dos colegas mais velhos que, em um primeiro momento, eram vistos por João, como certo amparo diante das saudades e da falta da mãe. Mas trouxe também a cena do colega que o empurra para parede e violentamente beija-lhe a boca. João resiste até que o rapaz o solta e pode correr.

Mais cenas de sedução são traduzidas après-coup. A do vigário, muito simpático, querido e refinado, que um dia o convida para um passeio, admiram a natureza, tomam banho no lago e em dado momento, o homem o acaricia. João foge, assustado, não toca no assunto e não entendera o ocorrido.



Uma outra cena de abuso ocorre com um vizinho monge, também muito querido, que o leva para passear, horas de passeio e histórias, até que um dia solicita que João abaixasse as calças e o acariciou.

O conceito de *après-coup* (LAPLANCHE, 2001) permite o entendimento do que acontece com João ao ser chamado de homossexual. O passado é recordado e um novo sentido lhe é atribuído diante do presente, como também, o passado aponta para uma nova visão do futuro e a participação da sexualidade consciente e inconsciente do adulto que se destacam nas cenas. Na realidade, tratava-se de meninos que o tomam como objeto para a sua satisfação, num contexto onde não há meninas. Todos são meninos, mas dentre eles João se destaca com seus traços finos e delicados, dissemos. Talvez seja isso que o padrasto tenha lhe dito e ele não soubera. Talvez a feminilidade de João, que atraía a tantos meninos e homens, também tenha seduzido o padrasto.

João consegue, *après-coup*, atribuir um sentido para a aproximação e o olhar dos homens sobre ele na infância e, neste momento, revela seu horror em ser homem e seu desprezo pelo masculino. O monge, que havia lhe acariciado, é recordado constantemente e se torna uma cena marcante que desperta nojo em João. “A cena ficou vividamente impressa em mim; cada vez que eu revejo desfilar aquelas imagens na minha mente eu sinto um calafrio de desagrado. A partir desse dia minhas ereções me repugnavam cada vez mais” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 49). É muito interessante apontar o desejo de João que, mesmo contra a vontade, comparece nas suas ereções.

Se os homossexuais amavam outros homens, como os heterossexuais amam as mulheres, com violência e brutalidade,



João não poderia ser aquilo que diziam, não deseja o sexo de um homem, repugnava seu próprio sexo e o dos outros homens. “Eu sabia que eu não era homossexual. Mas começava a saber, também, que eu não era um homem normal; me diziam que eu não era um homem, simplesmente, e eu estava de acordo com isso. Então, o que eu era na verdade?” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 56). João, aos dezesseis anos de idade, começa a ter clareza acerca de não ser um homem. Inicia-se assim um processo em busca da sua identidade.

João levará muito tempo, ainda, para saber e assumir que é ou supõe ser uma mulher, enquanto isso, é contra ele próprio, seu corpo, seu pênis, sua ejaculação, e o ser masculino que deverá lutar, contra sua sujeira, contra sua potencial violência.

Apesar de perceber e sentir que não é um homem como os outros, João procurará sê-lo. Desta forma, enfatizamos a tentativa de João ser um homem ao entrar na marinha, anos mais tarde, para aprender com os homens mais experientes o que não conseguiu aprender no internato com os jovens garotos e nem em casa com o pai. Inicia, assim um tratamento hormonal para depressão, um transtorno causado justamente pelo fracasso das constates tentativas de mascarar o seu ser feminino. Os hormônios continuam a promessa de tornar João um homem por completo, pois acentuariam os elementos masculinos. Da mesma maneira, o casamento e a possibilidade de ser pai eram tentativas de traduzir o excesso que o habita, a partir do estereótipo e das “verdades” que a cultura define sobre o que seria ser um homem. A negação da homossexualidade também ressalta o conflito de João em ser um homem e se relacionar com os outros homens. Por outro lado, não sabemos qual é a parcela que caberia à mãe nesta trama em que são os homens os que provocam o horror em João. Vamos, então, a ela, à mãe e ao universo feminino.



3.2 A MÃE, A MULHER E A PUREZA

João, em sua infância, relata uma relação intensa e excessiva com sua mãe. A mãe e o filho são inseparáveis, não parece existir diferença entre um e outro. Ao contrário de uma proposta stolleriana, tomamos cuidado para não cair na tentação de identificar e tudo explicar pelo laço simbiótico da mãe com seu filho e a ausência da figura paterna. Nosso trabalho se destina a analisar as singularidades das traduções de João e os desdobramentos das transmissões enigmáticas do casal parental.

Nunca pensei separar-me de minha mãe. Não cabia dentro dos meus pensamentos, já que eu achava, e achei, até que o impossível aconteceu, justamente, que eu e ela éramos inseparáveis. Antes dos nove anos, nunca me fiz essa pergunta de saber quem eu era, nem a que sexo eu pertencia. Eu pertencia a um contexto, a um conjunto, que era minha mãe e eu (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 22).

A descrição da relação com sua mãe não é apenas a de uma proximidade física, para João, a simples separação dos corpos não é o suficiente para a existência de dois sujeitos, há uma intensa união psíquica, os dois formavam um único indivíduo. Logo João era sua mãe, e sua mãe era João, não havia diferença. Este era o lado positivo do mundo, a vida, a beleza e a pureza. “Como podia eu, pois, desejar ser um dia como meu pai? Ela me dava tudo, e por outro lado, eu era seu refúgio. Esse estado de coisas, por minha parte, poderia ter durado para sempre” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 25).

Encontramos em uma cena descrita por João, sobre o carinho e o cuidado que sua mãe tinha com ele, um exemplo modelo da sedução originária, da implantação da sexualidade inconsciente do adulto e da transmissão de mensagens enigmáticas de gênero.

Parecia-me evidente que minha mãe tinha tanta necessidade de mim como eu dela. Ela me levava para a cama de noite, quando



meu pai não estava ou não tinha ainda chegado. Eu adorava me deitar na cama com ela. Ela era linda e tinha cheiro bom, um cheiro especial de mulher. Me apertava contra ela na cama de casal, com os dedos me acariciava as sobrancelhas, era tão doce. Eu lhe dizia bobagens, palavras que não tinham sentido – palavras de amor. Ela me respondia. Nós éramos um refúgio um para o outro. Lembro-me que ela me chamava sua filhinha. Isso nunca me impressionou, ou me pareceu fora de lugar. Eu era aquilo que ela dizia que eu era (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p.22).

A cena ilustra a sexualidade da mãe sendo implantada em seu filho, o caráter excessivo e incestuoso em quase todos os elementos, o quarto do casal, a cama, o lugar do pai ausente, a proximidade e os toques da mãe, e os efeitos em João da sedução da mãe, a incapacidade de dar conta desse transbordamento da sexualidade materna, representado pelas palavras sem sentido que João dizia. As palavras não dão conta de traduzir a cena.

João entende o contato intenso com sua mãe como carinho e cuidado. Quem ama deve cuidar. O contato e a aproximação, as brincadeiras, as carícias são, para João, da ordem do cuidado e da ternura. Neste contexto, o sexual da mãe é transmitido por suas carícias e pelo seu cuidado.

Entretanto, o que ainda chama atenção, com seu caráter enigmático, é João ser chamado de filhinha. Por que sua mãe o chama de filha? Desejaria que João fosse uma menina? O que a mãe de João lhe comunica?

Ela nunca me disse ter pena de eu ser um menino, e que teria preferido que eu fosse uma menina. Não, nada nesse sentido; não me lembro de que ela falasse de menino, não sei. Mas talvez tenha falado. Diz-se às vezes: 'Oh, que lindo menininho!' Parece que eu fui uma criança linda. Não sei. Será que realmente não se falava nisso? Será que eu quis esquecer? Farei eu o possível para não entender, porque não era assunto meu, não era comigo? (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 22).



Vimos na biografia que, algumas vezes na infância, João se vestia com o sutiã, calça e sapatos da mãe, sem sentir isso como um ato de transgressão do gênero. Tudo o que pertencia à mãe era belo, João queria ser como a mãe. A mãe não impedia e ria ao ver seu filho se vestir com seus acessórios femininos.

João ao se perguntar sobre a possibilidade de sua mãe ter desejado uma menina ao invés de um menino, vimos na citação acima, em um primeiro momento, recusa a hipótese, porém, ainda resta uma dúvida. Há algo de enigmático em torno do gênero na nomeação de João como filha.

Em uma possível explicação que João formula sobre sua partida para o colégio interno, encontramos algumas considerações sobre os enigmas transmitidos pela mãe.

Ninguém tinha pedido sua opinião. Era a única maneira de ser algo mais que um camponês, sua mãe estava orgulhosa. Não se pensava nem em hesitar. Porém eu, a mim pagavam os meus estudos. Com que intenções? Que faria eu mais tarde? O lógico, sendo filho único, teria sido que frequentasse a escola até os quatorze anos, e com meu diploma – lindo e pendurado na parede – fosse trabalhar na padaria. O negócio da minha mãe dava lucro. Ela sozinha dirigia tudo, ajudada pelo empregado e por uma doméstica; ela era adorada pelos que secundavam, que faziam tudo por ela. Trabalhava duramente, era amável com os fregueses, tinha deixado de ser mocinha amparada pelos pais no hotel, ela tinha aprendido a contar com ela mesma (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 40).

Em uma das viagens de férias para casa, João ao se deparar com a padaria e sua mãe, ressignifica seu abandono. Pois o trabalho da mãe na padaria era exaustivo e não lhe permitia fazer outras atividades, além de um significativo prejuízo ao corpo.

Não era um trabalho cor-de-rosa, era fatigante, horas impossíveis, num calor intenso, e sempre com o corpo inclinado para a frente: muitos nesse trabalho terminam velhos, curvados para sempre por



causa da posição eterna para fazer o pão, e nunca mais podem ficar eretos (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 41).

O garoto supõe que sua mãe não queria que ele trabalhasse na padaria, apesar de ser um emprego digno, porque desejava um futuro mais promissor para o filho, um futuro que ela não teve a chance de conquistar.

Eu creio, porém, que desde o princípio, ela teria desejado outra coisa, nos seus sonhos, sem dúvida ela me via como um príncipe. [...] Numa época na qual o atavismo das classes sociais e das profissões eram enormes, na qual se sabia, desde pequenos, qual era o futuro prometido, eu não sabia de nada, vivia no ar, sem mesmo um futuro. Quando comecei a entrever a minha vida – mesmo apesar da minha vontade e da vida me fazendo das suas – eu só tentei uma coisa: tratar de me sair bem (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 42).

A ideia de que a mãe deseja algo melhor para João, parece produzir um movimento de superação, tanto no sentido da renúncia imposta a ambos, como a possibilidade de fazer o que sua mãe não conseguiu, vencer na vida.

Vejamos os desdobramentos que o colégio interno provocou em João e suas formulações.

Apesar da intensidade e de uma relação até o momento ininterrupta, o impossível ou inimaginável aconteceu, dissemos, a descoberta que sua mãe amava outras pessoas, pois tinha um amante e, ainda, a família decide enviá-lo a um colégio interno.

Assim, se dá uma separação de corpos e de psiquismo com a exigência do reconhecimento que João era diferente de sua mãe. O colégio interno é considerado uma prisão, prisão entre os meninos, e também, com seu próprio corpo. Foram os meninos do colégio interno que lhe permitiram uma atribuição e sentido ao sexo masculino, uma diferenciação dos sexos, como dissemos.



João detestava os garotos do internato, eram testemunhas do abandono materno e, sobretudo, da perda da fonte de satisfação, do corpo materno.

Agora, os colegas do internato, estranhos, estavam entre ele e sua mãe, assim como o amante da mãe, um homem mais forte e viril. O reconhecimento de um corpo próprio e de um corpo masculino poderia ter como efeito uma ressignificação e recalçamento do contato excessivo e incestuoso com a mãe, mas, no lugar disso, é apenas o corpo masculino que o assombra.

Assim, João descobre que é um menino, seu sexo é descrito como asqueroso, nojento e sujo. Mas, seu sexo é fonte de mal-estar apenas por representar o pai, o amante da mãe, o vigário, o monge, os colegas e o padrasto com toda a violência masculina? Ou se trata de um anteparo para esconder outra sedução, a das carícias incestuosas da mãe?

Ser uma menina, de certa forma, transfigurava o edípico da cena, segundo Freud (1932/1996d), os cuidados maternos e a vinculação entre mãe e filha podem ser mais duradouros, ou são, digamos assim, permitidos por mais tempo. O incestuoso do constante e excessivo contato entre João e sua mãe são recalçados na medida em que sua mãe o transforma em uma menina. Desta forma, se aumenta o tempo para a construção de uma barreira entre mãe e filho e a aproximação e as carícias são permitidas e aprovadas. A única forma de João traduzir e se proteger da sedução e do contato com a mãe seria se tornando efetivamente uma mulher, uma mulher como a mãe, idealizada e dessexualizada, uma mulher sem um homem. Assim, João se sacrificaria para que a mãe renunciasse a todos os homens.

Finalmente, o falecimento da mãe, quando ele tem vinte e um anos de idade, é marcado pela constatação do fracasso da vida como um homem e uma profunda solidão de João. “Minha



mãe tinha sido completamente engolida e, com ela, seus filhos. Trabalhar duro, toda a vida, na esperança de viver melhor, de adquirir bens: para nada! Uma vida fracassada” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 80).

João nunca se sentiu tão só, uma parte dele também morria com a morte da mãe. “Com ela, partia a melhor parte de mim mesmo, eu tinha estado impregnado dela. Sua morte me deixava amputado. Dividido, despedaçado, mutilado...” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 80).

Interessante demarcar a relação do corpo de João e sua mãe. Logo após a morte dela, temos a primeira narrativa de uma experiência sexual de João e o mais terrível incômodo com seu corpo. Se antes as mulheres pertenciam ao campo da ternura e da delicadeza, o falecimento da mãe introduz mulheres com paixão e João entregue ao sexo feminino como se entregava às carícias da mãe, se deixa invadir e penetrar no ato sexual pela pureza e beleza do sexo feminino.

Neste momento, João está diante de um impasse decorrente da descoberta traumatizante do seu próprio corpo, e isto terá consequências para as relações que estabelecerá com outras mulheres.

3.3 O SEXO NÃO CORRESPONDE AO GÊNERO

A anatomia que demarca a diferença dos sexos, não fazia sentido na infância de João, ser menino ou menina era a mesma coisa, ou seja, João tem uma enorme dificuldade em lidar com qualquer fator que o diferencie de sua mãe. Até a entrada no internato, João, vimos, relata não ter tomado consciência de uma existência independente de sua mãe e nem de seu corpo ou sexo. O colégio interno mostrou a João a diferença entre os homens e as mulheres, o masculino e o feminino. Todo um conjunto de atos



e comportamentos realizados e próprios dos homens. A promessa do colégio interno era justamente que João se transformasse em um verdadeiro homem.

Tive pela primeira vez consciência do meu corpo, do dos outros, coisa que me desapontou e me desgostou definitivamente. A consciência do meu corpo de menino dentro do conceito de sexo – já que a promiscuidade dos internatos é tanto maior por causa da eterna proibição de tudo – coincidia com o meu asco. [...] Foram os meninos da minha idade, ou um pouco mais velhos, que me fizeram conhecer meu corpo de homem (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 25).

O corpo se desenvolve sem a permissão de João. O seu sexo de tamanho pequeno é motivo de vergonha diante os outros garotos. No banheiro, se exibem diante do olhar de promiscuidade uns dos outros, há um grande interesse em cada um de seus colegas se afirmarem como homem. Os alunos mais experientes provocam e ensinam os alunos mais inocentes, exibem seus corpos e prazeres frente aos olhares atentos e curiosos dos mais novos. Um colega, com um grande pênis, mostra a cada oportunidade sua potência para João, o que o faz se sentir inferior e envergonhado. João apenas observava, era diferente daqueles garotos.

Ele não perde uma só ocasião de me mostrar seu membro a fim de me convencer da minha inferioridade. Ele morre de rir com a minha vergonha e por ficar encabulado. O que ele pensa, sem dúvida, é que eu estou desolado por ter sido tão mal dotado pela natureza. Ele se masturba embaixo da mesa, no estudo, depois de me ter prevenido para que eu olhe (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 32).

Estamos diante de uma situação, no internato, em que alguns realmente ocupam uma posição masculina, já os outros, como João, são postos numa posição feminina. João está nesta última, na realidade está descobrindo que, talvez, ele não seja, de fato, um homem. Seu corpo pouco avantajado o confirma, afinal ele é a menina da mãe.



A descrição de João em relação a seu pênis nos faz lembrar a menina que descobre a diferença dos sexos, o que lhe abre como possibilidade os caminhos da feminilidade. João, ao considerar seu pênis pequeno e inferior se sente envergonhado, como a menina freudiana que acreditou que seu clitóris iria crescer e já não acredita mais. A constatação da diferença anatômica a faz se afastar da masculinidade e a conduz para o desenvolvimento da feminilidade. Ribeiro (2010) acrescenta que não é apenas a ausência ou a presença do falo que a constatação da diferença anatômica revela para a criança.

Diante da diferença anatômica, as crianças não opõem simplesmente presença à ausência ou fático a castrado, mas principalmente penetrante a penetrado, dominador a dominado, agressor a agredido, etc. Basta lembrar que há entre as crianças um gosto especial pelas brincadeiras que envolvem subjugação, imobilização, susto e medo para que se suspeite que a transformação da diferença anatômica em oposição sexual abrange este jogo de passividade e atividade (RIBEIRO, 2010, p. 88).

João não é como os outros meninos, não há grandes sinais de virilidade, ao contrário, se sente inferior e envergonhado diante da potência representada pelo pênis. João é doce e delicado como sua mãe, porém, anatomicamente é um homem, embora não seja bem dotado como os outros que o assediam.

A descoberta do sexo lhe impõe uma série de condutas, respectivas ao que se é esperado do sexo masculino, porém, João se recusa a ser um menino, queria ser um anjo, com traços femininos e delicados, sem sexo.

Eles já se dão conta de que há algo comigo que não coincide com eles. Eles veem que não me interessam tanto, alguns até adivinham o meu desagrado; e isso os põem furiosos. Eu traio meu sexo recusando apreciar as prerrogativas viris, e os privo dessa representação teatral (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 31).



Os quartos no internato, com camas de ferros enferrujadas e muito próximas uma das outras, permitia uma observação atenta do comportamento sexual dos jovens garotos.

De noite, no dormitório, quando as luzes se apagam, as camas, numerosas camas, se agitam com movimentos espasmódicos. [...] Eu não perdia nada da atividade clandestina dos meus colegas. Parecia que estávamos num navio. Para evitar tudo isso eu pensava na minha mãe. E fiquei sabendo que teria que viver toda a minha vida, dentro da minha calça, com essa coisa incômoda, tão importante, ontem ainda inofensiva, insignificante. E aprendi que isso era a virilidade (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 32).

Os garotos se masturbavam com suas fantasias afinal estavam se fazendo homens uns sob o olhar dos outros. Nesse contexto que lugar cabia a João? Se as fantasias nos remetem a Freud (1912/2013) e ao romance familiar de cada garoto, temos que a fixação das fantasias infantis na puberdade ocorre precisamente através da masturbação e que somente mais tarde encontrarão saídas na vida real quando adultos. Desta forma, podemos supor haver uma variedade de fantasias nas práticas masturbatórias dos garotos, e dentre elas, as fantasias de uma amante, mesmo que fosse através do menino das feições delicadas e femininas, João, e que essa amante, afinal de contas, era sempre a mãe, a mãe ausente, saudosa. Também João pensava em sua mãe, mas pensava na mãe como se ele mesmo fosse uma menina, pois é legítimo que uma menina desejasse ficar com a mãe, chamasse pela mãe, mostrasse sua fraqueza, sua delicadeza. E essa é também uma forma de João se masturbar pensando nela.

Durante seu período no internato, para sobreviver entre os garotos, João se sujava, estava sempre mal arrumado e despenteado. A aparência desleixada era um modo de João se proteger do assédio dos outros garotos. Na ausência de garotas, a possibilidade de obter prazer em uma relação homossexual era comum entre os rapazes do colégio. João era um belo garoto,



com traços delicados e graciosos, um alvo fácil. Em diversos momentos, foi cortejado e recebia convites para passeios.

Ao voltar para casa, depois de ter conhecido a solidão e a falta de interesse ou habilidade para lidar com o mundo dos garotos, João percebe que o seu lar não era o mesmo. As antigas amigas, dissemos, haviam se transformaram em jovens.

Quando eu me aproximei de uma delas para dar-lhe um beijo como antigamente, na intenção de cumprimentá-la, ela recuou e me empurrou. Antes, eu não teria compreendido. Desta vez, eu compreendi muito bem. Eu não era outra coisa senão um menino (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 27).

O gênero precede o sexo, conforme Laplanche (2006b), é o que João parece descobrir ao ser tratado como um menino já crescido, isto é, surpreso com suas transformações corporais e com a constatação que, sim, ele tem um pênis. Se antes João repudiava a diferença dos sexos, permanecia na pureza e nas belezas do lado positivo, das mulheres, a partir das mudanças corporais próprias de sua idade, um corpo que se desenvolve, um pênis que cresce, João já não consegue mais ignorar a diferença, se assusta e se surpreende com o próprio corpo, que não condiz com o gênero que é identificado.

Vimos que João era identificado por sua mãe como uma menina, o que nos remete à “identificação por” de Laplanche (2006b). Isto é, apesar do trabalho ativo da criança em elaborar as mensagens enigmáticas de gênero provenientes do adulto, há um processo onde os pais identificam a criança como um menino ou uma menina, onde a sexualidade inconsciente e os restos de traduções de gênero dos pais são implantados na criança (MARTINEZ; SOUZA, 2014).

A identificação por um gênero feminino de João é realizada por sua mãe em uma série de momentos ao longo de sua infância. De



acordo com Martinez e Souza (2014), a transmissão de gênero não é um evento pontual, e sim, um conjunto contínuo de atos e cuidados direcionados à criança. Algumas situações de João e sua mãe indicam a transmissão do gênero feminino ao menino João, por exemplo, ser chamado de filhinha por sua mãe, ganhar e brincar de boneca ou com a permissão e o olhar da mãe, se vestir com suas roupas e acessórios. A partir das transmissões e da constante identificação por um gênero feminino realizada por sua mãe, João acredita ser uma mulher, se inclui e é incluído no universo feminino. Até a descoberta de seu sexo, João era parte do lado positivo do mundo, o feminino, autorizado pela mãe, representante de todas as mulheres.

A grande descoberta de João é que ele não é um menino, mas tem um pênis, vimos, e isso significa que a sua descoberta é a do sexo, mas, na transexualidade, a revelação de um corpo sexuado pode ser um momento traumático, capaz de ressignificar todo um conjunto de experiências da primeira infância, que em um primeiro momento não tinham sentido ou representação. O sexo reorganiza e impõe a João a binaridade (masculino – feminino), não é mais possível acreditar ser uma mulher, seu corpo impõe parâmetros definidos culturalmente para a manifestação do gênero. Se antes era possível brincar que João era uma mulher como sua mãe, seu sexo lhe revela um corpo como o do pai. As brincadeiras com os acessórios e as roupas da mãe passam a ser proibidas, pois a descoberta de seu corpo masculino impede a existência e o livre acesso ao universo feminino.

Porém, seu pênis e sua sexualidade eram tidas como um engano, não lhe pertencia. Sem o pênis, João se imaginava puro e limpo.

Esta parte de mim mesmo, essa coisa exterior, eu não a sentia como uma parte de mim, uma parte do meu corpo. Isso não me pertencia. Era uma peça acrescentada por engano. Enquanto os



demais rapazes estavam orgulhosos e o exibiam sem cessar, eu dissimulava, apertava entre as minhas coxas para evitar que aparecesse. Sem isto parecia que eu teria um corpo limpo, puro (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 54).

João, apesar dos constantes pedidos, sabia que não se tornaria uma mulher pelas mãos de Deus, sua saída foi tentar reinventar o jeito de ser homem. Cavalheirismo e cortesia deveriam fazer parte de seus novos traços masculinos. João tenta ser ou ao menos parecer um homem, porém, não sem sofrimento, “[...] quanto mais o ‘ele’ de fora se construía, mais o ‘ela’ de dentro gritava alto, com voz insistente muda, reclamando seu direito à existência” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 78).

3.4 SER UM HOMEM PARA CUIDAR DAS MULHERES

Frente à impossibilidade de ser uma mulher como sua mãe, João inicia uma tentativa de se transformar em um homem, o homem que a cultura lhe diz ser. Fica mais forte, como vimos, e descobre que ser um homem, nesse momento, parece fácil, pois o mundo é das aparências. Num mundo assim, e para se assemelhar a um homem, basta ter dinheiro, um papel que deveria ser representado: simular a masculinidade que não existia ou lhe cabia.

Eu ia, pois, com minha entrada na Marinha, embarcar numa longa, difícil e dupla caminhada. Havia, realmente, uma divisão em dois caminhos paralelos. O primeiro consistia nessa tentativa de adaptação às circunstâncias, ocultar a minha personalidade verdadeira, usar uma triste máscara, um verdadeiro papel de artista. Eu não conseguiria ser um homem no sentido social vigente, mas eu representaria sê-lo. Aliás, é o que acontece comumente. Para mim, no entanto, tornava-se insuportável. Ser um homem autêntico nada tem de muito difícil. São os princípios, a moral, uma determinada linha de conduta. Esta é minha maneira de pensar. Não está nos músculos e na gravata. Mas muitos se



contentam com estes acessórios. Basta olhar a imagem de homem proposta pela publicidade: é ter dinheiro, um carro e um revólver. E, naturalmente, um pênis bem grosso. A masculinidade tem os acessórios citados, assim como para a mulher é fazer o strip-tease. Eu teria que representar esse papel. Tinha, pois, que compreender quanto seria doloroso e intolerável (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 59).

João vislumbrou, no convívio forçado com os marinheiros, a possibilidade de aprender a ser um homem. Uma tentativa desesperada de aprender, com homens experientes, a negociar com a sua passividade e feminilidade para conseguir acesso à masculinidade.

Os marinheiros revivem e reafirmam as fantasias de João sobre o sexo masculino ao contarem suas histórias com as prostitutas e as casas de prostituição.

Suas estórias giravam invariavelmente em torno desses temas: as putas que eles tinham comido, aquelas que iam comer, as doenças venéreas de saudosa memória com as quais alimentavam suas glórias. Ouvindo-os poderia se pensar que se tratava de medalhas. Eles comparavam suas 'bocetas' como se comparavam vinhos raros. Comparavam pifões memoráveis, como alvo e prêmio máximos de suas saídas. Falavam de seus futuros postos na marinha em função desses dois elementos: a 'foda' e a 'sacanagem' (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 63).

Foi também dever dos marinheiros iniciar João na vida sexual. O rapaz ainda desconhecia o que acontecia na cena sexual, apenas ouviu alguns relatos. Para ser e conviver entre os homens era preciso beber e se deitar com as mulheres. Ao ser levado para um prostíbulo, João relata a sensação de ter sido escoltado por dois guardas para a morte. Não tinha como recusar o convite ou desistir, seria tomado como desprezo.

No bordel, João abordou uma garota, e a seguiu até o quarto. A prostituta deve ter tido pena do jovem rapaz. Já no quarto e com a puta, João ficou impotente, e foi consolado.



Nós ficamos o tempo necessário para que os demais pensassem o que quisessem. Quando descemos ela elogiou a minha técnica na frente dos meus companheiros: 'Puxa! Este sim que sabe fazer. Não perde tempo! Não brinca em serviço, o homenzinho!'. Eu estava batizado" (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 65).

João tinha sido iniciado para os marinheiros.

Sobre o amor, João diz que faz o gênero passivo e que ama as mulheres, aliás, seu grande amor foi uma mulher. Ao flertar com as garotas, se preocupava em não demonstrar qualquer atitude de brutalidade ou violência, elas não deveriam temer João. Ao mesmo tempo, jamais pensaria em usar seu sexo para "sujar" uma garota. Se durante os doze e treze anos de idade queria ser como as meninas, aos dezesseis desistiu, na mesma idade com que começa a se masturbar e ter fantasias com garotas.

João, ao tentar se definir ou encontrar um lugar social para sua sexualidade, diz ser um homem lésbico, pois tem um pênis, o que o define anatomicamente como um homem, mas considera sua mente como a de uma mulher, logo, o amor está marcado pela igualdade, o amor entre duas mulheres.

Contudo, e apesar do relato de alguns homens chamarem a sua atenção ou por serem homossexuais ou por traços de sensibilidade e beleza, há, ao mesmo tempo, constantes afirmações de não ser um homem gay, pois João não tem interesse em homens. Diante da dúvida e da possibilidade de gostar e se encantar por um homem, diante de um desejo erótico pelo sexo masculino, ocorre uma negação. O olhar e a violência do pai que marca e representa o mundo dos homens, ainda precisa de uma elaboração de João.

Mas, de fato, a primeira experiência sexual se dá por volta de seus dezenove anos, quando passava suas férias da marinha na casa da sua mãe. João diz guardar a lembrança de ter sido



seduzido por uma vizinha mais velha, ao encomendar um bolo na padaria da família, faz questão que João entregasse a encomenda. O marido dela não estava em casa, a senhora o faz entrar na residência, e, neste momento, o aperta contra ela, João se diz passivo diante dessa situação.

Ela fez o papel do homem, eu da virgem... Considerei o assunto como coisa sem importância, pura formalidade. Fui seduzido sem nojo, e funcionei sem prazer; uma ejaculação normal, orgasmo pobre... Não me lembro de outra sensação nessa aventura. Senti-me um pouco liberado, e pensei: 'Enfim, já está' (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 73).

Enfim, ter tido uma relação sexual ou seu sexo funcionado era uma prova de normalidade, uma vida que oscilava entre o desagradável e o sem prazer, mas era um homem. Por outro lado, podemos apontar uma metonímia muito interessante entre a vizinha, uma mulher mais velha, e a mãe.

A descrição da primeira experiência de João é similar ao período da infância quando seu pai saía de casa e sua mãe o levava para cama do casal, acariciando-o. O apertava entre suas pernas e dizia doces palavras. Uma cena de amor que se repete, a cena da sedução da mãe, entretanto, João, neste momento, tem mais recursos para lidar com a invasão da sexualidade do outro, é um homem formado e se deixa penetrar pelos prazeres dos toques feminino, que os transforma no papel de homem.

Alguns recortes da breve biografia de Joana serão retomados a fim de permitir ao leitor acompanhar a história de João e nossas futuras interpretações.

A Segunda Guerra Mundial convoca João, apesar de uma variedade de relatos breves deste período, o que chama atenção



de João não é a crueldade, e sim, a mediocridade dos homens, pouca virilidade ou força e muitos gritos, encenações de poder que de fato não tinham.

Depois de ter saído da guerra, João conheceu sua esposa. Françoise trabalhava numa sala ao lado, era uma mulher, bela, meiga e doce.

Fisicamente ela representava o meu ideal de mulher: limpa bem vestida. A garota do bem, um pouco à antiga. Tinha cabelos castanhos, curtos e crespos, olhos castanhos. Vestia-se de maneira clássica, sempre; com uma nota qualquer de cor num lenço, numa joia. Sua roupa estava sempre impecável (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 92).

Françoise possibilita que João circule dentro do universo feminino, lhe dá acesso e a liberdade para viver de forma sensível e doce ao seu lado. Não lhe cobra a virilidade ou potência masculina, e sim, doçura e amor.

Ela era para mim a mocinha que eu teria querido ser. Creio que ela tinha, de uma certa maneira, adivinhado a minha deficiência, sem saber, no fundo, em que consistia. Ela se comportava comigo como se eu fosse ao mesmo tempo um protetor mas um objeto frágil (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 95).

A impossibilidade de ser uma mulher, a descoberta do sexo masculino e as novas condutas impostas pelo estereótipo de homem na sociedade, faz com que João crie uma solução de compromisso, um sintoma. De acordo com Freud (1917/2014a), a conciliação entre a defesa e a satisfação se daria na formação de um sintoma. “A formação de sintomas obtém um triunfo quando consegue mesclar a proibição e a satisfação, de forma que o mandamento ou proibição originalmente defensivo adquire também o significado de uma satisfação” (FREUD, 1926/2014b, p. 48). João adentra o universo feminino como um homem destinado a proteger as mulheres da violência da masculinidade, faz da



masculinidade um sintoma, e consegue conciliar a vontade de ser mulher com a obrigação de ser um homem.

A cerimônia de casamento de João e Françoise é realizada na fazenda dos sogros, em 1944. “Ela estava vestida com um terninho branco e eu com um terno com calça diferente do paletó, pedi uma camisa branca emprestada a um amigo, e uma gravata a um outro” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 99).

Como dissemos, João tinha horror à relação sexual, adocece em sua lua-de-mel, pois era algo assustador, como poderia João sujar sua amada? “Havia algo de brutal no contexto que me fazia ter repugnância. Para mim o ato sexual não era a penetração, que eu achava um ato selvagem, senão algo que explicaria o acontecimento para fins de procriação” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 99). Mas, isso será solucionado por Françoise, que propõe uma relação sem sexo. É muito interessante apontar que a falta de necessidade de relações sexuais entre o casal nos leva à cena com a mãe, com suas carícias e o romantismo.

Dissemos, também, que o casal adota um bebê, Catherine, que completa a sua felicidade, seja porque significa a realização para Françoise, seja porque é tudo o que João um dia gostaria de ter sido, uma menina. Mas, a presença de um bebê, diz Laplanche (1992), excita o adulto, mobiliza seu inconsciente e o tema da masculinidade de João novamente o perturba: “E, de repente, tudo se precipitou. Com a chegada da nossa filha à idade de fazer-se mulher, o conflito sexual reprimido em mim acentuou-se. Eu passei a ter períodos de depressão muito difíceis de aguentar. Fui então ao médico” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 119).

A filha do casal, antes mesmo de sua chegada, revela uma ferida de João, a incapacidade de penetrar uma mulher, de ser potente como os garotos do internato, como o pai ou a incapacidade de ser uma mulher. Os fantasmas do passado são acordados e se



movimentam, exigem respostas e elaborações com a presença do bebê.

Vimos que foi a partir desse malestar que a possibilidade de um tratamento hormonal abre espaço para um novo caminho, a experimentação dos hormônios femininos.

O início de uma feminilização do corpo de João.

O tratamento teve como primeiro efeito enfraquecer meu sistema piloso masculino; meus seios começaram a crescer meus quadris que tinham sido sempre um pouco grandes para um homem, começaram a arredondar-se. Mas eu passei a me sentir maravilhosamente bem. Deixei de ter mal-estar, e nunca mais tive mudanças de humor (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 120).

Mas, Françoise adoeceu gravemente, vimos, e antes de morrer nos braços de João lhe disse: “[...] agora, você vai poder ser o que você sempre desejou [...]” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 122). A frase que marca a morte de Françoise parece ser a autorização que faltava para João buscar sua verdade e se transformar em mulher. A esposa que relembra a mãe, o lado positivo do mundo, a beleza e a pureza, diz para seu marido/filho que podia viver sua feminilidade.

3.5 NASCE JOANA: A TRANSFORMAÇÃO

A aposentadoria é escolhida por João como o período para iniciar suas transformações. “Para mim, a aposentadoria é um período glorioso: faço o que quero, quando quero, sem ter que prestar contas a ninguém; é maravilhoso” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p.136). Com a aposentadoria, Joana toma corpo e forma. Assim, o que era antes um sonho privado e escondido, finalmente pode se torna público e visível porque João escolhe viver como mulher.

Um conjunto de elementos, neste momento da história de Joana, a impulsiona para sua transformação, além da



aposentadoria. É, sobretudo, a ausência da esposa que impossibilita João circular pelo universo feminino e vivenciar sua própria feminilidade em outra mulher. O falecimento da esposa de João o deixa sem direção, completamente perdido. Françoise, e sua feminilidade, era todo o mundo de João. “Novamente me via privado desta vida simbiótica com uma mulher que, por me ofertar sua feminilidade, conseguia me fazer aceitar não ser eu mesmo” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 123). Durante todos os últimos anos, apenas sua esposa havia compreendido e sendo confidente de seu sofrimento. “Ela agia comigo, no que diz respeito a meu problema de identidade, como uma mãe indulgente e compreensiva, e não como esposa” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 123). O contato com Catherine, sua filha, faz as lembranças e o enigmático de sua infância, ressurgir, lembranças do contato incestuoso com sua mãe e do olhar do pai. Por fim, a chegada da aposentadoria liberta João de obrigações sociais em relação ao trabalho, como, também, das obrigações morais e sociais, pois João havia cumprido seu dever como homem ao construir uma carreira e uma família. Agora, pode também se aposentar da carreira de ser homem.

“Pouco a pouco, a máscara que eu me tinha imposto foi caindo. Cessei de fingir. Minha voz passou a ser a natural. Não usei mais gravata. Ia trabalhar com um blaiser e um pullover. Eu estava, também, ausente” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 123). João busca, então, a ajuda em uma associação, vimos, que tratava “doentes hormonais”, Ajuda aos Doentes Hormonais (AMAHO). Em uma única entrevista, a médica o compreendeu o que João desejava: tornar-se uma mulher. Através da associação João faz algumas amizades, conhece a diversidade sexual de perto, os travestis, gays, hermafroditas e os transexuais. Foi possível perceber com a convivência com outros transexuais que não estava só.



João assume sua feminilidade, desta forma, transforma sua voz e seu corpo, experimenta o universo feminino tão desejado e ao mesmo tempo mascarado por tantos anos. Para João era preciso delicadeza e suavidade ao se comunicar. Joana era gestada por João.

João procura um médico e um local para sua cirurgia, alguns transexuais indicam para a consulta um vestido de cashmere ou roupas femininas, precisava convencer que era uma mulher num corpo errado. A entrevista teve como resultado a confirmação da transexualidade e um atestado indicando a operação, a promessa de tornar sua vida mais feliz. A operação viria para ajudar João a ser quem era. Cabe lembrar a crítica de Bento (2006) sobre a necessidade do transexual, ainda hoje, de assumir um estereótipo da transexualidade para obter a autorização para o processo transexualizador, mas esse era o caminho possível. Bento (2006) propõe, na atualidade, um olhar menos rígido sobre a manifestação da transexualidade e suas singularidades.

A própria explicação da operação revela que não se faz homens ou mulheres, não se cria útero ou ovários, apenas se transforma um pênis em uma vagina. João sabia que não se tornaria uma mulher por completo, não tinha uma idealização em relação à operação. Então, por que precisa da cirurgia? O que envolve a decisão de transformar sua genitália, de literalmente retirar o pênis?

Ser chamada de “senhora” pelos vizinhos não bastava, João em frente ao espelho se odiava.

Passei minha vida evitando olhar meu sexo, e até mesmo tentando camufla-lo. Eu havia incubado – dava-me conta cada vez mais, a cada dia que passava – a ideia de que eu ia decidir-me a fazer a operação. Enquanto isso, a presença do meu sexo me incomodava como uma pedra no sapato. Já era uma obsessão, uma urgência. Achava aquilo tudo desagradável, feio, anormal mesmo. Esse



pouco de carne que eu tinha tolerado toda minha vida acabava por me fazer horror (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 148).

A operação demarca um primeiro tempo da tradução do enigmático de gênero de forma radical, se faz ato, era preciso num ato retirar um pedaço de si para dar conta do excesso que lhe habitava. Joana faria parte do lado positivo, das mulheres, da pureza e da beleza. Pode se deitar e se aproximar das mulheres, não corre mais o risco de sujá-las ou violentá-las com seu órgão genital, como fazia o pai com sua mãe, como tentaram fazer com ele. Em ato, João abre um canal para penetração do que antes o invadia com violência, é possível se deixar penetrar pelos olhares do masculino e as carícias do feminino.

O último dia de João foi em 20 de novembro, de 1976, após a realização de exames e de todo um processo cuidadoso em relação à saúde e ao processo cirúrgico. É assim que João deixa de existir, pois “nasce” Joana.

Joana acorda da operação e, apesar de tubos pelo seu corpo, não sente dor. O primeiro banhodepois da cirurgia, vimos, fez Joana se lembrar de seu último banho como homem. Um corpo transformado e tão sonhado.

Água quente e acolhedora como uma volta ao ventre, um novo nascer. Deixei tanto atrás de mim. E tenho hoje a mesma sensação de limpeza, de capricho. Barbeada e depilada, como fiquei para operação é então mais impressionante ainda. Impressão de ser virgem... Enfim, me pari eu mesma. Acho-me bela, pela primeira vez na vida. E só agora me dou conta até que ponto eu detestava meu corpo antes. Sempre aquela coisa incomodando, aquela desavença comigo mesma, aquela recusa do meu próprio ser (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 158).

Quatro anos depois da cirurgia, Joana diz ser independente, livre, equilibrada e forte. Joana não necessita de mais ninguém para viver. A operação demarca o início da sua liberdade.



A lembrança da esposa ainda é constante, e parece que depois da redesignação sexual Françoise estava mais próxima.

É uma maneira de prolongar a fusão que fazíamos os dois num só ser. Eu costumava me dizer que foi ela, depois de tudo, que me mostrou o caminho para ser mulher, com seu exemplo cotidiano. [...] Vivemos tão próximos que é assim como se os gestos da minha mulher eu hoje os faça em seu lugar (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 163).

Apesar de ser reconhecida socialmente como uma mulher, Joana diz ser um transexual, vive entre o masculino e o feminino, nem um e nem outro. “Eu nunca fui uma mocinha, nem uma adolescente. Não vivi a transformação de uma mocinha em mulher, não sofri na carne o ciclo feminino. Nunca estive grávida. Não dei a vida a ninguém. Não pari” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 166). Porém, Joana desejou ter uma vagina, isso bastava.

Depois da cirurgia, Joana teve experiências sexuais com um homem e com uma mulher. A mulher foi pela via da ternura, docilidade, confiança. Já com o homem, um amigo, se relaciona pela dúvida e curiosidade em relação à possibilidade de ter prazer como mulher. Mas tratou-se de uma única experiência, um teste, pois Joana teve medo, medo de amar. Além disso, a liberdade fala mais alto, seria arriscado demais se envolver e perder sua independência. Por isso Joana não cede à tentação de ter um homem, por um lado considera ser tarde demais para um amor heterossexual e, por outro, a imagem do pai batendo em sua mãe nunca se desfez, o medo de ser desiludida ou violentada permanece.

A liberdade é tão admirada que, mesmo diante da solidão, Joana teme se prender a alguém, principalmente aos homens. O amor parece sinônimo de prisão. Neste sentido, Joana parece se transformar em mulher talvez para cumprir o que sua mãe lhe delegou, um projeto de vida: vencer na vida, ser capaz de se



desvencilhar da violência e da opressão dos homens, se tornar livre e independente.

Segundo Mello Neto (2012) e Mello Neto; Martinez (2022), pacientes buscam uma análise com um projeto, nomeado pelo autor como projeto transferencial. Trata-se de um propósito para a busca de uma análise, que de início não é algo claro ou evidente para o analista ou para o próprio paciente. A escolha do gênero e do sexo do analista, por exemplo, seria uma pequena parte consciente do projeto transferencial, um saber ainda pequeno, com poucos elementos. O sujeito busca uma análise para tentar elaborar ou dar conta de seu enigma, tenta, sem saber ao certo, reencenar com o analista seu drama edípico, por exemplo, como forma de se curar. Neste sentido, uma análise não estaria fundada apenas em um projeto consciente, e sim, em partes inconscientes do projeto do paciente.

O projeto transferencial para Mello Neto (2012, p. 504) é o que sustenta a análise, o analista deve ser incluído e se incluir neste campo transferencial, porém, gradativamente se retirar dele através de interpretações, “[...] uma interpretação, um assinalamento ou, mesmo, uma simples exclamação pode ser esse algo num certo momento e fazer aí se refere a poder traduzir essa experiência, traduzir, sobretudo em palavras”. A história de Joana permite vislumbrar um projeto transferencial, a partir de uma proposta de ampliação do conceito de Mello Neto (2012), para além da clínica, para outros campos de saber, como por exemplo a literatura.

Neste sentido, a transformação de João em Joana perpassa um projeto transferencial, a satisfação edípica de João com sua mãe. João, para se relacionar com ela, deveria ser aos seus olhos uma menina, uma filhinha doce e delicada, quem sabe uma menina que a própria mãe não foi, mimada e acariciada encobrendo o incestuoso dessa relação, traduzindo o excesso pulsional da mãe.



Assim, a transformação de Joana se realiza em nome de sua mãe, na possibilidade de uma relação homossexual com a mãe, do contato intenso e incestuoso apenas permitido por ser uma mulher. João, ao se transformar em Joana, cumpre o projeto transferencial, se deixa penetrar pela mãe e suas carícias, se funde novamente ao corpo materno, retorna às origens.

Ao final de sua biografia, Joana diz viver tranquilamente, narra a amizade e a companhia de algumas amigas e algumas pequenas viagens. A vida doméstica, assim como a escrita são gostos de Joana. Catherine teve uma filha e Joana se tornara avó. Joana é uma mulher livre!

3.6 ESCREVER PARA EXISTIR COMO MULHER

Uma inveja de Joana era a possibilidade das mulheres terem filhos. Os homens para compensar a incapacidade da procriação, teriam as obras de arte ou as invenções para criar. Contudo, a autobiografia de Joana pode ser considerada a tentativa de fazer um filho, gestar e fazer nascer uma obra, entretanto, não fez sozinha, como um filho não é gerado só, precisou da ajuda de uma mulher para escrever sua história. Interessante destacar que, para Freud (1932/1996d), a maternidade seria um caminho para dissolução do complexo de Édipo na mulher, com a criação simbólica de um falo. Joana, através de sua obra, reviveu o traumático de seu corpo em descompasso com seu gênero, um excesso que lhe habita, na tentativa de destraduzir para retraduzir sua história e seus enigmas. De acordo com Rodrigues e Martinez (2014), a escrita pode operar como uma tradução do traumático. “Seja como for, e frente ao trauma, é preciso metabolizar o excesso” (RODRIGUES; MARTINEZ, 2014, p. 859). O excesso que origina o traumático também funda um movimento constante e incessante de tradução, que tenta organizar e elaborar o trauma.



As construções em análise, continuam as autoras, podem auxiliar na tradução do traumático, das mensagens intrometidas. Onde, après-coup, o sujeito acompanhado do analista é capaz de representar o intraduzível e destraduzir para retraduzir o já traduzido, a fim de criar uma versão melhor de si e de sua história. As autoras acreditam que, mesmo diante das mensagens enigmáticas intrometidas, é possível algum nível de tradução, pois mesmo que o sujeito reedite a situação de passividade frente ao excesso e à sexualidade, que se intromete de forma violenta, se trata de um sujeito adulto, com traduções e defesas já instituídas, e com a escrita como recurso para traduzir o excesso. A criação opera como forma de minimizar o sofrimento.

“É na trama de traduções-destraduações-retraduações que, possivelmente, se constrói a narrativa” (RODRIGUES; MARTINEZ, 2014, p. 867). Um processo do qual não é possível sair ileso, mas permite que o sujeito crie uma nova perspectiva de si e de sua própria história, como, também, um novo olhar para o futuro. Assim fez Joana ao escrever, um processo compartilhado que testemunhou o sofrimento das destraduações e retraduações.

Joana não deseja a fama ou sucesso, sua intenção é compartilhar sua história no intuito de ajudar outros como ela. Ela e suas amigas dizem estarem cansadas dos sexólogos, a imprensa sensacionalistas e dos curiosos. Querem ficar e serem deixados em paz. Porém, para se compreender é necessário falar. Contar sua história para sair do anonimato, do submundo, da monstruosidade. “Uma história tão louca para um personagem tão normal. Tanto sofrimento e esforço para chegar à sua verdade” (RIHOIT; NOLAIS, 1980, p. 10).

Joana é a história de uma transexual que percorreu um caminho comprido e árduo para ser ela mesma. A escrita e a produção de uma autobiografia, para além da possibilidade de novas



traduções, é a tentativa de Joana criar um espaço para existir socialmente como mulher, uma história que permite a abertura das noções de normas e estereótipos sociais do masculino e feminino, a possibilidade de tornar público, visível, acessível uma manifestação da pluralidade do gênero, a transexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo dessa obra, discutir as origens da transexualidade feminina a partir da Teoria da Sedução Generalizada. A transexualidade é tomada como uma tradução frente às mensagens enigmáticas de gênero veiculadas pelo adulto ao cuidar de uma criança. Em um primeiro momento, a transexualidade é diferenciada da homossexualidade, travestilidade e a intersexualidade, desta forma, apresentamos as singularidades e as especificidades da diversidade sexual, como também, ressaltamos os impasses, desafios e o contexto em que o transexual está envolvido. O sofrimento em relação ao próprio corpo, o descompasso entre o corpo e o gênero e a precariedade no reconhecimento e existência social.

A Teoria da Sedução Generalizada permitiu uma compreensão sobre a constituição psíquica do humano em geral, a partir da Situação Antropológica Fundamental, ou seja, do ingresso da criança no mundo dos adultos, caracterizado por uma relação assimétrica, marcada pela sedução originária e a veiculação de mensagens enigmáticas do adulto para a criança. Entre as mensagens transmitidas pelo adulto, encontramos as mensagens enigmáticas de gênero e, por consequência, o trabalho ativo de elaboração pela criança das mensagens enigmáticas que contém os ruídos inconscientes do adulto em relação ao gênero. Neste sentido, o gênero, desde sua origem, estará permeado pelo enigma e pela pluralidade. O sexo, por sua vez, se apresenta como um recurso auxiliar de tradução, um organizador para a criança e uma



imposição de parâmetros binários (masculino ou feminino) como conecção diante da pluralidade de gênero.

A transexualidade, desta forma, é entendida como uma tradução das mensagens enigmáticas de gênero transmitidas pelo adulto, que se opõem ao sexo anatômico e que busca reconhecimento e a possibilidade de existência social. Se o corpo não permite uma organização ou auxílio de elaboração frente ao enigma, o social é convocado para afirmar a possibilidade de existência da transexualidade. És uma mulher ou um homem, para além do corpo a que pertences.

Destacamos como elementos fundamentais para compreender a transexualidade, em especial a transexualidade de Joana, a dificuldade em lidar com a diferenciação anatômica dos sexos, a tradução radical e em ato do enigmático de gênero e a construção de um espaço de existência social.

Adescoberta do corpo, como afirma Bento (2006), é um momento traumático para os transexuais. Joana, até a adolescência, dividia o mundo em dois grupos, o positivo e o negativo, se considerava uma criança e nunca afirmou ser um menino. O corpo que cresce e se desenvolve na adolescência não permite mais ignorar o sexo anatômico. Não é mais possível repudiar por completo o sexo masculino, pois o corpo delimita o gênero e impossibilita as manifestações da diversidade sexual.

A transformação do corpo, a passagem de João para Joana, permitiu a elaboração da relação excessiva e incestuosa com a mãe e uma conciliação com os homens e o pai. A cirurgia de redesignação sexual se torna um ato radical de tradução do enigmático de gênero. Os procedimentos cirúrgicos podem representar possibilidades de tradução para o enigma na transexualidade. Um recurso extremo e em ato para transformar e elaborar o excesso que habita o corpo do transexual.



A escrita de Joana opera como um movimento de tradução de sua história, como, também, a construção de um espaço de existência social. Joana escreve para existir e ser reconhecida como uma mulher. Neste sentido, é possível considerar as produções artísticas e literárias, as manifestações e as passeatas e toda expressão do movimento LGBT como a tentativa de construir um espaço de reconhecimento, pertencimento e existência social.

Joana e sua história permitiu acompanharmos as inúmeras traduções, destradações e retradações de um sujeito frente ao seu enigma de gênero. Apesar dos desafios da personagem, de uma história emocionante e repleta de situações que evidenciam o sofrimento e o drama de Joana e de consideramos a transexualidade como uma tradução radical e extrema em relação ao próprio corpo e gênero, ressaltamos a transexualidade como uma possibilidade de tradução diante das mensagens de gênero e a necessidade de um olhar singular para toda história, pois se Joana fosse criada em uma família mais amorosa ou atenciosa ainda poderia ser uma transexual, neste sentido, como relembra Ceccarelli (1999), assim como Édipo precisou resolver o enigma da Esfinge, somos todos nós convocados a traduzir o enigma da sexualidade que nos habita, tradução ou resposta única e singular.

As discussões em torno da transexualidade são ainda permeadas pela questão da transexualidade ser ou não uma patologia. Por exemplo, a transexualidade, em um modo de compreensão lacaniano, estaria intimamente relacionada à psicose. A transexualidade é associada à estrutura psicótica quando se considera a existência de uma carência do Nome-do-pai na constituição do transexual, desta forma, a transexualidade se caracterizaria como uma suplência diante da falta, porém, se diferencia da psicose por não apresentar delírios ou alucinações (MILLOT, 1992).



Neste sentido, a discussão da transexualidade estaria dentro dos territórios de uma psicopatologia. Entretanto, o caminho que procuramos trilhar foi justamente a passagem de uma concepção patológica para o campo da possibilidade no que se refere à diversidade sexual, ou seja, a possibilidade de um espaço menos rígido ou moralista para as traduções do enigma de gênero. Cabe ressaltar que ao adotarmos esse posicionamento não excluimos ou negamos outras concepções ou a existência de casos que demonstram uma psicopatologia.

De acordo com Ceccarelli (1999), a psicanálise deve se concentrar na investigação e na compreensão da dinâmica das manifestações da diversidade sexual, e não em discussões sobre a normalidade e a patologia de uma expressão da sexualidade. O trabalho do psicanalista é da escuta do sofrimento psíquico na forma de psicopatologias próprias e singulares para cada sujeito, livre de concepções moralistas. Ceccarelli (1999) ressalta que as expressões da sexualidade não devem ser consideradas problemas, e, sim, soluções diante das transmissões da sexualidade consciente e inconsciente do adulto, ou seja, uma tradução frente ao enigma de gênero. Neste sentido, o trabalho com a transexualidade e a diversidade sexual ressalta as inúmeras possibilidades de criação e de elaborações diante do que por excelência é o nosso enigma, a sexualidade.

REFERÊNCIAS

Àdreon, L. (1985). *Meu corpo, minha prisão*: autobiografia de um transexual. Pernambuco: Editora Marco Zero.

American Psychiatric Association. (2003). *DSM-IV-TR*: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artes Médicas.



American Psychiatric Association. (2014). *DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

André, J. (2009, Dez). Entrevista com Jacques André – *A vida de hoje e a sexualidade de sempre*. São Paulo: *Jornal de psicanálise*, 42(77), 13-22.

Angrimani, D. (1999). *Nicola: um romance transgênero*. São Paulo: Edições GlS.

Aran, M. (2006). *A transexualidade e a gramática normativa dos sistemas de sexo-gênero*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 49-63.

Aran, M. (2009, Set). *A psicanálise e o dispositivo diferença sexual*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3). Recuperado em 28 outubro, 2015, do http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300002&script=sci_arttext

Aran, M.; Murta, D. & Lionço, T. (2009, Aug.). *Transexualidade e saúde pública no Brasil*. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 14 (4). Recuperado em 15 junho, 2014, do http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200900040000&lng=en&nrm=iso

Aran, M.; Murta, D.; Lima, F. & Lionço, T. (2008). Relatório Preliminar - Pesquisa: *Transexualidade e Saúde: condições de acesso e cuidado integral*. IMS-UERJ/MCT/CNPq/MS/SCTIE/DECIT.

Barreto, O. F. & Ceccarelli, P. R. (2015, Jun). Entre o Eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre a transexualidade. *Reverso: Rev. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 69, 113-120.



Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

Bleichmar, S. (2007). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.

Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: desejos de pulsão, desejos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Brasil. (2010a). *Cadernos de Atenção Básica*. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Brasília.

Brasil. (2010b, Setembro 3). Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM nº 1.955/2010. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.652/02. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, Seção 1, 80-1.

Brasil. (2013). Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde.

Ceccarelli, P.R. (1998). *Transexualismo e identidade sexuada*. In Viviani, A., (Org.) *Temas da clínica psicanalítica* (pp. 137-147). São Paulo: Experimento.

Ceccarelli, P.R. (1999). *Sexualidade e preconceito*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, III, 3, 18-37.

Ceccarelli, P.R. (2003a). *Sexualidade e preconceito*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., III, 3, 18-37.

Ceccarelli, P.R. (2003b). *Transexualismo e caminhos da pulsão*. *Reverso*: Rev. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 50, 37-49.



Ceccarelli, P.R. (2008a). *A invenção da homossexualidade*. Bagoas, n.2, 71-93.

Ceccarelli, P.R. (2008b). *O corpo como estrangeiro*, IDE, 31, 54-60.

Ceccarelli, P.R. (2010). *Psicanálise, Sexo e Gênero: Algumas reflexões*. In Rial, C.; Pedro, J. & Arende, S. (Org.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade* (pp. 269-285). Florianópolis: Mulheres.

Cossi, R.K. (2011). *Corpo em obra: Contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: Versos.

Costa, M.C. (2011). *De um sexo ao outro: uma abordagem psicanalítica sobre a “mudança de sexo”*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Cury, C.A. & Souza, D. L. (2012, Maio/Agosto). *Caracterização psicossocial de pacientes submetidos à cirurgia de transgenitalização*. ReLAMS, 1 (2).

Dejours, C. (1988). *O corpo entre biologia e psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Dejours, C. (2006). *Por uma teoria psicoanalítica de la diferencia de sexos*. Introdução al artículo de Jean Laplanche. Rev. Alter, 2 (55-67). Recuperado em 20 setembro, 2014, do <http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero2/LaIndiferenciadeSexosFiccionDesafio.htm>.

Ebershoff, D. (2002). *A moça de Copenhague*. Rio de Janeiro: Rocco.

Elias, V.A. (2007). *Para além do que se vê: das transexualidades às singularidades na busca pela alteração corporal*. Dissertação



de Mestrado em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, Brasil.

Ferenczi, S. (1992). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. (A. Cabral, Trad.). In *Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933)

Freud, S. (1996a). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1920)

Freud, S. (1996b). *A sexualidade feminina*. Edição Standard Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1931)

Freud, S. (1996c). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1925)

Freud, S. (2016). *Análise fragmentária de uma histeria*. Obras Completas. (V.6). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1996d). *Feminilidade - Conferência XXXIII*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1932).

Freud, S. (1996e). *Leonardo da Vinci e uma recordação de infância*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1910).



Freud, S. (1996f). *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1923)

Freud, S. (1996g). *O Fetichismo*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1927)

Freud, S. (1996h). *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V.IX). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1908)

Freud, S. (1996i). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (V.VII). Rio de Janeiro: Imago. (Original Publicado em 1905)

Freud, S. (2013). *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa* (Contribuições à psicologia do amor II). Obras Completas (V. 9). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1912)

Freud, S. (2014a). *Considerações sobre desenvolvimento e regressão*. (Etiologia). Obras Completas. (V.13). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1917)

Freud, S. (2014b). *Inibição, sintoma e angústia*. Obras Completas. (V.17) São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926)

Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4a ed., D. Lagache, Direção; P. Tamen, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.



Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1996a). *Temporalidad y traducción*. Para un retrabajo de la filosofía del tiempo. In *La prioridad del otro en psicoanálisis* (pp. 65-84). Buenos Aires: Amorrortu.

Laplanche, J. (1996b). *Implantación, intromisión*. In *La prioridad del otro en psicoanálisis* (pp. 103-106). Buenos Aires: Amorrortu.

Laplanche, J. (1999). *Tres destinos del mensaje enigmático*. Rev. Uruguay de Psicoanálisis.

Laplanche, J. (2001). *Notas sobre el après-coup*. In Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.

Laplanche, J. (2003). *Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada*. Revista Brasileira de Psicanálise, 10, (3), p. 403-418.

Laplanche, J. (2006a). *El género y Stoller*. Rev. Alter. Recuperado em 20 Setembro, 2014 do http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero2/genero_sexo_sexual_Laplanche.htm

Laplanche, J. (2006b). *El género, el sexo, el sexual*. Rev. Alter. Recuperado em 20 Setembro, 2014 do http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero2/genero_sexo_sexual_Laplanche.htm

Lattanzio, F.F. & Ribeiro, P.C. (2012, Julho/Setembro). *Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico*. Psicologia em estudo, Maringá, 17 (3), 507-517.

Lattanzio, F.F. (2011). *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.



Lima, F. (2012, Jul). *Texto- Manifesto por uma euforia de gênero*. Queering Paradigms 4, Rio de Janeiro.

Machado, P.S. (2005a, Janeiro/Junho). *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural*. Cadern. Pagu, 24, 249-281.

Machado, P.S. (2005b, Outubro). *“Quimeras” da ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo*. RBCS, 20 (59).

Mannoni, M. (2005). *Una educación pervertida In Educación imposible*. México, Siglo XXI editores. Original publicado em 1973.

Matos, P. (2007). *De niño a mujer: biografia de Dolly Van Doll*. Córdoba: Arcopress.

Martinez, V.C.V.; Souza, I.S.F. (2014, Janeiro/Junho). *O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero*. Psicanál. - CPRJ, Rio de Janeiro, 36 (30), 171-197. Recuperado em 20 setembro, 2014, http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/11_O_mito_das_Amazonas_em_cena.pdf

Mello Neto, G.A.R. (1994). *O Ardil da Criança: o pensamento adulto sobre a criança, sob um enfoque psicanalítico*. Maringá, PR: Editora da Universidade Estadual de Maringá.

Mello Neto, G.A.R. (2012). *Psicanálise: a clínica e o projeto transferencial*. Rev. Psicol. em Estudo, 3 (17), 499-505.

Mello Neto, G. A. R.; Martínez, V.C.V. (2022) *Projeto Transferencial. Um conceito em construção*. Curitiba, Editora CRV.

Millot, Catherine. (1992). *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta.



- Organização Mundial de Saúde. (1993) *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: OMS.
- Ribeiro, P.C. (2010). *Identificação passiva e a teoria da sedução generalizada em Jean Laplanche*. *Percurso*, São Paulo, 44, 79-90.
- Ribeiro, P.C. (2012, Julho/Setembro). *Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria da sedução generalizada*. *Psicol. em Estudo*, Maringá, 17 (3), 445-452.
- Ribeiro, P.C. (2005, Dezembro). *Gênero e identificação feminina*. *Psicol. em Rev.*, Belo Horizonte, 11 (18), 238-256.
- Rihoit, C. & Nolais, J. (1980). *História de Joana transexual*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Rito, L. (1998). *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- Rodrigues, G. & Martinez, V.C.V. (2014, Dezembro). *A narrativa testemunhal e o enredamento do traumático no psiquismo*. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 17 (4), 858-871.
- Stoller, R.J. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago.
- VICHYN, B. (2005). *Homossexualidade*. In Mijolla, A. *Dicionário internacional da psicanálise: conceito, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vidal, G. (1970). *Myra*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- World Health Organization. (2021). *Clinical Description and Diagnostic Guidelines*. Gender Incongruence. ICD-11: WHO.



SOBRE OS AUTORES

Gustavo Angeli

É doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina na área de concentração Psicologia Social e Cultura e linha de pesquisa Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Docente do Curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.

Viviana Carola Velasco Martinez

É doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, psicóloga pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e Coordenadora do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Civilização.

